

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ – UEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: POLÍTICA, MOVIMENTOS POPULACIONAIS E
SOCIAIS
LINHA DE PESQUISA: FRONTEIRAS, POPULAÇÕES E BENS CULTURAIS

VIVIAN MADEIRA FARIAS

**A FESTA DE NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES EM PORTO RICO (PR).
REPERCUSSÕES DA ATIVIDADE TURÍSTICA**

MARINGÁ
2012

VIVIAN MADEIRA FARIAS

**A FESTA DE NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES EM PORTO RICO (PR).
REPERCUSSÕES DA ATIVIDADE TURÍSTICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História. Área de Concentração: Política, Movimentos Populacionais e Sociais. Linha de Pesquisa Fronteiras, Populações e Bens Culturais.

Orientação: Profa. Dra. Silvia Helena Zanirato

MARINGÁ
2012

TERMO DE APROVAÇÃO

VIVIAN MADEIRA FARIAS

**A FESTA DE NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES EM PORTO RICO (PR).
REPERCUSSÕES DA ATIVIDADE TURÍSTICA**

Prof^a. Dra. Silvia Helena Zanirato
(Presidente da Banca – Orientadora PPH - UEM)

Prof. Dr. Antonio Carlos Sarti
(Membro convidado – USP)

Prof^a. Dra. Ivana Guilherme Simili
(Membro do corpo docente – UEM/PPH)

Maringá, 23 de janeiro de 2012.

Dedico este trabalho a todos os ribeirinhos da cidade de Porto Rico. Que eles possam resgatar o sentido da festa de Nossa Senhora dos Navegantes e continuar a viver uma devoção que é autêntica e repleta de significados.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família pela força que me deu, sempre.

À minha querida mãe, por nunca deixar de acreditar em mim; à Vall, pela presença carinhosa e por toda cumplicidade existente entre nós; à Van, por sempre me apoiar e por vezes se tornar meu alicerce.

Sou grata aos amigos, sobretudo à Luana, que me deu suporte físico durante a festa para que eu pudesse registrar os acontecimentos quando eu mesma não tinha condições. Ao Montanha, pelo socorro final, e à Sil, pela sua companhia nas madrugadas de escrita e, principalmente, por não me deixar desistir.

Agradeço, de coração, à amiga e orientadora Silvia, por todos os puxões de orelha para que eu pudesse render e por me apoiar em um momento delicado, em que eu mesma já havia desistido.

A todos os que de alguma forma contribuíram para a realização deste sonho, muito obrigada.

RESUMO

A realização da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, no município de Porto Rico, no Estado do Paraná, constitui o tema central deste trabalho. O evento acontece todos os anos, no mês de agosto, e está integrado ao calendário turístico local. Trata-se de manifestação que, em sua origem, no ano de 1966, teve uma conotação predominantemente religiosa, seguindo rituais de devoção à Nossa Senhora que se espalham em várias partes do Brasil, cada qual com características próprias. A cidade de Porto Rico se situa na região noroeste do território paranaense, e seus habitantes têm como uma das alternativas de sustento a exploração de atividades vinculadas ao sistema fluvial que circunda a região. A pesquisa realizada teve por objetivo analisar o impacto socioeconômico do turismo sobre a festividade e a percepção deste pela população da cidade, bem como as transformações que atingiram, de forma gradativa, as homenagens à santa. Esses conflitos são abordados aqui, em análises acerca dos conceitos de festa, religiosidade, turismo, cultura e patrimônio imaterial, aliados à noção de turismo em suas várias classificações. Para isso, a pesquisa utiliza materiais jornalísticos dos vários períodos alcançados por ela, além de acervos fotográficos e entrevistas com moradores da cidade. O resultado obtido reflete a preocupação em conservar os traços originais da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, sem desconsiderar o interesse no incremento do turismo, desde que este seja encarado não apenas sob o ponto de vista econômico, mas também sob o ponto de vista social.

Palavras-chave: Porto Rico, Festa, Turismo, Cultura, Patrimônio Imaterial, História.

ABSTRACT

The feast day of Nossa Senhora dos Navegantes, in the municipality of Porto Rico, Paraná State, is the central theme of this work. The event takes place every years in the month of August, and is integrated with local tourism calendar. The manifestation, in its origin, 1966, had a predominantly religious connotation, following the rituals of devotion to Nossa Senhora that spread in various parts of Brazil, each with its own characteristics. The city of Porto Rico is located in northwestern area of Paraná, and their inhabitants have as an alternative livelihood activities related to exploration of the river system that surrounds the region. The survey aims to analyze the socioeconomic impact of the festival on the city's population as well as the transformations that have reached, gradually, the homage to the saint. The tourism and led to the development of local trade, emphasized infrastructure problems and generated during the day of the event, a spatial segregation between locals and visitors. These conflicts are discussed here, with analysis of concepts about the party, religion, tourism, culture and intangible heritage, coupled with the notion of tourism in its various classifications. Complementing the doctrinal and conceptual part, the research uses journalistic materials from various periods achieved by it, and photographic collections and interviews with city residents. The result reflects the concern to preserve the original features of the feast of Nossa Senhora dos Navegantes, without ignoring the interest in increasing tourism, since this is seen not only from the economic point of view but also from the social point of view.

Keywords: Porto Rico, Festival, Tourism, Culture, Intangible Heritage, History

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 SOBRE FESTA E SEUS SIGNIFICADOS NA PESQUISA EM HISTÓRIA	14
1.1 A FESTA COMO EXPRESSÃO DA CULTURA E PATRIMÔNIO IMATERIAL...28	
2 O TURISMO COMO ELEMENTO MODIFICADOR DE SIGNIFICADOS	34
2.1 ENTENDENDO O TURISMO.....	34
2.2. A APREENSÃO DA CULTURA PELO TURISMO.....	49
3 PORTO RICO E A FESTA NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES	52
3.1 A CIDADE DE PORTO RICO.....	52
4 AS TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS NA FESTA DE NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES	63
4.1 A Festa Nossa Senhora dos Navegantes.....	63
4.2 Festa Nossa Senhora dos Navegantes de Porto Rico. Um momento do evento entre os anos de 2008 e 2010.....	66
5 COMPREENDENDO A FESTA PELAS IMAGENS E ORALIDADES	73
5.1 A oralidade e a fotografia.....	73
5.2 As transformações da festa.....	82
CONCLUSÃO	100
APÊNDICES	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de um convívio de seis anos. Em 2005, durante o curso de graduação, tive a oportunidade de participar pela primeira vez da festa Nossa Senhora dos Navegantes, na cidade de Porto Rico, no Paraná. Essa experiência foi proporcionada pela disciplina de Psicologia Social, no curso de Turismo e me deu a oportunidade de observar a forma como os moradores locais viviam a festa. Nos dois anos seguintes passei a ter uma integração maior com a comunidade local, decorrente do vínculo que estabeleci com o Núcleo de Limnologia Ictiologia e Aquicultura (NUPELIA) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), em um Projeto de Longa Duração (PELD).

Um dos objetivos do projeto foi compreender a relação entre os habitantes locais e a atividade turística, que passava por um *boom* na cidade, assim como perceber as possibilidades de trabalho que havia na região no período estudado. Enquanto estive em contato com a população, pude observar que esta tinha alguns sentimentos específicos em relação ao turismo, sobretudo pela questão do aumento do número de visitantes que passaram a participar da festa em louvor à padroeira.

Ao pensar no mestrado, me propus a entender as implicações do turismo com a realização da festividade em Porto Rico.

A cidade de Porto Rico está localizada no extremo noroeste do Paraná, e faz divisa com o Mato Grosso do Sul, tendo como limite o rio Paraná. Desde 1966, acontece lá a Festa Nossa Senhora dos Navegantes, de cunho religioso e com duração de três dias. O evento tem como ápice a procissão fluvial que ocorre geralmente no domingo, seguida pela bênção dos barcos.

A festa, que a princípio contava predominantemente com a participação dos moradores da cidade, sobretudo os pescadores, passou, ao longo de sua existência, a receber visitantes de diversos lugares, muitos vindos com motivações religiosas, para pagar promessas, fazer pedidos ou simplesmente por devoção. Com o incremento da atividade turística no local, a festa passou a receber turistas que buscavam as belezas naturais ou simplesmente aproveitar o festejo.

Apesar do seu caráter religioso, é importante compreender que a festa objeto deste estudo, por mais que mantenha seus ritos religiosos, apresenta também aspectos profanos, como, por exemplo, bailes, *shows*, barracas de comida e parques de diversões. O problema analisado consistiu em identificar quais foram as

modificações que ocorreram na festa Nossa Senhora dos Navegantes ao longo de sua existência e quais as relações existentes entre tais transformações e a atividade turística desenvolvida na região.

A pesquisa foi desenvolvida com base em aproximação da sua autora com os moradores locais. A partir dos pontos de vista destes, buscou-se entender a relação que os ribeirinhos estabeleceram com os turistas. A grande atração de pessoas ao evento fez aumentar consideravelmente o fluxo turístico no local, que pode ser enquadrado como um turismo de massa, que traz consigo consequências próprias.

Festejar significa compartilhar com outros indivíduos um momento de extravagância, um momento em que se esquece o dia a dia para se viver intensamente aqueles momentos de “liberdade”. Essa relação que há entre os moradores locais com a festa delinea uma identidade social estabelecida, entre outros fatores, por uma mesma memória histórica, com um significado particular do grupo, visto que as manifestações populares reúnem diversas informações memoráveis e referências culturais. Uma forma de acessar essas memórias foi efetivada através da história oral, metodologia que foi utilizada para desenvolver este trabalho.

Para trabalhar as questões relacionadas a conceitos como festa, cultura e religião, utilizei como referencial teórico autores como Nestor Canclini, Clifford Geertz, Natalie Davis e Emile Durkheim, pensando em festa como manifestação cultural que permite identificar traços específicos de determinada cultura, assim como uma forma de fugir das tensões do cotidiano. Para Natalie Davis (1990), a festa é um elemento fundamental para a vida coletiva, pois ela intensifica as dimensões dos papéis sociais. A festa, como afirma Canclini (1983), é algo sintetizador da totalidade da vida de cada comunidade, e não se resume apenas a um momento de brincadeira, embora não se retire a importância desta para comunidade.

Para trabalhar o turismo, usei como referência Margarita Barretto, Jost Krippendorf e Marutschka Moesch, autores para os quais a atividade turística não se resume a uma indústria, a uma alternativa puramente para gerar renda e empregos. Mais do que isso, para eles o turismo deve ter uma grande preocupação com as questões sociais que o envolvem. Entendem esses autores que não é viável trabalhar o turismo de forma reduzida, como se a busca única de tal atividade fosse aumentar o número de visitantes a um determinado centro. Essa concepção tende a

excluir os interesses e os anseios dos moradores locais, propiciando melhorias que servem apenas aos visitantes, sem que a população permanente possa desfrutar de algum tipo de benefício.

Outra preocupação destacada pelos referidos autores são os impactos que o turismo pode gerar na localidade, desde que desenvolvido de forma não controlada e planejada, sobretudo quando se fala no turismo de massa, que, quando executado em ambientes naturais, como no caso da localidade em estudo, pode causar danos irreversíveis. Isso acontece, por exemplo, quando não se considera a questão da capacidade de carga, que delimita o quanto o local pode suportar de visitantes em um determinado período de tempo. Sobre isso, convém ressaltar que os impactos do turismo podem ser culturais, sociais, ecológicos e também identitários.

Para perceber as modificações ao longo do tempo foi preciso recorrer à memória da população, mediante depoimentos que reviveram grandes emoções. Isso foi possível devido ao uso da história oral, metodologia utilizada para colher informações relatadas por moradores a respeito da festa Nossa Senhora dos Navegantes.

Ao longo de quatro anos, estabeleci um contato com moradores importantes na organização da festa. Entre eles, por exemplo, o líder¹ dos pescadores, idosos que participam da festa desde suas primeiras edições, pessoas que trabalham no comércio, além de autoridades públicas e religiosas.

Foram necessários vários contatos para que houvesse uma confiança tamanha a ponto de relatarem o que realmente pensam a respeito dos acontecimentos na cidade. Como se trata de uma localidade pequena, é sensível o medo das pessoas em dizer coisas que “desagradem” a comunidade.

Após ganhar a confiança e deixar claro que nenhuma identidade seria revelada, colhi os depoimentos, na forma de entrevista temática livre semi-estruturada, onde não havia um questionário pré-formulado, pois considerei mais válido dizer do que se tratava a entrevista e em deixar que cada entrevistado dissesse aquilo que considerasse mais relevante. Quando achava necessário, eu fazia algumas perguntas para que a entrevista não fugisse muito do tema, mas sem direcionar as respostas.

¹ Líder não por qualquer tipo de eleição estabelecida, mas por ser um pescador respeitado e que se envolve de forma geral com a comunidade, recebendo o carinho e respeito de todos.

Com um gravador de voz digital, obtive um total de doze entrevistados. Foram aproximadamente 40 minutos de entrevista para cada um. Em seguida, cada entrevista foi transcrita e analisada, considerando que uma fonte só se torna documento a partir do momento em que o pesquisador dialoga com ela.

A imagem foi uma forma utilizada para comparar visualmente as transformações ocorridas na festa. Essas imagens foram obtidas na biblioteca municipal local, que no momento da pesquisa estava sendo desativada. Havia grande quantidade de material que seria jogado fora, como fotografias que datam de 1970, 1980, 1990 e mostram momentos significativos da festa. Também utilizei uma câmera digital para fotografar momentos das edições de 2008, 2009 e 2010, observando as diferenças entre elas.

Quando se faz uma foto, há uma intenção por trás do fotógrafo, assim como há uma intenção por trás de quem olha a foto. Por isso é preciso ter cuidado ao se analisar a imagem, visto que ela não é o retrato da realidade, mas apenas de uma fração do momento. Aqueles que utilizam a imagem como documento devem ter cuidado ao analisá-la, cruzando-a, sempre que possível, com outras fontes. Foi esse o procedimento que utilizei: cruzei as falas com as imagens e com notícias de jornais.

Da mesma forma, o jornal não pode ser visto como detentor da verdade. Toda reportagem é elaborada por alguém que possui determinado objetivo. Isso nos leva a ter cautela e não considerar como verdade absoluta aquilo que foi escrito em uma matéria de jornal.

Nenhuma fonte, nenhum documento pode ser tido como detentor da única verdade, pois a forma como foi construída e analisada está repleta de subjetividade. Daí a importância de se cruzarem informações, buscando-se, sempre, resultados mais embasados em documentos.

Feitas essas considerações, cabe dizer que este trabalho foi dividido em 5 capítulos. No primeiro, busco discutir de que forma a festa passou a ser estudada pela história, conceituando e relacionando conceitos como os de festa, religião, cultura e patrimônio cultural.

No segundo capítulo, trabalho a questão do turismo, de como ele pode modificar os significados e as preocupações inerentes ao turismo de massa e, em seguida, a forma como o turismo pode estar relacionado às questões culturais.

No terceiro, trato da área em estudo, ou seja, a cidade de Porto Rico, seu processo de formação e a relação da mesma com a festa em questão.

No quarto, trago a história da festa Nossa Senhora dos Navegantes de forma geral, como foi que surgiu no Brasil, quais seus significados, até especificar em suas manifestações na cidade em estudo, em seguida faço um recorte sobre a realização da mesma entre os anos de 2008 e 2010.

Por fim, no capítulo 5 eu analiso as modificações ocorridas ao longo dos anos na festa, entrelaçando minhas conclusões com as análises das entrevistas, fotos e reportagens, fazendo uso da história oral e do trabalho com fontes imagéticas.

1 SOBRE FESTA E SEUS SIGNIFICADOS NA PESQUISA EM HISTÓRIA

O presente trabalho apresenta um estudo a respeito das interferências da atividade turística sobre uma festa que ocorre na cidade de Porto Rico, no Paraná, e que é considerada pelos moradores do local como um patrimônio cultural imaterial. Esta festa é denominada Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, uma festa popular e religiosa onde os fiéis, sobretudo os pescadores agradecem pelas bênçãos recebidas durante o ano e pedem graças para o ano que se inicia. Mais especificamente, proponho-me a estudar de que forma o turismo está a influenciar as formas dos moradores locais viverem a festa em homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes.

Para tal, me utilizo de fontes jornalísticas que me permitem comparar como a festa era realizada em suas primeiras edições na década de 1960, e como ela é hoje; assim como da fonte oral, com vistas a perceber, nas falas dos moradores e daqueles que vivem a festa desde os anos 1960, as mudanças ocorridas e os significados dessas mudanças para eles e a comunidade de Porto Rico.

As discussões, debates e pesquisas a respeito do tema “festa” tem-se intensificado cada vez mais. Há uma preocupação com o estudo do seu realizar e sua importância histórica, social e econômica. Um dos pontos bastante discutido por estudiosos que se propõem a estudar o tema são as interferências e as modificações pelas quais as mais diversas festas passam ao longo de sua existência, assim como quais fatores são responsáveis pelas mudanças que alteram as formas de viver e de sentir a festa.

Para tanto, faço uma breve discussão a respeito dos estudos que versaram sobre o tema, desde quando este passou a ser estudado, sobretudo por historiadores.

Foi no final do século XVIII e início do XIX que as manifestações culturais populares e tradicionais passaram a ser vistas como objeto de estudo e de investigação. Tal preocupação ocorreu primeiramente na Europa e só mais tarde se espalhou para outras partes do mundo como, por exemplo, o Brasil. Os grandes

precursores foram os folcloristas, que tomavam as festas como manifestações das classes populares e analisavam os rituais e símbolos que compreendiam sua realização. Aos poucos o interesse por essa temática foi ampliada para outros campos do conhecimento como história, antropologia e sociologia, que passaram a estudar o fenômeno (ESPIG, 1998).

A História se tornou um campo de conhecimento que passou a se preocupar com a análise de um cenário tão rico de informações como o da festa. Na História a festa começou a ser estudada após a abertura proporcionada pela Nova História, quando os objetos de estudo foram ampliados, deixando de se ter como fonte apenas documentos oficiais, mas toda e qualquer forma de manifestação humana que trouxesse marcas de uma população, de seus costumes ou tradições.

Isso ocorreu porque alguns historiadores passaram a olhar a cultura com outros olhos. Para que houvesse essa mudança foi preciso mudar entendimentos a respeito do que é cultura. Para isso a História foi buscar influências na sociologia e na antropologia (ESPIG, 1998).

Segundo Espig

Um primeiro aspecto a ser mencionado é a influência da antropologia sobre a própria alteração do conceito de cultura. Atualmente os historiadores têm tomado este conceito em um sentido muito mais amplo. Embora continuem as dificuldades na definição de expressões como cultura popular ou cultura erudita, os objetos de estudos abordados pelos historiadores da cultura sofreram uma notável ampliação. Mentalidades, atitudes, valores, crenças, mitos, representações, códigos de comportamento e rituais são vistos como instrumentos que propiciam a compreensão de uma realidade social. (ESPIG, 1998, p.12)

Ou seja, a cultura deixou de ser entendida como algo alheia às preocupações dos historiadores, deslocada do seu universo. Cada manifestação, cada gesto, cada objeto que mereça ser observado e estudado pelos historiadores culturais deve ser feito dentro do contexto social onde está inserido. Desta forma tornou-se possível estudar as festas e suas modificações juntamente com todo o cenário em que ela faz parte.

Andrea Paula dos Santos, em seu artigo “Trajetórias da História Social e da Nova História Cultural: cultura, civilização e costumes no cotidiano do mundo do trabalho” nos mostra o entendimento da antropologia a respeito da cultura, que acabou por influenciar os historiadores para esse tema. Segundo a autora,

Para os antropólogos, a cultura pode ser lida em vários níveis. No primeiro deles, compreende características de comportamento que são exclusivas dos seres humanos em relação a outras espécies. Também traz consigo a noção de comportamento aprendido e ensinado, em vez de instintivo. (...) Dessa forma, os estudos culturais implicaram no reconhecimento de que se encontram povos e contextos culturais unidos não por identidades genéticas ou biológicas, mas por tradições sociais. Porém, a cultura não é apenas acumulação de tradições sociais. Ela está tão profundamente entrelaçada com todo o sistema cognitivo que a visão do mundo em cada indivíduo é construída pela experiência e a ela está sujeito. (SANTOS, 2005, p. 2)

Um nome bastante conhecido entre aqueles que se decidem a estudar a cultura é Clifford Geertz, em quem me apoio para entender a respeito das manifestações culturais, sobretudo a festa em questão. Ele é bastante preciso quando diz que

De qualquer forma, o conceito de cultura ao qual eu me atento não possui referentes múltiplos nem qualquer ambigüidade fora do comum, segundo me parece: ela denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporando em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seus conhecimentos e suas atividades em relação à vida (GEERTZ, 1989, p. 66)

Este mesmo autor afirma que o homem é um “animal amarrado às teias de significados que ele mesmo teceu” e que a cultura é como se fossem essas teias. Ela não pode ser vista como padrões concretos de comportamento e sua análise é intrinsecamente incompleta; quanto mais profunda menos completa ela se apresentará.

Outra contribuição que os historiadores receberam e que favoreceu a abertura de análises históricas voltadas para a cultura veio da Sociologia. Conforme afirma Espig

a sociologia define os fenômenos sociais a partir das condutas individuais, ou seja, o ponto de partida da análise sociológica será dado através da ação de indivíduos (...). Uma ação que compreende as diferentes manifestações sociais (ESPIG, 1998, p. 15-16).

A preocupação das Ciências Sociais é a de tomar como objeto de estudo não apenas a realidade, as condições objetivas, mas também a percepção, os pontos de vista, as perspectivas que se referem a essa realidade.

Desta forma percebe-se que, enquanto na Antropologia a ênfase está nas ações do homem, nos costumes e atitudes construídos a partir das suas experiências, para a Sociologia há o cuidado de estudar essas ações dentro da sociedade em que o indivíduo está inserido.

Essas concepções foram incorporadas por historiadores e resultaram em uma escrita da História, preocupada com as manifestações, os ritos e as crenças, com as festas; entendidas como momentos repletos de significados e expressão de uma determinada cultura.

Michel Vovelle (1987) trata a festa segundo a perspectiva de que ela é um campo rico para observação, visto que nela o grupo projeta sua representação de mundo, chegando até mesmo a filtrar suas tensões. Natalie Davis (1990), por sua vez, afirma que a festa é um elemento fundamental para a vida coletiva, pois ela intensifica as dimensões dos papéis sociais. Para Raquel Soihet (1992), a festa é uma válvula de escape para a população, em relação às suas tensões do cotidiano.

A festa é assim esse momento em que as atitudes se extravasam, onde o sujeitos saem de seus cotidianos, deixam de pensar nas dificuldades, nos seus problemas e, por algumas horas, se permitem viver sem tensões. É dentro da festa que indivíduos de classes sociais diferentes interagem sem muito apego às normas sociais estabelecidas no mundo do trabalho.

A nova história passou a conceber a festa como um momento onde um grupo, uma sociedade, uma determinada cultura, projeta sua representação de mundo e vive instantes de sonho, de utopia.

Feitas essas considerações acerca de como a festa se tornou um objeto de interesse dos historiadores, há agora que discutir o que se entende neste trabalho por festa. Para isso cabe perguntar, o que é então a festa, esse objeto que ao longo dos anos foi se tornando interesse de estudo e ganhando espaço entre os campos de investigação, sobretudo na História?

Antes de responder a tal questionamento é de grande importância que se tenha claro a concepção de homem e humanidade, visto que a festa é uma realização da existência humana.

Josef Pieper discute a relevância de se estudar as questões próprias da existência humana antes de se entender a festa, ou o dia da festa, pois o estudo desta está diretamente ligado ao cotidiano, à rotina, ao trabalho, visto que ela marca

a ruptura com estes acontecimentos. O momento da festa é um momento de se desligar das pressões e preocupações do dia-a-dia.

É Pieper quem afirma que:

... celebrar una fiesta significa precisamente lo mismo que hacerse contemplativo y, en ese estado, tomar contacto directo con las supremas realidades sobre la cuales reposa toda la existencia humana. (...) Lo que no quiere decir que la fiesta sea simplemente contemplación y auto reflexión, ello sería claramente en contradicción con la experiencia². (PIEPER, 2008, p. 26)

A festa é uma grande manifestação de riqueza, e riqueza neste contexto não se refere a bens de valores monetários, econômico, mas sim cultural e existencial. Nela há aspectos que se manifestam fora do cotidiano das pessoas que ali se situam. Na festa se expressa outro mundo, uma forma diferente de entender a vida em sociedade, ela é marcada pelo lúdico, pela exaltação dos sentidos e das emoções.

Ela é um lugar de encontro, onde pessoas circulam e estabelecem uma relação de troca, não apenas de objetos, mas de saber, de conhecimento, emoções tradições, ou seja, na festa se “produz cultura”. Pois não há uma cultura pura, segundo Saial (apud EAGLITON, 2005) “todas as culturas estão envolvidas umas com as outras; nenhuma é isolada e pura, todas são híbridas, heterogêneas, extraordinariamente diferenciadas e não monolíticas”. Desta forma não há lugar melhor para esse emaranhado de “cultura” do que uma festa.

Além disso, é um lugar propício para o encontro entre os “iguais” e sobretudo os “diferentes”, segundo Rita de Cássia de Mello Peixoto Amaral

A festa é ainda mediadora entre os anseios individuais e os coletivos, mito e história, fantasia e realidade, passado e presente, presente e futuro, nós e os outros, por isso mesmo revelando e exaltando as contradições impostas à vida humana pela dicotomia natureza e cultura, mediando ainda os encontros culturais e absorvendo, digerindo e transformando em pontes os opostos tidos como inconciliáveis. (AMARAL, 1999, p. 52)

A festa é ainda um “local” onde os papéis se invertem, se misturam e, embora haja dentro dela uma certa hierarquia, esta não é necessariamente a mesma

² ...celebrar uma festa significa precisamente o mesmo que fazer-se contemplativo e, nesse estado, tomar contato direto com as supremas realidades sobre as quais repousa toda a existência humana. (...) O que não quer dizer que a festa seja simplesmente contemplação e auto reflexão, isso seria claramente em contradição com a experiência

imposta pelo cotidiano, pelas diferenças sociais, culturais étnicas, permitindo desta forma a fuga da opressão do dia a dia.

Conforme afirma François Isambert (1968), há dois pólos nas festas: a cerimônia, que é marcada pelo rito propriamente dito, e a festividade, que é a efervescência da festa. Esses pólos aparentemente opostos tem grande afinidade entre si, um complementa o outro, não há festa sem rito, nem há festa sem festividade. O mesmo entendimento se vê em Pieper para quem não é possível

Imaginarse una fiesta sin canto, música, danza, sin ceremonia, con contextura visible, sin signos externos y plástica. Es múltiple la sospechada relación que vincula las artes a la fiesta³. (PIEPER, 2008, p. 67)

Para esse autor, nas festas “coinciden las artes y la fiesta: ambos se alimentan de la aprobación de ali existente”. (PIEPER, 2008, p. 70).

Outra questão a ser pensada é a de que nas festas

em quaisquer festas, mesmo nas de cunho religioso e fúnebre, estão presentes de alguma maneira o excesso, a extravagância, a brincadeira e a folia. A diversão torna-se desta forma a própria lei da festa (CALLOIS, 1988, p. 130).

Segundo Callois, o excesso e a extravagância presentes estão para libertar e dar liberdade, para fazer aquilo que é tido como proibido no cotidiano, pois

não existe festa, mesmo triste por definição, que não comporte pelo menos um principio de excesso e de pândega”. A festa então define-se “pela dança, canto, a ingestão de comida, a bebedeira. É preciso se divertir à grande, até se prostrar, até cair doente. É a lei mesma da festa (CALOIS, 1989, p. 130)

Pieper, por sua vez, afirma que não é simplesmente o ato de alegrar-se que caracteriza uma festa. É preciso que haja motivos para essa alegria e que os homens se identifiquem e reconheçam o motivo como pertinente à sua história e à sua vida. Ou seja, a festa, para ele, é um momento de ruptura do cotidiano onde devem obrigatoriamente haver grandes alegrias, de forma que os participantes da mesma se reconheçam, se identifiquem com o motivo que justifica a festa.

³ Imaginar uma festa sem canto, música, dança, sem cerimônia, com contextura visível, sem signos externos e plásticas. É múltipla a suspeita relação que vinculas as artes à festa.

Segundo trabalho realizado por Kleber S. Adão (2001), o estudo sobre as festas se dividem em duas linhas básicas, uma na qual os autores tratam a festa como um aspecto totalizador da vida de cada comunidade onde esta é realizada, e um segundo grupo, para o qual a festa é entendida como uma unificação comunitária.

Conforme este mesmo autor, o primeiro grupo é formado por autores clássicos como Mircea Eliade (2008) e Jean Duvignaud (1986), que consideram a festa como uma ruptura do cotidiano, uma passagem do profano para o sagrado, uma busca de um tempo original no qual se reencontra de modo pleno a dimensão sagrada da vida. No segundo grupo o autor situa Nestor Canclini (1983), que não vê a festa apenas como uma ruptura, ou uma passagem do profano para o sagrado, mas como algo sintetizador da totalidade da vida de cada comunidade, ou seja, das organizações e relações política, econômica e estrutural da comunidade. A festa é para ele uma forma de unificação comunitária que tem por objetivo celebrar os acontecimentos e crenças dos homens, representar suas condições de vida, tanto material quanto imaterial.

Há ainda autores que entendem a festa como um

acto colectivo que, caracterizado por las constantes de sociabilidad, participación, ritualidad y la anulación temporal y simbólica del orden, posee rasgos de excepcionalidad, presupone el disfrute y se celebra en honor de alguien, algo a algún acontecimiento concreto⁴. (Josep Martí, 2008, p. 14)

Para esse autor a festa é um poderoso elemento de sociabilidade.

É também importante ter clareza de que as festas não são todas iguais, há diferentes tipos de festa e cada uma requer um olhar e um debruçar diferente. Por exemplo, temos festas cívicas, festas religiosas, festas familiares, urbanas, rurais, empresariais, etc.

Uma vez que neste estudo é dado maior ênfase à festa religiosa, cabe dizer que a religião, segundo Geertz, precisa ser vista como

⁴ ação coletiva, caracterizada pela convivência constante, participação, ritual e cancelamento temporário simbólica da ordem, tem características excepcionais, pressupõe o gozo e é celebrada em honra de alguém, alguma coisa para um evento particular

[...] (1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de fatalidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas. (GEERTZ, 1989, p. 67)

Pensando na religião como este sistema de símbolos que formula conceitos, torna-se possível entender a importância das festas para a manutenção da cultura popular religiosa.

Há que se lembrar que o Brasil é um país com uma população em sua maioria católica, isso se deve, entre outros fatores, ao processo de colonização europeia, do catolicismo português, no qual se viu a forte catequização dos índios e negros, que, mesmo mantendo de alguma forma seus ritos religiosos anteriores, sofreram grande influência do catolicismo. Um dos mecanismos utilizado pelos colonizadores para a propagação da fé cristã no Brasil foi a realização de festas, num entendimento de que essas facilitavam a comunicação entre o catequizador e o catequizado.

É possível perceber tais questões na fala de Carmem Lúcia Costa (2010), quando afirma que

No Brasil são muitas as práticas festivas populares, sendo que um grande número é de festas religiosas, embora as profanas também estejam presentes, praticamente em todo o território o ano todo. O grande número de festas religiosas explica-se, em parte, pela colonização portuguesa, de forte tradição católica, e pela catequização rápida e contínua em todo o território, que procurava homogeneizar as práticas festivas herdadas de diferentes povos como índios e negros. (COSTA, 2010, p. 82)

Segundo essa autora, a herança portuguesa católica também explica a quantidade de festas ao longo do ano civil.

A relação da Igreja Católica com o Estado explica o fato de várias cidades possuírem um santo padroeiro, geralmente o santo do dia de sua emancipação ou o santo para o qual a comunidade já realizava festas tradicionais. As festas para santos têm como característica, ainda, além de muita reza, as quermesses, músicas, comida e comércio de produtos variados com o objetivo de arrecadar fundos para a manutenção da igreja. (COSTA, 2010, p. 82)

Essa riqueza que a autora aponta para as festas religiosas em relação a música, comércio, comida, quermesses se faz presente em todas as festas

populares; não há um festa em que não se tenha ao menos uma pessoa vendendo uma pipoca, o que nos faz vincular a concepção de festa popular com o consumo, seja na festa ou da festa, pois conforme a mesma autora “a festa é um espaço de aproximação das mercadorias com as pessoas, pois coloca ao alcance do olhar daquele que passeia e passa por ela os produtos” (COSTA, 2010, p.168).

A religiosidade tem o poder de aproximar pessoas e, de certa forma, lhes confere um sentimento de comunidade, a festa então deixa de ser simples comemoração e passa a fortalecer os laços sociais. Nas festas religiosas indivíduos “diferentes” se mesclam em virtude de uma só fé.

[...] pode-se afirmar que essa dinamicidade da festa religiosa permite entender não só elementos internos, mas sobretudo situações de ordem contextual, social e local, enriquecendo o trabalho do pesquisador dessa área; que fatalmente mergulhará num universo cultural marcado pelo hibridismo das formações, pela complexidade de certas apreensões do divino ou sagrado nas ações cotidianas e populares das festas brasileiras. (SANTOS, 2005, p. 13)

De acordo com Pieper (2008, p.43) a festa religiosa “es la forma más festiva de la fiesta”, com toda a sua pluralidade e particularidade. Isso faz com que muitos voltem o olhar de forma mais crítica para tal acontecimento, visto que ele pode revelar questões do cotidiano de quem delas participa, direta ou indiretamente.

a festa religiosa, explica os valores e as contradições da cultura popular brasileira e de uma sociedade em que o fator religioso foi um dos importantes elementos de seu processo civilizador, tendo formado, em vista disso, não apenas um habitus e uma religiosidade, mas vários habitus e religiosidades. (ADÃO, 2001, p. 20).

A festa de cunho religioso constitui uma forma de expressão de grande relevância para a vida diária do povo, sobretudo para as camadas populares. Segundo Furretti,

No Maranhão e em todo o Nordeste, religião e festas constituem assunto fundamental na vida de muitas pessoas, a rotina diária é interrompida muitas vezes ao longo do ano, pela organização ou a participação em diversas festas, que assinalam a quebra periódica desta rotina. Para os que organizam, as festas não representam propriamente momentos de lazer, mas de trabalho, intenso e prazeroso, no seu preparo e na sua realização (FURRETTI, 2001, p. 1)

Esse é um ponto que pode ser observado em festejos, que expressam um crescimento tamanho no qual se vê o envolvimento de toda a população ao organizar e trabalhar na festa, ao expressar significados e valores que lhes são importantes. Porém, conforme afirma Costa (2010), se os interesses dos participantes da festa que veem de fora da comunidade forem fortes o suficientes para (re)defini-la, isso pode fazer com que a tradição seja colocada em segundo plano, tornando a realização da festa uma mercadoria. Tal atitude acaba por alienar os sujeitos que produzem a festa em relação à cultura que estão produzindo.

Não há, contudo, como demarcar um limite entre o que é sagrado e o que é profano, entre o que seja um rito da festa religiosa e uma festa popular em si. É importante então perceber que “hay fiestas mundanas, pero no profanas” (Pieper 2008, p. 44).

O carnaval, por exemplo, é uma festa mundana, mas que seu acontecer envolve aspectos de cunho religioso, visto que é após o Carnaval que se inicia a quaresma, um período de extrema religiosidade para os cristãos e católicos.

Para Léa Freitas Perez é Emile Durkheim quem aponta a estreita relação existente entre religião e festas, uma vez que elas teriam surgido pela necessidade de separar o tempo em dias sagrados e dias profanos

nos dias de festas, a vida religiosa atinge um grau de excepcional intensidade. (...) o caráter distintivo dos dias de festa corresponde, em todas as religiões conhecidas, à pausa no trabalho, a suspensão da vida pública e privada à medida que estas não representam objetivo religiosos. (...) dias ou períodos determinados dos quais todas as ocupações profanas sejam eliminadas. (...) o que constitui essencialmente o culto é o ciclo das festas que voltam regularmente em épocas determinadas. (DURKHEIM, 1989, p. 372-372)

A festa religiosa é então essa manifestação do sagrado, essa vivência do sagrado na qual se vêem também presentes elementos profanos. Não há necessidade de separar o sagrado do profano, essas duas dimensões da festa podem estar juntas e muitas vezes é essa junção que permite à festa continuar a existir. Toda festa profana apresenta elementos religiosos e toda festa religiosa apresenta elementos profanos. Isso se afirma na fala de Durkheim, quando diz que

[...] toda festa, mesmo quando puramente laica em suas origens, tem certas características de cerimônia religiosa, pois em todos os casos ela tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes

mesmo delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso. (DURKHEIM, 1968, p. 547)

Segundo Rita Amaral (1992) a festa brasileira se liga essencialmente à religião e, desde o período colonial, a sociabilidade brasileira encontra-se estreitamente relacionada à realização de festas. Tanto nas festas como nas cerimônias religiosas o homem sai de si, distrai de suas preocupações do cotidiano; em ambas se vêem gritos, cantos, músicas, movimentos, ou seja, em ambas o excesso e as transgressões estão presentes.

A festa religiosa parece representar portanto, um espaço imaginário diferente, onde o homem se liberte do constrangimento das hierarquias econômicas e sociais, propondo seus ideais ou fantasiando sobre o futuro. Os mistérios e dramas litúrgicos são aspectos dessa imensa tentativa de impor ao mundo (desde o período feudal, pelo menos e nas sociedades ocidentais) uma igualdade mítica que contradiz a realidade cotidiana: utopia viva, a festa supõe uma imagem do homem diferente daquela que lhe impõe o sistema social. (AMARAL, 1998, p.49-50)

Estabelecidas algumas relações entre religião e festas, há ainda que se considerar que se está aqui a tratar de uma festa religiosa de cunho popular, o que implica em definir o que se entende por popular, em diferenciar o que é ou não “povo”, o que é ou não cultura popular, como também o que é ou não religião popular.

Conforme afirma Cláudio Malo González,

Dándose en casi todas las culturas una estratificación piramidal fundamentada en la jerarquización de algún tipo de valores, hay una amplia tendencia a usar los términos pueblo y popular asociados a inferioridad con respecto a estratos más elevados [...] se puede también referirse a pueblo como fuente donde se encuentran los valores auténticos de la colectividad y que, en consecuencia, debe servir de fundamento para los proyectos políticos y culturales⁵. (GONZÁLEZ, 1996, p.19)

Para esse autor, há que se ter cuidado em não entender a festa popular como algo menor, porque provinda do povo.

⁵ Ocorrendo em quase todas as culturas a estratificação baseada na pirâmide hierárquica de algum tipo de valores, há uma tendência generalizada em usar os termos povo e popular associados com inferioridade em relação a camadas mais altas [...] pode-se também se referir a povo como a fonte de onde o verdadeiro valor se recolha e que, em consequência, deve ser a base para projetos políticos e culturais

A partir disto há então que se entender o que é a cultura popular, como são os estudos que tomam a cultura, que apresentam o povo como aquele que mantém a tradição e valores de suas comunidades, muitas vezes tidos como inferiores à elite, portadores de hábitos que só são valorizados se adquiridos a partir de um relacionamento com a chamada educação formal.

A cultura corresponde a um conjunto de características que determina a identidade de um grupo, uma nação ou um indivíduo. Então, há que ser claro que a cultura é algo constituído ao longo do tempo, uma herança social que passa de geração a geração através de experiências vivenciadas no decorrer de toda uma vida. É uma série de fatores que agrupados formam uma determinada cultura, como hábitos alimentares, festivos, vestuários, formas de cultivar a terra ou de retirar dela a subsistência, o modo como ocorrem os relacionamentos entre elementos dentro do grupo, assim como com os que estão fora deste.

A cultura não é estática, não há como falar em uma cultura que, ao ser estabelecida, nunca mais se altera; ela está sujeita ao contato com outras culturas diferentes. Essa aproximação gera alterações em ambas. Não se pode dizer quem ganha e quem perde com tal aproximação, mas sim que há uma troca de experiências e de conhecimentos.

Embora se fale em culturas diferentes e na transmissão de conhecimento entre estas, é importante ficar esclarecido que não pode ser dito que uma cultura é superior à outra.

A cultura popular é rica em traços que nos permite conhecer a forma de viver de um grupo, ainda que tenha sido por muito tempo marginalizada. Segundo Gonzáles

los grandes sectores populares que organizaban sus vidas mediante sistemas de valores y creencias enraizados por siglos en sus almas y sus mentes, eran los detentadores – dentro de la concepción oficial – de la vulgaridad y la incultura⁶. (GONZALES, 1996, p. 26)

Da mesma forma as festas e religiões populares se caracterizam pela flexibilidade, pela tolerância. Isso se faz presente na fala de González quando diz que:

⁶ Os grandes setores populares que organizam suas vidas por valores e sistemas de crença enraizada por séculos em suas almas e suas mentes foram os titulares - dentro da visão oficial - a partir da vulgaridade e da ignorância.

En lo referente a creencias, rituales, ceremoniales y principios morales la religiosidad popular se caracteriza por una flexibilidad mucho mayor que la elitista y por un sentido más amplio de tolerancia a desviaciones que merecerían condena dentro de la ortodoxia. [...] *enquanto* se caracterizan estas festas por su poder integrador en la colectividad, sus integrantes refuerzan su conciencia de identidad y pertencia al grupo robusteciéndose los lazos de solidaridad y reciprocidad.⁷ (GONZÁLEZ, 1996, p. 57-59)

As festas populares de cunho religioso podem então ser definidas como expressões da cultura de um dado grupo social, que são mantidas e transmitidas de geração em geração. São rituais dotados de alto grau de simbolismo, que têm a capacidade de integrar o grupo em torno da celebração, reforçando a identidade coletiva e o sentido de pertencimento do grupo.

Faz-se necessário neste ponto chamar a atenção para o que Pieper nos alerta, de que o que acontece no interior da festa nem sempre decifra o seu exterior,

Sin embargo, se mantiene que lo que realmente acuse en la celebración de una fiesta no deja decifrarse a una contemplación exterior. Para ello es preciso penetrar en una cámara, cerrada a los iniciados. Así son las fiestas de la cristiandad, las únicas cuyo núcleo invisible todavía podemos captar⁸. (PIEPER, 2006, p. 58)

Tal citação nos coloca em alerta ao estudar determinada festa, pois não podemos atribuir todas as manifestações e acontecimentos da festa para a realidade do dia-a-dia da população que dela participa. É preciso ter este cuidado, ou seja, o trabalho e o estudo das festas é algo que precisa ser feito com muita cautela e um olhar muito atento a todos os detalhes e indícios, pois aquilo que parece insignificante em um primeiro instante pode decifrar algum questionamento mais adiante.

Outra grande preocupação que deve estar presente nos estudos sobre festas, assim como em suas realizações, é o fato de que ocorrem alterações e modificações no ritual e isso leva à descaracterização da mesma, o que alguns autores chamam de “a decadência da festa”.

⁷ Com relação às crenças, rituais, cerimônias e princípios morais da religiosidade popular é caracterizada por uma flexibilidade muito maior do que a elite e uma maior tolerância a desvios que merecem condenação dentro da ortodoxia. Enquanto [...] essas festas são caracterizadas por seu poder de integração na comunidade, seus membros fortalecer seu senso de identidade e pertencimento ao grupo reforçando os laços de solidariedade e reciprocidade.

⁸ No entanto, o que realmente mantém o reconhecimento em celebração de uma festa não deixa de decifrar uma contemplação exterior. Isto requer entrar em uma “câmara”, fechada para os leigos. Tais são as festas do Cristianismo, a única cujo núcleo invisível ainda podemos capturar.

A decadência da festa está, sobretudo em realizar-se sem sua verdadeira espinha dorsal. Conforme afirma Pieper,

“Sin embargo, como saben todos, la fiesta auténtica desaparece tras el preponderante abuso comercial. El hecho se hace irreconocible de modo grotesco⁹” (2006, p. 78).

Muitas vezes ao se tornar uma festa comercial, sua “medula festiva” acaba sendo afetada, gerando riscos de descaracterização. A função da festa não é simplesmente alegrar, distrair, mas, sobretudo, ela se concretiza enquanto um modo mais poderoso de regeneração.

É possível perceber alguns traços nas “festas artificiais” e a perda de alguns pontos importantes que estão presentes nas “autênticas festas”. Sobre isso Josef Pieper afirma que,

Es posible dejar vacío el ámbito existencial en el que la fiesta, la verdadera fiesta, tiene su asiento. Y cuando, sea por lo que sea, no se celebran fiestas, aumenta, inevitable, en igual medida la proclividad por la fiesta artificial. Excepto lo necesario, aquello que hace de una fiesta auténtica fiesta, se encuentra en la imitación quizá todo lo que es propio ‘también’ de un día de fiesta. Extrañamente se llegan a mantener en ella incluso algunos elementos de la estructura de la fiesta, caídos con frecuencia en el olvido. Por ejemplo: que, referida a su objeto propio, la fiesta es de hecho un asunto público, que afecta a la comunidad política: que durante la fiesta se eliminan las diferencias sociales; que, además, la paz social y política, la <<fraternidad>> ciertamente, es uno de los frutos o también una de las condiciones de la fiesta. Esto último, sobre todo, ha sido una vieja convicción de los hombres¹⁰. (PIEPER, 2006, p. 88)

Feitas essas aproximações, vejamos agora as relações que permitem dizer que as festas são expressões do patrimônio cultural imaterial de um povo.

⁹ No entanto, como todos sabem, a verdadeira festa desaparece por trás do abuso da liderança comercial. O fato é grotescamente irreconhecível

¹⁰ É possível deixar um campo vazio no âmbito existencial em que a festa, a verdadeira festa tem a sua “sede”. E quando, seja por que for, não se celebram festas, aumenta, inevitável, em igual medida a tendência pela festa artificial. Exceto quando necessário, o que faz uma festa verdadeira festa, encontra-se na imitação talvez tudo o que é próprio ‘também’ de um dia de festa. Estranhamente você consegue manter ainda alguns elementos da estrutura da festa que muitas vezes caíram no esquecimento. Por exemplo: que, se refere a seu objeto, a festa é realmente uma questão pública, que afeta a comunidade política: durante a festa se elimina as diferenças sociais que, além, da paz social e política, a <<fraternidade>> é certamente um dos frutos e também das condições da festa. Este último, especialmente tem sido uma antiga crença dos homens.

1.1 A festa enquanto expressão da cultura e um patrimônio imaterial

Partimos do princípio que a festa que estamos estudando é uma expressão imaterial da cultura popular de Porto Rico e por isso, a importância de se conservar os valores simbólicos expressos na festa que ocorre naquele local. Por isso a preocupação em entender o que é o patrimônio cultural e o contexto histórico da formação do conceito patrimônio, a partir de algumas definições estabelecidas por diversos autores. Feito isso o próximo passo é o de entender em que medida patrimônio e festa se relacionam e porque conservá-la significa vivificar a memória da comunidade que a pratica.

A Constituição brasileira de 1988 define o patrimônio em seu artigo 216:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I – as formas de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver; III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, SENADO FEDERAL, 1988, p.97)

O patrimônio compreende os elementos materiais e imateriais, naturais ou culturais, herdados do passado ou criados no presente, no qual um determinado grupo de indivíduos reconhece sinais de sua identidade

Os elementos culturais são conformados pelas manifestações materiais e imateriais criadas pelos sujeitos que nos precederam. Neles se incluem objetos e estruturas dotados de valores históricos, culturais e artísticos, bens que representam as fontes culturais de uma sociedade ou de um grupo social e que podem ser materiais ou imateriais. Conservá-lo é uma forma de garantir o testemunho e referencial, não apenas de seu valor arquitetônico e histórico, mas dos valores culturais, simbólicos, de sua representatividade técnica e social (ZANIRATO, 2009, p. 2).

O patrimônio imaterial, por sua vez, compreende:

[...] as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (UNESCO, 2003)

Esse tipo de patrimônio se manifesta nas tradições e expressões orais, nas artes de espetáculo; nos usos sociais, rituais e atos festivos; nos conhecimentos e usos relacionados com a natureza e no universo; e nas técnicas artesanais tradicionais.

Para Wagner Costa Ribeiro

de forma direta, pode-se definir o patrimônio como uma expressão cultural que empresta identidade a um grupo social. É o olhar e a expressão humana que definirá e qualificará o patrimônio em suas diversas significações. (RIBEIRO, 2006, p. 89).

O patrimônio, desta forma, pode ser compreendido como objeto e estruturas dotados de algum valor da e para a sociedade, independente de ser material ou imaterial. O patrimônio, segundo afirma Nestor Canclini (1997, p.59), “expressa a solidariedade que une aqueles que compartilham um conjunto de bens e práticas que os identificam”. E esse patrimônio compreende “as obras de seus artistas, assim como as criações anônimas populares (...) o patrimônio abarca também os produtos da cultura popular”. (IPAHN, 2004, p.319)

O patrimônio imaterial integra o patrimônio cultural e foi definido no Brasil em 4 de agosto de 2000, através do Decreto 3551 que institui o patrimônio imaterial. A expectativa foi a de assegurar a existência de bens culturais de natureza imaterial, constituinte do Patrimônio Cultural Brasileiro.

Criou-se então 4 livros para registrar os bens imateriais, são eles:

I – Livro de Registro dos Saberes, nele são inscritos os conhecimentos e os modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;

II – Livro de Registro das Celebrações, nele são inscritos os rituais e as festas que marcam a vicência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras praticas da vida social;

III – Livro de Registro das Formas de Expressões, nele são inscritas as manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;

IV – Livro de Registro dos Lugares, nele são inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.

As festas integram o patrimônio imaterial de acordo com o livro II do Decreto 3551 citado acima e são expressas em ritos, danças, cantigas, manifestações que são portadoras de laços identitários da população. Assim, para que algo seja dado como patrimônio é preciso que haja uma identificação por parte da população com o bem, ou seja, segundo Zanirato,

Isso implica que a população se sinta identificada com os elementos a serem conservados, que se reconheçam neles, para que eles se tornem, de fato, representativos dela e para ela. O reconhecimento do pertencimento coletivo dos bens acarreta esforços comuns para sua conservação e, quanto mais coletivo e representativos eles forem, mais protegido estarão. (ZANIRATO, 2009, p. 3)

E para que uma festa seja considerada patrimônio e venha a ser conservada em seu modo de ocorrer é preciso que ela faça parte da história da população, é necessário que haja a identificação com as celebrações presentes na mesma, pois se a própria população onde se celebra não a considerar importante e portadora de signos e significados referentes à sua existência, sua manutenção será cada vez mais difícil. É importante entender que conservar uma manifestação cultural, uma festa, não implica em pensar que o patrimônio imaterial seja algo estático, mas sim entender que ele sofre alteração no decorrer do tempo, visto que sua existência se dá a partir do contato com o outro, da visitaçãõ e da vivência, ou seja, ele está em constante modificação.

Contudo, não se pode pensar em modificação no sentido de transformar totalmente a festa, essas alterações geradas pelo contato com o outro não podem mudar o que os autores chamam de “medula espinhal” da manifestação cultural. No caso das festas, as trocas de informações são de vital importância para a

manutenção da mesma;mas há que se tomar certos cuidados para que não se perca o objetivo da festa.

Um exemplo da manutenção da tradição, mas da presença da inovação se pode ver na festa de São Benedito, em Aparecida, onde, segundo os autores abaixo citados

as práticas culturais contemporâneas expressam o impacto das transformações sociais, particularmente nos hábitos e valores difundidos mediante os meios de comunicação, e historicamente os elementos da cultura popular não são eliminados, mas adquirem novos significados, preservando traços herdados do passado e agregando novos elementos. (SANTOS, MURADE e SANTOS, 2009, p. 2)

É neste sentido que se fortalece o patrimônio imaterial, pois as festas não são estáticas, mas expressam as mudanças de mundo, mantendo, contudo, elementos importantes do passado. Isso se consegue ao mesclar gerações diferentes na organização e realização da mesma, onde os mais idosos são considerados os mantenedores e transmissores da tradição, do conhecimento do ritual, de seus traços antigos, enquanto os jovens são aqueles que trazem a inovação, a mudança.

Isso fica claro quando Santos, Murade e Santos dizem que

A Festa de São Benedito reúne o sagrado e o profano, a devoção e o prazer, o agradecimento e a esperança. A força e a persistência da cultura popular resultam da capacidade secular de agregar novas características. A sociedade do espetáculo propiciado com o avanço da indústria cultural não destruiu a cultura popular. O caráter festivo responsável por agregar sagrado e profano absorveu o impacto da sociedade moderna. Os atuais recursos estão à disposição dos devotos para facilitar as homenagens a São Benedito. Os depoimentos dos participantes comprovam essa constatação. A diversidade não esta apenas na origem do culto a São Benedito, mas na capacidade de incorporar as mudanças que a sociedade experimenta. (SANTOS, MURADE e SANTOS, 2009, p. 6)

A perpetuação do sentido original, do fio condutor da festa está diretamente ligada à memória do grupo ou da população que a realiza. É importante lembrar que a memória pode ser coletiva ou individual, ela traduz a forma como determinado acontecimento é memorizado em relação ao seu contexto histórico, às informações que o individuo ou o grupo recebeu ao longo da vida e qual a relevância que este acontecimento tem para ele. Conforme afirma Ecléa Bosi (2003), a permanência dos

fatos na memória depende do quanto têm de impacto afetivo, de significado a ser mantido.

Ou seja, conforme afirma Costa e Castro

as memórias devem ser vistas como uma mescla resultante tanto das lembranças dos indivíduos como das experiências de grupo. Em outras palavras, a memória deve ser entendida sempre como uma mistura da relação entre o indivíduo e o grupo. Há sempre uma troca entre memórias individuais e memórias coletivas: a construção das memórias se constitui tanto do que se apreende das lembranças individuais e se transferiu para a esfera social quanto do que se ensaiou na esfera social e se reexportou para a memória individual. (COSTA e CASTRO, 2008:129)

Do mesmo modo os motivos das festas são percebidos e apreendidos de formas diferenciadas de grupo para grupo, de indivíduo para indivíduo, onde

Os mitos as lendas, os contos, as cantigas são fragmentos visíveis entre acontecimentos lembrados e acontecimentos vividos pelo grupo e como registros de experiências vivenciadas, são bens simbólicos que ancoram o bem imaterial patrimonializado. As Memórias coletivas se materializam através desses bens simbólicos que, ao serem exteriorizadas, seja por meio da oralidade ou das inscrições, agem como um operador da socialização nas atividades coletivas desenvolvidas pelo grupo. (COSTA e CASTRO, 2008, p. 126)

Isso nos mostra o quanto a memória é seletiva e que precisamos trabalhá-la de forma conjunta para que os objetivos comuns se fortaleçam e não se percam no esquecimento. Se não for registrada ou passada adiante, com certeza se perderá, visto que a memória humana trabalha também com o esquecimento.

Para que uma tradição não se perca nas inovações do cotidiano há que ser relembrada, revivida, rememorada.

Nesse sentido, desenvolver estudos que busquem conhecer os mestres ou as pessoas responsáveis, oficialmente ou não, em passar o conhecimento, os costumes, as tradições às novas gerações pode ajudar a entender como esses saberes resistiram às novas gerações bem como, de que forma e como foram sendo modificadas por elas: carregados de lembranças, os mais velhos podem expressar em suas falas, em seus trabalhos, em seus contatos, em suas histórias e em seus saberes, as transformações ocorridas, evidenciando as implicações das mesmas no cotidiano dessas comunidades, o que pode ser útil no entendimento de o que é comum no passado e no presente do grupo. Por outro lado, também é importante conhecer o que pensam os aprendizes, aqueles que estão aprendendo os modos de fazer e viver da comunidade. (COSTA e CASTRO, 2008, p. 130)

Temos então a festa como um elemento que integra o patrimônio cultural imaterial. Os valores simbólicos que a festa contém são herdados de gerações e também transmitidos de gerações em gerações, por aqueles que reconhecem nela os sinais de importância que justificam a manutenção da tradição.

A festa que ocorre na cidade de Porto Rico assim se expressa. Ela é uma tradição que vem acontecendo na cidade desde os anos de 1960, anualmente vivenciada pela comunidade local num rito religioso.

Mas, como tem havido um crescimento enorme no número de visitantes que comparecem à festa, cabe então analisar se esse fluxo pode impactar a tradição e comprometer a conservação do patrimônio imaterial.

Por isso, cabe agora entender um pouco a dinâmica da atividade turística, de que forma ela se desenvolve, e quais as consequências que se pode ter sobre um patrimônio cultural seja ele material ou imaterial, a partir do momento em que não se planeja o turismo. O turismo, se não controlado, pode ser um elemento desagregador da tradição.

2 O TURISMO COMO ELEMENTO MODIFICADOR DE SIGNIFICADOS

2.1 Entendendo o turismo

Sabe-se que a atividade turística tem a cada dia se tornado objeto de estudo não só dos turismólogos, mas de diversos pesquisadores. No presente estudo, busca-se trabalhar com alguns conceitos estabelecidos por pesquisadores da área, assim como compreender as influências que tal atividade tem sobre a população onde se realiza ou mesmo para a cultura em que está inserido. Em um segundo momento se fará necessário avaliar de que forma a atividade turística considera a cultura enquanto um elemento passível de render divisas, de ser comercializado. Por isso, há que se avaliar também os impactos que esta “comercialização” traz para a cultura em questão.

Há uma série de estudos sobre o turismo que possibilita entendê-lo nos mais diversos ângulos e também compreender a sua multidisciplinaridade¹¹. Há um grande leque acerca de sua conceituação, que dependem do foco de cada estudioso, do pesquisador da atividade turística. Temos os que o vêem como uma indústria geradora de renda para os detentores do poder, há os que o entendem como um fenômeno social e se preocupam com a relação que se estabelece com a população local, há ainda os que buscam nele a técnica, que ensina como fazer, como servir, como receber.

Seguindo essas possibilidades interpretativas, e lembrando que a intenção aqui não é esgotar o estudo sobre as definições e conceituações sobre a atividade turística, mas sim mostrar alguns dos caminhos que se podem percorrer, deixando aberto outros rumos a trilhar, temos alguns autores de significativa importância para o desenvolvimento da atividade que precisam ser nomeados. Milton Mariane e Humberto Gonçalves, por exemplo, nos dizem que o

¹¹ O turismo tem característica multidisciplinar pois seu estudo e seu realizar envolve várias disciplinas, várias áreas, tais como a sociologia, a história, a antropologia, a psicologia, a geografia entre outras.

turismo é um fenômeno sócio-econômico de considerável importância no desenvolvimento da sociedade entre outras coisas pelas grandes quantidades de pessoas que dele participam e por sua ampla distribuição geográfica (MARIANI; GONÇALVES, 1999, p. 81).

Já para Margarita Barretto, (2008, p.13) “o turismo é uma atividade em que a pessoa procura por livre e espontânea vontade. Portanto a categoria livre escolha deve ser incluída como fundamental no estudo do turismo”.

A mesma autora diz que,

Chama-se turismo tanto ao ato praticado pelos turistas, quanto ao sistema comercial montado para trasladá-los, hospedá-los, entretê-los, aos serviços prestados dentro desse sistema, e à série de relações comerciais, políticas e sociais que acontecem a partir desse ato praticado pelos turistas. (BARRETTO, 2008, p.15)

Conforme Leandro de Lemos em seu texto “O valor turístico: (Re)Definindo a economia do turismo para a Organização dos Estados Americanos (OEA)”, o turismo nada mais é do que

o movimento migratório, até um limite máximo de 90 dias, seja internacional ou nacional, sem propósito de longa permanência e sem exercício de uma atividade ou profissão remunerada. O objetivo pode ser por prazer, comercial ou industrial, cultural, artístico ou científico. Não inclui viajantes que juridicamente entram no país, como é o caso dos passageiros de avião que permanecem nos aeroportos, seja por escala ou conexão ou outras linhas aéreas, nem o movimento unicamente de fronteiras (RABAHY, 1980, p.111).

Temos então que o turismo é uma atividade que pressupõe a viagem, o deslocamento dos sujeitos por curto período de tempo, para atividades ligadas ao lazer, ao entretenimento, ou mesmo ao comércio, à cultura, à religião ou à ciência. Lembrando que a motivação para tal deslocamento precisa ser voluntária, ou seja, por mais variados que sejam os motivos que impulsionem a pessoa a “viajar” é preciso que isso seja feito a partir do desejo de quem viaja e não por qualquer imposição exterior.

Foi em 1991 que a Organização Mundial de Turismo OMT estabeleceu uma nova definição para o turismo, na qual

o turismo compreende atividades desenvolvidas por pessoas ao longo de viagens e estadas em locais situados fora do seu enquadramento habitual por um período consecutivo que não ultrapasse um ano, para fins recreativos, de negócios e outros (CUNHA, 1997, p.9).

Esse seria então o princípio da atividade turística, o deslocamento por um período relativamente curto, de pessoas para locais fora daquele que habitualmente vivem.

Na obra *Análise Estrutural do Turismo*, Mario Beni nos mostra três áreas que envolvem o turismo, sendo elas a econômica, a holística e a técnica; daí que para ele o turismo é

A soma das operações, principalmente de natureza econômica, que estão diretamente relacionadas com a entrada, permanência e deslocamento de estrangeiros para dentro e para fora de um país, cidade ou região. (...) turismo é uma importante indústria nacionalmente identificável, compreende um amplo corte transversal de atividades componente, incluindo a provisão de transporte, alojamento, recreação, alimentação e serviços afins. (...) o turismo pode ser definido como a ciência, a arte e a atividade de atrair e transportar visitantes, alojá-los e cortesmente satisfazer suas necessidades e desejos. (BENI, 1998, p. 36)

Percebe-se a partir de tal definição que o turismo pode ser visto a pensar como um gerador de divisas e para que isso aconteça é preciso que o visitante seja bem tratado e que suas necessidades e desejos sejam completamente atendidos, pois para este mesmo autor, uma vez que o visitante se sente “bem” estará disposto a gastar mais no local visitado.

Porém é preciso ter cuidado com este ponto de vista, pois a atividade turística envolve muito mais do que simplesmente gerar divisas a partir da satisfação do turista. Ele antes requer um bem estar do morador local para que se possa ter prazer em atender ao visitante e isto significa que não se pode ignorar as necessidades e os desejos dos moradores, que devem vir primeiro em relação aos “estrangeiros”.

Desta forma temos, conforme Barretto (2008), o turismo considerado como uma prática social, que envolve um conjunto de serviços que estão relacionados e que compreendem o sistema turístico, no qual entram as atividades como hospedagem, traslado, recreação etc. Por isso mesmo, o turismo se reveste de importância econômica posto que as atividades a ele ligadas incluem uma ampla

rede de serviços que acabam por promover o desenvolvimento econômico da comunidade que o explora. Ao mesmo tempo ele tem uma importância social, pois possibilita à população local transmitir ao visitante a sua cultura, de forma que este se motive a visitar a localidade para obter de informações e expandir seus conhecimentos em relação à diversidade cultural.

Assim, Coriolano diz que

turismo é uma atividade séria de caráter essencialmente social por envolver antes de tudo gente e, em segundo plano, uma atividade econômica por envolver capital, precisando portanto ser tratado de forma científica e não casual (CORIOLANO, 1999, p. 93).

É possível perceber, então, que o fenômeno turístico e as atividades ligadas a ele extrapolam o âmbito econômico. Ele é considerado por autores como Coriolano, como objeto sério de investigação científica. Ressaltamos que foi deste princípio que partimos ao elaborar esta pesquisa. Portanto, assumimos esse princípio como nosso também, pois consideramos ser de peso as intervenções que o turismo opera nos mundos físico, social, cultural e econômico das localidades onde é desenvolvido, o que exige estudos sérios refletindo e amparando ações relacionadas a ele.

Por se tratar de motivações variadas para a busca da atividade turística, houve uma ramificação para classificar a atividade em diversas tipologias, como por exemplo o turismo rural¹², ecoturismo¹³, de aventura¹⁴, de excentricidades¹⁵, de negócios¹⁶, de saúde¹⁷, de massa, cultural, religioso, entre tantos outros. Algumas dessas tipologias serão usadas neste estudo para entender qual o caminho que a festa está tomando e de que forma o turismo se relaciona com ele.

Três tipos estão diretamente ligados ao estudo, o turismo cultural, que a princípio deveria ser o que ocorre em Porto Rico no período da festa, ligado diretamente ao turismo religioso, visto que se trata de uma festa de cunho religioso,

¹² Realizado em áreas rurais, uma de suas maiores características é a busca do turista pelo contato com a vida no campo, muitas vezes o visitante pode ser convidado até a “tirar o leite da vaca”.

¹³ Turismo realizado em áreas naturais, não necessariamente rurais.

¹⁴ Com atividades tipo rapel, escalada, trilha etc.

¹⁵ Aquele que busca o diferente, por exemplo turistas que visitam cemitérios, favelas etc.

¹⁶ Tem o intuito de conhecer novos mercados, estabelecer contatos, firmar convênios, treinamento.

¹⁷ De acordo com o site http://www.ivanpinho.com.br/downloads/fundamentos_turismo/17417_Fundamentos_do_Turismo_Aula_09_Vol_1.pdf, este tipo de turismo pode ser definido como estão as estâncias hidrominerais e climáticas e outras formas mais recentes que se apegam não mais à imagem da doença, mas à busca da saúde onde, atualmente, se destacam os **spas**, contudo não se pode excluir desta tipologia os turistas que buscam em locais fora de sua residência tratamento de saúde.

e o turismo de massa, que é a nossa grande preocupação com o que vem sendo apresentado no município.

A religiosidade é tida como uma das mais antigas motivações do homem para viagem, buscando pagar penitências, participar da cultura, peregrinação, procissões, etc. Nele algo bastante importante é a fé, pois este é um dos principais impulsionadores para o deslocamento. Busca-se conhecer locais de milagres, locais onde se manifesta a adoração a algum santo ou entidade. Por tais questões a Festa Nossa Senhora dos Navegantes pode ser vista enquanto um atrativo para o turismo religioso no município, contudo é preciso lembrar que para ser realmente turismo religioso a motivação da viagem precisa ser a festa, mesmo que não se partilhe da mesma crença é necessário que se respeite a fé e que se admire a manifestação.

Isso faz com que haja uma vinculação entre o turismo religioso e o cultural, uma vez que se visita uma manifestação religiosa tendo crenças diferentes, pode-se dizer que está se realizando um turismo religioso e cultural, pois ainda que a motivação seja a festa não se faz por motivos de fé e sim com o intuito de conhecer um pouco mais a cultura do outro juntamente com suas crenças.

De acordo com o Ministério do Turismo (2006),

Turismo Cultural compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura. (Mtur, 2006, p.10)

De forma mais restrita, segundo Pérez (2009) o turismo cultural seria então um tipo de viagem motivada pela cultura e/ou educação. De acordo com Bonink e Richards (1992) apud Pérez (2009) duas são as abordagens fundamentais para entender o turismo cultural:

- a) A perspectiva dos lugares e dos monumentos. Implica descrever os tipos de atrações visitadas e pensar a cultura como um simples produto. Desde o ponto de vista da estratégia de investigação a seguir, esta seria fundamentalmente quantitativa e focaria as atividades e as motivações dos turistas culturais.
- b) A perspectiva conceptual questiona os porquês e como as pessoas vêem e praticam turismo cultural. Sublinha mais os sentidos, as práticas discursivas, os significados e as experiências. Nesta óptica, o importante seriam os princípios e as formas de fazer turismo, e não tanto os produtos. Portanto, ao nível de investigação implica uma abordagem mais qualitativa. (PÉREZ, 2009, p.109)

É preciso portanto trabalhar as duas abordagens juntas, pois uma separada da outra ficaria incompleta. É certo que o turismo cultural pode ser pensado como um produto a ser “vendido” porém se analisarmos somente por este ângulo estaríamos reduzindo a questões monetárias buscando apenas satisfazer o turista. Entretanto, se entendermos que ele tem seu lado comercializável sem deixar de lado a importância de perceber o que motiva as pessoas a praticá-lo, seria possível articular formas de “agradar” o turista sem “depredar” os autóctones.

A partir de então se torna preciso esclarecer alguns aspectos, visto que a atividade praticada de forma abusiva pode comprometer o local que o adota, por se tornar um turismo de massa.

Há alguns fatores que, segundo a OMT, explicam o turismo de massa, tais como os avanços tecnológicos, o avanço nas telecomunicações, a baixa do preço de petróleo, as férias remuneradas, o crescimento do uso do cartão de crédito, a prosperidade econômica nos países desenvolvidos, etc.

De acordo com Ribeiro (2004)

O que difere o turismo cultural do de massas é que o produto final (no de massas) é organizado e pensado de tal forma onde se padronizam fatores sociais, financeiros e geográficos para tornar acessível a um grande número de pessoas, a preços competitivos, importando a quantidade e a homogeneização, baseando-se no volume e não na forma. (RIBEIRO, 2004, p.52)

Isso pode gerar conseqüências irreparáveis se a cultura for massificada e homogeneizada na busca De atender às expectativas do visitante, que neste caso se tornariam visitantes, vários visitantes na mesma época, buscando o mesmo tipo de consumo e acarretando nos mesmos problemas.

Segundo Ruschmann (1997) o turismo de massa é caracterizado pelo volume de pessoas que viajam, podendo ser em grupo ou não, buscando os mesmos lugares nas mesmas épocas do ano. Esse é um tipo de atividade responsável por agressões aos espaços naturais, pois o excesso de pessoas faz com que o local se modifique para recebê-las, acabando por agredir paisagens e destruir ecossistemas. Outro ponto importante é mencionar que a cultura dos visitantes muitas vezes apresenta pouca ou nenhuma preocupação com a natureza ou a cultura local, o que reflete em uma falta de cuidado para com as mesmas.

Não raras vezes o turismo de massa traz perdas para a população local, sobretudo quando grandes empresas se apropriam dos lucros que a atividade gera, não deixando oportunidades para a população local, assim como é bastante comum haver desabastecimento de gêneros ou alta expressiva de preços das mercadorias em face do fluxo turístico a um dado local.

Dentre essas perdas, trazida pelo turismo massivo estão as manifestações culturais, que segundo Ribeiro (2004) correm grande risco de sofrerem mudanças quando se tenta atender ao gosto do visitante. Muitas vezes é com o apoio do poder local que elas acabam perdendo sua função original, com o intuito de corresponder aos desejos de seus novos participantes. Isso acarreta inclusive na exclusão da população de sua própria manifestação.

Para melhor compreender os riscos do turismo sem controle buscamos respaldo em autores como Margarita Barretto (2007), Jost Krippendorf (2001) e Marusca Moesh.

Segundo Jost Krippendorf, o turismo pode fazer com que povos de línguas, religiões, costumes e etnias diferentes se relacionem. Contudo, neste relacionamento, “raramente ocorre uma aproximação real” (KRIPPENDORF, 2001, p. 84). O morador de uma dada localidade que tem atrativos abertos para a exploração turística, por diversas vezes, torna-se vítima de abusos, pois passa a ser negligenciado em favor do turista. Isso fica claro quando, criticando esta situação, o autor referido nos diz que “é, portanto, a população local que se deve adaptar aos viajantes e não o contrário” (KRIPPENDORF, 2001, p. 69), ocorrendo, deste modo, uma inversão de valores.

A conseqüência dessa inversão de valores pode ser muito grave, visto que o morador local pode se sentir prejudicado, coagido e humilhado pelo turista. Temos que ter em mente que há um fio muito estreito que separa o prazer do turista da frustração do morador local.

O pólo turístico precisa ser preparado para a diversidade turística de modo que o turismo passe a ser uma ação integrante da vida da comunidade receptora. O *modus vivendi*, os usos, os costumes, o folclore, a arte local, o modo de vida devem ser transmitidos e não transformados pelo convívio com os visitantes (KRIPPENDORF, 2001, p.98).

É bastante comum encontrarmos em localidades turísticas, sobretudo em pequenas cidades interioranas, ações que, no intuito de agradar turistas e atrair cada vez mais visitantes, acabam por “adaptar” ou mesmo “transformar” suas tradições e manifestações para o turista. Outras vezes, essas localidades “modernizam” sua cultura, ou melhor alteram componentes pois sabem que o turista busca o diferente, o original, e não uma reprodução do que ele encontra em seu dia a dia.

A transformação de cidades em produtos de consumo massificado tem provocado problemas sérios na apreensão, interpretação e comunicação do seu patrimônio histórico, além de exclusão social de parcela da população. (MENESES, apud SANTARELLI, 2008, p.27)

Os locais constituídos por sociedades simples são considerados diferenciais aos turistas, pela originalidade dos costumes, pela diferença. Entretanto, o turismo local deve, em primeira instância, beneficiar a própria população, não desfigurar a paisagem, pensar nas gerações futuras e desenvolver a comunidade. A população local não pode ser um simples grupo teatral que em altas temporadas se veste “como antigamente” e se representa para os turistas.

Desta maneira,

[...] é preciso tentar conciliar as necessidades da população local e dos turistas e conceber o desenvolvimento de tal forma que as realizações sejam lucrativas para ambos” (KRIPPENDORF, 2001, p. 150).

Lembramos que o ideal é que o turismo seja realizado desde que proporcione à população local empregos e, conseqüentemente, lucros e qualidade de vida. É ela que deve desejar que isto ocorra para que o desenvolvimento turístico não resulte em prejuízos e incompatibilidades sociais e ecológicas entre viajantes e moradores do local.

Não se pode, porém, esquecer que turistas e moradores estão muitas vezes em situações contrárias, o que se expressa no ambiente de férias e lazer para uns e de trabalho para outros, na busca do repouso para uns e nos afazeres exaustivos para outros “[...] se existem vantagens, existem também conveniências e o desenvolvimento pode ser favorável ou desfavorável à aldeia e à sua população” (KRIPPENDORF, 2001, p. 98).

De acordo com Tucker (2001) apud Köhler (2008) há duas formas contrastantes de turistas que podem ou não trazer melhoria na vida da população local quando estuda o povoado de Göreme no interior da Turquia. Relata o autor que há

(1) ... os turistas (que) viajam em ônibus de excursão, visitam uma ou duas casas fora do limite do povoado, ficam pouquíssimo tempo, e voltam para o ônibus para visitar outros lugares.

A contribuição desses turistas é mínima, restrito à compra de artesanato, e toda a experiência é mediada por guias de turismo naturais de outras partes do país.

(2) ... turistas que viajam de forma independente, principalmente jovens europeus, japoneses e australianos que procuram hospedagem, alimentação e entretenimento baratos, permanecem de vinte a quarenta dias em Göreme, e procuram uma experiência turística autêntica e contato com a população local. (KÖHLER, 2008, p.32-33)

Para o autor, a convivência entre o “turista independente” e os nativos é o que permite maior troca cultural para ambas as partes, o que resultaria então em um turismo “sustentável” do ponto de vista cultural.

Tratar de desenvolvimento por meio do turismo pressupõe intervenções na localidade e essas sempre promovem mudanças, transformações, que podem impactar tanto positiva quanto negativamente um local. Tais impactos podem ser de ordem econômica, social, cultural etc. Todas as modalidades de impacto podem ser classificadas, conforme as conseqüências que promovem, em positivas e/ou negativas.

Os impactos são conseqüências da interação entre os turistas, a comunidade e os meios receptores. É difícil evitar os impactos sócio-culturais do turismo, pois por meio da interação entre o turista e a comunidade local há uma influência mútua entre eles. O visitante leva consigo seus costumes, sua ética, seus sistemas de valores, suas concepções sociais e, ao chegar na destinação, está ávido para conhecer as diversas facetas da localidade. Este intercâmbio se não bem orientado e fiscalizado, pode trazer danos catastróficos para a comunidade receptora. (SANTARELLI, 2008, p.07)

Assim como o visitante tem seus hábitos, costumes e valores, o visitado também e como não hã como dizer que apenas um será modificado com tal aproximação, o resultado deste relacionamento é recíproco, pode ocorrer um dano maior para o morador local pois o visitante ao acabar seu “passeio” volta para a casa enquanto o morador local permanece ali com toda a conseqüência gerada.

Da mesma forma como há os impactos negativos há os positivos e, como exemplo de impacto positivo podemos citar a geração de empregos diretos e indiretos, a imagem externa favorável da localidade, a possibilidade de desenvolvimento da infra-estrutura já existente, o surgimento de instalações turísticas e recreativas que também podem ser utilizadas pela população local e a utilização de recursos e produtos locais. Por outro lado, há os impactos negativos como a demanda excessiva de recursos (água, luz, alimentos), o aumento dos índices de criminalidade e prostituição, a produção de resíduos em grande quantidade, o aumento no trânsito de veículos que degradam o meio físico, natural e cultural.

Ruschmann (1997) e Krippendorf (2001) indicam que a inflação configura-se como um dos principais impactos negativos da atividade turística nos núcleos receptores, ressaltando que a privatização dos espaços turísticos a um público seletivo e que detém um padrão de vida elevado, impossibilita a participação efetiva da comunidade, ao tempo em que se evidencia uma clara distinção no que se refere à oferta de produtos para o consumo estritamente turístico (CARVALHO, 2009:38).

Como a grande maioria das defesas do turismo estão calcadas na importância da atividade como algo rentável e geradora de lucros, destinado a beneficiar a população local, é preciso ter muito cuidado ao assumir tal postura visto que, segundo Murta:

O turismo como, prática econômica, precisa encontrar formas mais respeitadas de se inserir no cotidiano das comunidades receptoras. É fundamental que os investimentos sejam adequados à vocação do lugar, possibilitando à população participar e usufruir de seus resultados. (MURTA, 2002, p.10)

Caso contrário a inserção do turismo na localidade só trará problemas para os autóctones, alterando seu cotidiano, beneficiando apenas os visitantes, sem que os moradores sejam beneficiados pela atividade, tornando-se assim um produto para vender e ser consumido pelos “de fora”.

Para melhor compreender os impactos em uma localidade, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), ao estudar o desenvolvimento local, a partir da experiência do turismo em Tarrafal, um município que se encontra em uma das ilhas de Cabo Verde, criou um quadro denominado “Impactos do turismo”, conforme se vê no Quadro 2:

Quadro 2: Impactos do turismo		
Área	Impactos potenciais positivos	Impactos potenciais negativos
Economia	Receitas, emprego, nível de vida da população local, investimento.	Inflação local, especulação imobiliária, concentração dos investimentos alternativos, custos em termos de infra-estruturas necessárias.
Turismo e comércio	Reconhecimento da região, novas infra-estrutura, acessibilidade maior.	Preços mais elevados e reputação junto ao comércio, desenvolvimento descontrolado do comércio local.
Sociedade e cultura	Maior empenho dos residentes na promoção dos eventos locais, reforço dos valores e tradições locais.	Comercialização sazonal de atividades privadas, alteração dos costumes em função do turismo, custos sociais (prostituição, abuso de drogas e álcool)
Psicologia	Orgulho quanto aos costumes locais, reconhecimento da riqueza da troca com o outro.	Atitudes defensivas face a outras culturas, hostilidades por dificuldade de comunicação.
Política e administração	Reconhecimento internacional, desenvolvimento local integrado.	Mau planejamento, segregação sócio-espacial.
Meio ambiente	Novas infra-estruturas, conservação de algumas áreas, estratégias de gestão sustentável.	Degradação ambiental, poluição, alteração de hábitos alimentares, produção excessiva e sazonal de resíduos sólidos.

Fonte: UNESCO, 2002.

Entende-se assim que a atividade turística é um agente externo, que ao ser implantado e desenvolvido em uma comunidade pode causar impactos. Por isso mesmo, não se pode deixar essa atividade sem controle, sobretudo se levarmos em consideração que:

[...] os impactos advindos do aumento de ocorrência de comportamentos inadequados e agressivos aos ecossistemas visitados, por turistas de diversas origens e expectativas, incidem direta e progressivamente com elevada intensidade sob o patrimônio natural da região, isto é, o objeto primeiro da visita. Interferências globais na paisagem, pela perturbação aos ritmos naturais da fauna e flora locais, crescem de forma linear com o aumento da visita, chegando até a proporcionar a redução da diversidade ecológica e biológica da região a tal ponto que uma pronta recuperação das condições aceitáveis será certamente difícil (MARIANI, GONÇALVES, 1999, p. 83).

As ações impactantes do turismo sobre o meio natural são bastante agressivas e causadoras de danos que podem se tornar irreversíveis, contribuindo assim para a perda de recursos naturais, para a degradação de paisagem, para a contaminação de ecossistemas. Essa situação se expressa em todos os locais que não tem controle e se tornam mais graves ainda em comunidades ribeirinhas.

Os impactos mais comuns verificados pelo aumento da visitação em localidades ribeirinhas são: intenso tráfego de barco a motor nos rios e lagos, o que altera o ritmo da vida nas águas e em torno delas; pisoteamento de nascentes d'água; acúmulo de lixo nas margens e desrespeito em relação aos ciclos da natureza como, por exemplo, a piracema (período de desova dos peixes em que a pesca é proibida). Outro fator muito freqüente é a destruição da vegetação local para o aumento das áreas de *camping*, hotéis e outras infra-estruturas turísticas.

Tais danos devem ser evitados, pois o turismo sob controle pode, ao invés de degradar, proteger e conservar a natureza, assim como a cultura local, uma vez que tanto a natureza quanto a cultura é que são os responsáveis pela atração turística. Uma forma de se evitar esses danos é o controle da capacidade de carga, que seria uma forma de calcular a quantidade de visitantes que determinado local suporta sem gerar grandes problemas. Essa é uma estratégia que foi adotada por exemplo na Ilha do Mel no litoral do Paraná, que possui um número limitado de visitantes por dia.

Infelizmente, muitos se esquecem de que o meio ambiente não pode ser tratado como fonte de recursos inesgotáveis e que o esgotamento deste resulta na extinção da atividade turística em locais onde não houve um planejamento adequado para o desenvolvimento turístico. Conforme afirma Krippendorf (2001, p.150), "o turismo engole os terrenos, a natureza e o patrimônio cultural. Torna-se um novo colonizador e destrói o meio ambiente". Esse novo colonizador pode vir a destruir a vida do morador local, se este não impuser o seu papel e preservar o seu lugar na comunidade.

Outro ponto a ser comentando é o de que quando são destacadas as ações positivas do turismo, estas com freqüência dão ênfase ao lucro gerado. Contudo, não se pode ignorar que o lucro acaba sendo apropriado por uma parcela muito pequena da população, e que a grande maioria passa a ver no turismo o desgaste e o sacrifício de suas vidas. Também não se pode esquecer que o turismo pode levar o aumento do consumo de drogas, da exploração sexual, etc. Do mesmo modo, os

empreendimentos turísticos criados para satisfazer o turista (hotéis, restaurantes, lojas de artesanato), acabam muitas vezes por ser proibitivos à população local, isso gera segregação social, ou seja, o morador local passa a ser excluído para que os turistas tenham o espaço para seu descanso e lazer. Dessa forma, o morador não mais desfruta daquilo que a cidade lhes oferecia antes da chegada do turismo. Eles podem ser marginalizados e, a partir de então, sentir dificuldades de se reintegrar à sociedade que pertencem ou, sendo mais exato, pertenciam.

Um exemplo claro dessa segregação é citado por Krippendorf, ao referir-se aos moradores das montanhas suíças:

[...] a população nativa vendeu o solo por preços baixíssimos a terceiros como terreno para construção (...) e quando, afinal, os preços dos terrenos aumentam, os autóctones, uma vez mais são prejudicados (...) os preços dos terrenos e os aluguéis pagos pelos estrangeiros são tão elevados que um autóctone não pode mais se dar ao luxo de morar na própria comunidade e muito menos construir uma casa para morar (KRIPPENDORF, 2001, p.75)

A discrepância entre o que é destinado ao turista e o que cabe à população local acaba por gerar um mal estar em relação ao visitante por parte do morador local. Além disso, os membros desta são absorvidos em ocupações de menor importância nos empreendimentos turísticos, alguns servem de engraxates para os sapatos dos visitantes e fazem outros serviços considerados menores.

[...] é como se estivessem existindo duas humanidades: uma população rica e integrada, detentora das condições materiais de sobrevivência e inserida de algum modo no circuito das atividades econômicas. Uma outra sub-humanidade, uma população incorporada no trabalho precário, no trambique, no mercado ilegal das drogas e da marginalidade. São tratados como cidadãos de segunda categoria e sofrem todos os tipos de privações, humilhações e dificuldades. É a própria degradação da vida e dos seres humanos (CORIOLANO, 2003, p. 251).

As situações mencionadas acima deixam clara a importância de se ter uma atividade turística planejada cuidadosamente antes de acontecer, ou, que haja o cuidado com o seu desenvolver, com a continuidade da atividade. Desta forma podemos pensar não apenas no crescimento da atividade turística, como também no desenvolvimento local a partir de tal atividade.

E ao pensar na questão do desenvolvimento precisamos ficar atentos para algumas questões que são mencionadas por Köhler

Em muitos casos, governos nacionais e regionais estabelecem planos e estratégias para desenvolver uma região como novo destino turístico, sem se preocupar em envolver ou consultar a população local sobre o processo, ou mesmo sobre as conseqüências a médio e longo prazo deste desenvolvimento. (KÖHLER, 2008, p. 33)

É preciso envolver a comunidade no processo de desenvolvimento, ainda que este esteja voltado para a captação de turistas, pois eles são os maiores interessados em que sua localidade cresça, mas desejam crescer junto com ela e não ser excluídos por ela. Isso se torna possível na medida em que se capacite esses moradores para trabalharem com o turismo ao invés de contratar mão de obra externa, e se permita que usem e desfrute daquilo que está sendo feito para o descanso do “outro”.

Ao pensar em desenvolvimento local, há algumas preocupações que, segundo Benevides, devem estar claras e nortear o pensamento e as ações do responsáveis pelo turismo. São elas:

- a) a manutenção da identidade cultural dos lugares (sic), como próprio fator de atratividade turística, e o estabelecimento de um maior intercâmbio e integração entre as populações hospedeiras e os visitantes;
- b) a construção de uma via democrática para o desenvolvimento de certas localidades, articulada pelo turismo como fator estruturante da valorização das suas potencialidades ambientais e culturais com a participação da população local na condução ativa desse processo (...);
- c) o estabelecimento de pequenas escalas de operação e baixos efeitos impactantes dos investimentos locais em infra-estrutura turística, ou mesmo nenhuma transformação adicional destes espaços, tendo em vista que estes estariam subordinados aos parâmetros da conservação do meio ambiente e da “rusticidade local”, num processo de “valorização sem transformação” dos elementos “naturais” da paisagem e dos traços culturais das populações “nativas”, como fundamento da atividade turística. (BENEVIDES, 2000, p.25)

Para haver, portanto, o desenvolvimento de uma localidade é necessário uma atuação mútua de diversas forças distintas, que estão totalmente relacionadas e influenciadas entre si, como engrenagens de uma máquina, que aos poucos vai utilizando todas as peças e realizando movimentos impulsionados pela força de

outros motores. É importante também lembrar que este desenvolvimento deve trazer consigo alguns objetivos, sendo eles a conservação do ambiente, da identidade cultural, desenvolvimento participativo, qualidade de vida, tempo livre e ocupações produtivas e de renda.

Para que haja um desenvolvimento favorável à comunidade que recebe o turista, a localidade deve ter alguns serviços básicos como sistema de esgoto, água encanada, segurança, energia elétrica, hospitais, iluminação pública, tanto para os visitantes quanto para os moradores. Essa infra-estrutura mínima é a que viabiliza o turismo.

Também possui grande relevância para o planejamento e desenvolvimento turístico, o conhecimento e a percepção da área em estudo, conseqüentemente, o que ela comporta, pois, conforme alerta Marcellino:

[...] o próprio espaço urbano passa a constituir um bem econômico, com a valorização absurda das áreas centrais inviabilizando a construção de equipamentos públicos e incentivando o crescimento vertical. Além disso, o crescimento horizontal exagerado das grandes cidades passa a ser uma necessidade do lucro, ampliando-se a malha urbana além dos limites necessários, tendo em vista a reserva de áreas para a especulação imobiliária, o que dificulta a extensão de recursos e de serviços às regiões periféricas, cada vez mais afastadas. (MARCELLINO, 1995, p. 57).

O crescimento, que pode ser causado pelo turismo, deve ser analisado com cuidado para que a população não seja marginalizada e os recursos e benefícios recaiam apenas sobre os visitantes. Não se pode esquecer que também ocorrer casos em que os comerciantes locais passam a explorar economicamente o turista ao invés do turismo. Tal exploração se concretiza nos preços elevados dos produtos de uso contínuo como os de alimentação e vestuário, que acabam por ser muito caros não só para os turistas, mas às vezes inviáveis para a população local.

O turismo planejado deve potencializar as atividades locais, assim como planejar o espaço comunitário e sua ocupação. Há uma grande necessidade de formação e capacitação da comunidade para que esta possa usufruir do turismo e visualizar nele uma fonte de renda, de troca de conhecimento e não uma ameaça, como muitas vezes ocorre. Para isso o turismo deve propor a racionalidade no uso dos recursos naturais, preservação da biodiversidade, redução da pobreza e desigualdades sociais, por fim a promoção da justiça social. (CORIOLANO, 2003, p. 252-253).

Além de gerar empregos e renda, o turismo, seguindo os princípios supracitados, pode preservar as tradições ameaçadas pela modernização e incentivar a própria população a defender sua cultura.

Assim, entender as contradições que envolvem o turismo permite, a todos aqueles que buscam nele a troca de culturas e de conhecimentos, o êxito devido, fazendo dessa atividade um instrumento para o crescimento de sua população, assim como uma forma de divulgar e manter vivo seus costumes.

2.2 A apreensão da cultura pelo turismo

Neste ponto precisamos entender de que forma o turismo e a religião dão sentidos diferentes a um mesmo objeto, no caso a festa em louvor à Nossa Senhora dos Navegantes e às manifestações implícitas em tal acontecimento. O que buscamos é entender a partir de que ponto o turismo se apropria dessa manifestação cultural para fazer dela um objeto a ser comercializado, juntamente com as consequências que tal comércio pode trazer para a cultura local.

Camurça e Giovannini Jr. em seu texto “Religião, Patrimônio Histórico e Turismo na Semana Santa em Tiradentes (MG)” apresentam alguns dos conflitos estabelecidos entre religião e turismo, quando fala da relação que se estabelece naquela localidade entre a ação da igreja e dos interesses turísticos

[...] a *Igreja Católica*, que se legitima através do fornecimento do mito, expresso no Evangelho, e através disso afirma seu poder enquanto instituição revestida de representação divina. (...) povo católico tradicional da cidade, que através de suas irmandades, vivencia e reafirma o sentido religioso tradicional familiar (...) do *turismo*, que introjetado, também, de fora, por forças econômicas e políticas interessadas no “desenvolvimento e integração regional”, introduz uma nova forma de visualizar os bens de origem sagrada, secularizando-os enquanto objetos de consumo, em última instância, voltados para o lazer do turista. (CAMURÇA e GIOVANNINI JR., 2003, p. 227)

Desta forma o turismo pode ser visto como algo que vem a ameaçar o fenômeno religioso, ao colocar em risco aquilo que se pretende consagrar. Encontramos no texto citado acima o discurso de autoridades religiosas que insistem em se tomar cuidado com o turismo de forma que não se esqueça do sagrado, visto

que no mundo em que vivemos, tão materialista, pensa-se muito em dinheiro e em nome deste pode-se perverter as manifestações religiosas para agradar ao turismo.

É preciso entender que há o turismo que busca o cultural, assim como há o que busca o religioso, as crenças e os rituais conforme o caso discutido por Camurça e Giovannini Jr., mas, há casos em que, conforme afirma Brandão, o turista não tem nenhum interesse propriamente dito no religioso, visto que o que ele busca é uma espécie de cultura preservada através de igrejas, imagens e manifestações culturais religiosas.

Neste sentido, igrejas e imagens tornam-se objetos de admiração e respeito por turistas, que buscam encontrar através destes, traços que revelem um pouco da história e da cultura ainda que estes aspectos não tenham para eles nenhum sentido sagrado.

É comum haver casos como o de Tiradentes-MG em que

Os jornais “vendem” ao turista o projeto de consumir a cidade de Tiradentes como conjunto, com a possibilidade de estabelecer uma composição de estruturas de significados do mito, da história, da cultura, da estética e do lazer, com o privilégio de estar tendo essa experiência em uma “roça globalizada”. (CAMURÇA e GIOVANNINI JR., 2003, p. 242)

Ortiz (1980) ao estudar a Paixão de Cristo em Nova Jerusalém, entende que o turismo, em lugares pouco preparados para o seu recebimento, tem privilegiado mais o espetáculo do que a religiosidade, mais o lazer do que o ritual, mais o aspecto turístico do que a cultura local. Daí que

[...] a história sagrada se reduz ao puro espetáculo teatral (...) a obra não é mais sentida em seu “valor de culto”, é apreciada unicamente em seu aspecto de exposição. Falar nessa condição de elemento numinoso seria contradição, o público não se situa mais na posição de recolhimento, mas sim no pólo oposto, o da diversão (...) não se trata, como antes, de uma evasão mística, na qual o indivíduo se perde (...). As manifestações religiosas são assim coisificadas, elas perdem o sentido sagrado, tornando-se produtos mecanicamente distribuídos pela indústria cultural. (ORTIZ, 1980, p. 58)

Essa apropriação do turismo pelas manifestações de cunho religioso e sua coisificação são fenômenos observáveis em vários lugares, que exemplificam formas de alteração drásticas provocadas pelo turismo que busca explorar aspectos da cultura popular, sem a devida compreensão e o devido respeito.

Ao considerar que o turismo utiliza a cultura muitas vezes de forma a aumentar o número de visitação, torna-se uma ação que acaba por depreciar a localidade, visto que não há uma preocupação com a manutenção e a perpetuidade do patrimônio, assim como do sentido que este tem para o local onde está inserido. Este tipo de acontecimento se faz presente sobretudo nas festas religiosas que, repletas de significados e tradições, deixa de ser um momento apenas de fé e torna-se uma representação da cultura de um povo e pode vir a ser tornar um produto turístico.

Para que seja considerado como um produto turístico, a festa será analisada como um evento apto a atrair não somente devotos, como outros segmentos. A partir deste processo a estrutura física começa a sofrer modificações como um possível redimensionamento do espaço e dos serviços. No momento em que a festa interessa a agentes privados que formalizam sua comercialização, ela passa a compor junto com outros eventos populares um produto cultural turístico tendo como uma das conseqüências a perda da autenticidade ou mesmo a divulgação massiva. (RIBEIRO, 2004, p.48)

E como já vimos anteriormente pode haver grandes conseqüências quando uma atividade cultural se torna alvo do turismo de massa. De acordo com Ribeiro (2004) ao transformar uma atividade cultural em um evento público que passa a ser comercializado pelo turismo ela tende a perder seu caráter de ritual, havendo uma violação da identidade e, como em seguida a não participação do povo.

Para tentar conter as mudanças que o turismo pode desencadear em uma manifestação cultural é preciso

[...] que se empreguem adequados e cuidadosos planos de intervenção cultural, ajustados às realidades regionais, guardando suas peculiaridades e especificidades, (podendo) funcionar como antídoto contra a descaracterização identitária de comunidades locais e regionais. (RIBEIRO, 2004, p.54)

Esta é uma preocupação que se tem tido com as festas religiosas, em especial a Festa Nossa Senhora dos Navegantes de Porto Rico – PR, para que ela se mantenha viva e ritualista, ainda que com a presença de turistas durante sua realização.

3 PORTO RICO E A FESTA NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES

3.1 A cidade de Porto Rico

A área onde hoje se encontra a cidade de Porto Rico compreende parte da planície de inundação de alto rio Paraná, no noroeste do estado do Paraná.

Para melhor entender a cidade se faz necessário contextualizar a colonização da região para acompanhar as transformações ocorridas ao longo dos anos na forma de viver e nos costumes da população da cidade de Porto Rico.

Conforme afirma Luiz Carlos Tavares de Sá (2001), através de vestígios arqueológicos encontrados na região, a ocupação da região noroeste do atual estado do Paraná data de pelo menos 7.000 anos. A colonização ocidental da região é bem mais recente e essa não se fez sem conflitos com os Guarani, nativos da região. Esses conflitos se viam

entre os próprios Guarani, bem como o homem branco à época do contato no século XVI, com as frentes de colonização dos séculos XIX e XX e, por fim, conflitos no processo de colonização recente, iniciado na década de 40 do século passado (SÁ, 2001, p.33)

Diante disso consideramos melhor dizer que o que houve no século XX foi uma reocupação territorial (TOMAZI, 1999), ocorrida mais particularmente na década de 1950, uma vez que essa parte do Paraná já havia sido ocupada por outras populações. Essa reocupação não ocorreu de forma pacífica, como se o território estivesse vazio à espera de novos habitantes.

Segundo Sá e Tomanik

a história de ocupação, inclusive da região noroeste do estado do Paraná, deve ser tratada como uma (re)ocupação efetivada através da expulsão, dominação ou do extermínio das populações que ali estavam há mais tempo (SÁ e TOMANIK, 2002, p. 216).

Essa reocupação se fez de forma processual, ao longo dos séculos XVI, XVII, XX.

A guerra de conquista iniciou-se nas primeiras décadas do século XVI, com as expedições portuguesas e espanholas que cruzaram a região em busca de metais, escravos, e de uma rota ao Paraguai e

Peru. Acentuou-se no seiscentos com a implantação das Reduções Jesuíticas no Guairá e com as bandeiras paulistas que invadiram a região capturando índios. Prosseguiu no século XVII com a descoberta de ouro e diamantes no rio Tibagi e com as expedições militares que construíram fortificações e transitavam pelo território rumo ao Mato Grosso. No século XX a guerra de conquista continuou sob o manto da “*colonização pacífica e harmoniosa*”, levada adiante pelas companhias de terras que ocuparam, lotearam e venderam os antigos territórios indígenas com o aval institucional do Estado do Paraná. (SÁ, 2001, p. 27)

A formação do Estado do Paraná, a partir do desmembramento de São Paulo, resultou em um estado com uma população urbana concentrada nas cidades ao redor da capital Curitiba e com populações dispersas no interior, sobretudo na região norte do referido Estado.

A região Noroeste ainda mantinha as matas da floresta atlântica e casebres onde se viam sertanejos que viviam em conflitos com os indígenas, e que desenvolviam atividades de subsistência, que ocorriam entre os carregadores formados entre as picadas da mata.

A partir de 1939, o governo de Estado do Paraná iniciou um programa de colonização do norte paranaense, através de comercialização de terras devolutas e concessões.

A expansão via oeste é explicada em face a busca de novas terras para a economia cafeeira.

A expansão cafeeira foi sempre acompanhada de um movimento dinâmico que compreendia uma área onde o café estava penetrando; uma em que se achava plenamente em produção, e outra, decadente, onde a cultura se achava em declínio. Daí, a existência de centros dinâmicos onde a cafeicultura se encontrava momentaneamente no apogeu (CANCIAN, 1981, p. 92).

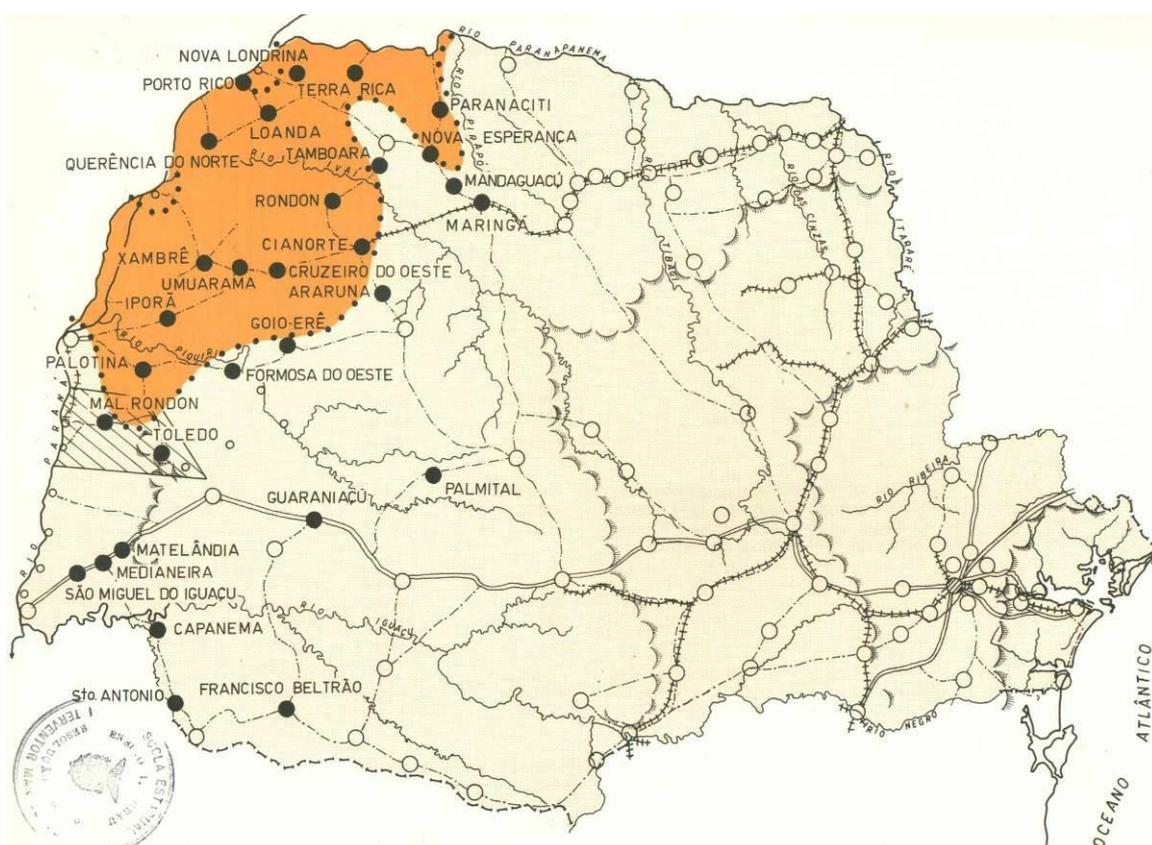
A colônia de Paranavaí-Paraná foi fundada na mesma data, dando início assim à colonização do extremo noroeste do estado.

As empresas que colonizaram essa parte do estado atuavam sob tres preceitos: a) colonização – planejamento, loteamento e venda de terras; b) construção de estradas – para escoamento da produção e ligação com outras regiões; c) implantação de núcleos urbanos – cidades e patrimônios para concentrar atividades econômico-sociais (LUZ, 1997).

[...] O eixo de toda a colonização e espinha dorsal da penetração foi o espigão que divide as bacias dos rios Ivaí e Parnapanema (sic), o qual, com seu topo largo e plano, possibilitou o traçado dos leitos da ferrovia e da estrada principal, e o estabelecimento dos principais núcleos urbanos da região (LUZ, 1997, p. 42-43),

No Norte/Noroeste do Paraná, a Companhia responsável pela colonização planejou a criação de centros urbanos de maior dimensão, distantes mais ou menos 100 quilômetros uns dos outros: Londrina, Maringá, Cianorte, Umuarama e entre esses intercalados núcleos menores, a cada 15 quilômetros aproximadamente. Os núcleos menores deveriam abastecer os maiores com produtos hortigranjeiros (LUZ, 1997).

A figura abaixo mostra no mapa do Paraná as cidades fundadas entre as décadas de 1940 a 1960, com destaque para a porção noroeste do Estado onde se encontra Porto Rico.



Mapa do Estado do Paraná com destaque para porção Noroeste, onde se encontra Porto Rico. Fonte: Westphalen, 1980

Até a década de 1960, a colonização da região foi marcada por muitos conflitos pela posse da terra, que requeriam a constante intervenção da Polícia Militar e do Poder Judiciário. Esses conflitos se davam com os migrantes de várias regiões do país, sobretudo, nordestinos e paulistas, que desenvolviam seu trabalho basicamente nas culturas do café e do algodão (SÁ, 1988, p.19).

A expansão cafeeira do oeste paulista que atingiu o Paraná, foi benéfica para a expansão de cidades pelo Paraná adentro. Segundo Sá,

Os médios e os grandes proprietários, no início da colonização, arrendavam suas propriedades para formação de cafezais. Cabia ao arrendatário o desmatamento, a renda conseguida com a venda das madeiras e a receita da primeira safra. Nesse período o arrendatário cultivava outros produtos para sua subsistência, além de manter pequena criação de gado leiteiro, suínos e aves. (SÁ, 2001, p. 44)

Esse tipo de economia favoreceu a ocupação de forma mais intensa da região, com a fundação e o desenvolvimento de várias cidades no norte, nordeste e oeste do Estado. A região como um todo foi radicalmente modificada pela ação antrópica, que transformou a mata em cidade e os carregadores em estradas.

Entretanto, já em meados da década de 60, a cultura do café estava praticamente erradicada e os parceiros e pequenos proprietários passaram a cultivar algodão e mandioca, enquanto os médios e grandes proprietários passaram a plantar milho. (SÁ, 2001, p. 44)

A perda da importância da lavoura cafeeira resultou na substituição da economia por outras cultura, entre as quais a cana-de-açúcar e no desemprego para muitos que dependiam do plantio e da colheita do café. Muitos trabalhadores rurais perderam seu trabalho. Aqueles que moravam em locais próximos aos grandes rios passaram a viver da pesca.

Mas, essa atividade também se fez com muitos desafios, sobretudo a partir da década de 1970, quando iniciaram a construção de barragens pelos rios Paranapanema e Paraná, o que contribuiu para a diminuição de espécies e quantidade de peixes.

A cidade de Porto Rico situa-se no trecho fluvial compreendido entre a foz do rio Paranapanema e a foz do rio Ivinheima, na parte média do alto rio Paraná. Está a jusante da barragem de Porto Primavera, e cerca de duzentos quilômetros à montante do remanso do reservatório de Itaipu. A área do município é de 221,99 km²

e faz limite com os municípios de Loanda, São Pedro do Paraná, Santa Cruz de Monte Castelo e Querência do Norte.

Em frente a ela, do outro lado do rio Paraná está o município de Bataiporã, no Estado do Mato Grosso do Sul.

O município está em uma bacia formada pelos rios Rio São Pedro, córrego Caracu, Nanci, Água Dois, Número Quatro, Primeira Água, Água do Patrão, Ribeirão Taquarussu, córrego Marrecas e, principalmente, pelo Rio Paraná, localizado geograficamente no extremo noroeste do Estado, próximo à região conhecida como Planície de Inundação do Alto Rio Paraná, uma área de 230km. A planície de inundação é, segundo Junhk, Bayley e Sparks, toda e qualquer “área periodicamente inundadas pelo fluxo de rios ou lagos e/ou pela precipitação direta ou pelo lençol freático” (apud VIOLANTE, 2006, p.28)

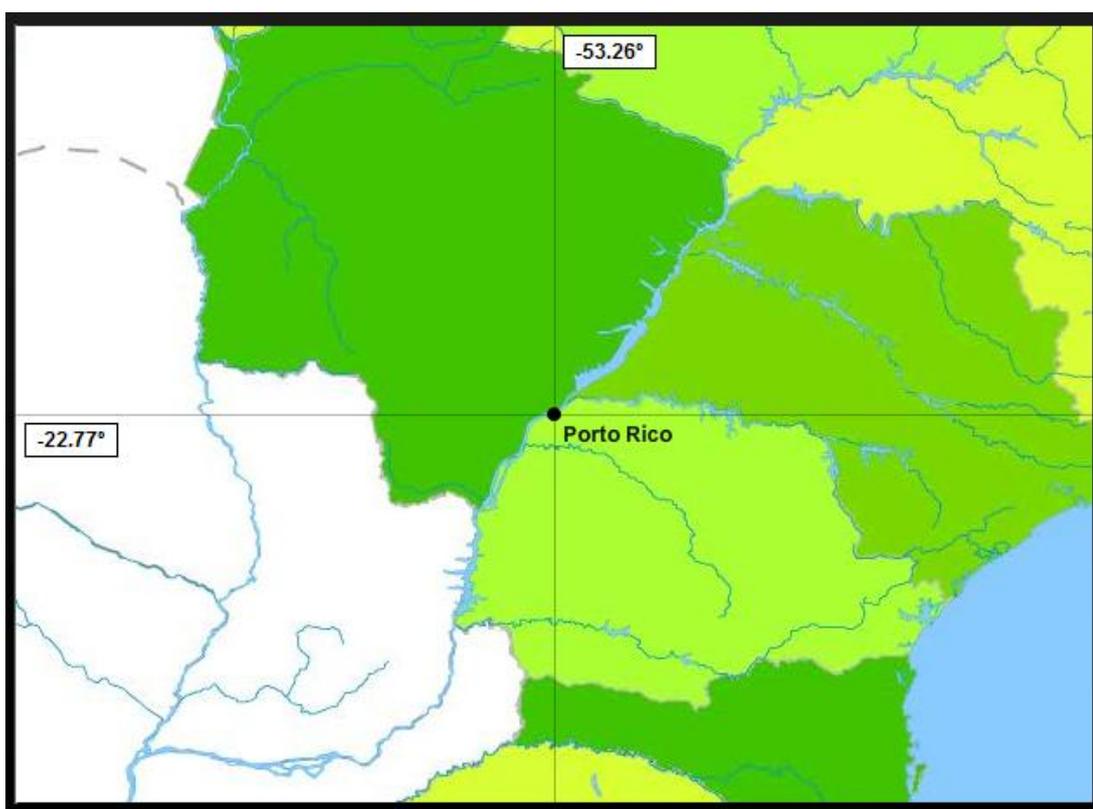


Figura da localização de Porto Rico no extremo noroeste do Paraná. Fonte: IBGE

(<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=412020>)

De acordo com Silva (2002), Porto Rico foi fundada no início da década de 50 pela empresa José Ebiner e Cia, que trazia migrantes em busca de terras férteis e clima propício para o desenvolvimento da cafeicultura.

Em seus momentos iniciais foi Distrito Administrativo de Paranavaí e, por força da Lei número 13, de 5 de agosto de 1956, foi elevada à categoria de Distrito Administrativo de Loanda. Em 5 de julho de 1963, pela Lei Estadual número 4738, foi criado o Município e instalado oficialmente em 21 de abril de 1964, ocasião em que foi empossado o primeiro Prefeito Municipal eleito (SILVA, 2002, p.5)

Segundo o Jornal O Diário do Norte do Paraná

o nome da cidade é topônimo, ou seja, denominação de origem geográfica, por estar situado às margens do Rio Paraná, tendo a pesca como a principal fonte de renda. Daí a origem do topônimo adotado: Porto (por ser o local utilizado pelos pescadores) e Rico (devido às riquezas aquáticas apresentadas pelo Rio Paraná, especialmente à época do desbravamento da região)” (O Diário, 05/11/2000, p. 2)

Ferreira (1999) retrata o surgimento da cidade de Porto Rico em seu livro “O Paraná e seus Municípios” dizendo que:

No início da década de cinquenta, no local que denominaram de Porto Rico, instalaram-se José Ebiner, José Loreno de Lima e as famílias de Manoel Gomes Cardoso, Joaquim de Campos e Joaquim Lopes. Estas pessoas vinham com a finalidade de desbravar a região à procura de terras agricultáveis. (FERREIRA, 1999, p. 401)

Como parte significativa do Norte e Noroeste do Paraná, Porto Rico teve como habitantes já no então município, migrantes nortistas e nordestinos.

A cidade (...) foi formada a partir da chegada de migrantes vindos de diversas partes do país, especialmente da região norte e nordeste, atraídos pelas terras férteis e clima propício para diversas culturas agrícolas, principalmente o café que se destacou inicialmente na economia regional. (SILVA, 2002, p.6)

O município, mesmo com sua emancipação, manteve características de lugar pequeno, do ponto de vista habitacional, tanto é que, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 1970 Porto Rico contava com 6.192 habitantes, destes 1.025 eram moradores da zona urbana e 5.167 da zona rural.

Uma década mais, em 1980, apresentava 5.341 habitantes, 1.181 na zona urbana e 4.160 na rural, num indicativo de decréscimo populacional

A perda de população seguiu e em 1991 os números se alteraram para 3.211, sendo 1.495 na zona urbana e 1.716 na zona rural. Em 1996 esses números passaram para 2.714 habitantes, com 1.490 na zona urbana e 1.224 na zona rural. No ano de 2000 uma população de 2547 e, em 2005, de acordo com o censo do IBGE, o município possuía 2.136 habitantes e em 2010, último censo, eram 2519 habitantes a viver no referido município (IBGE, 2010).

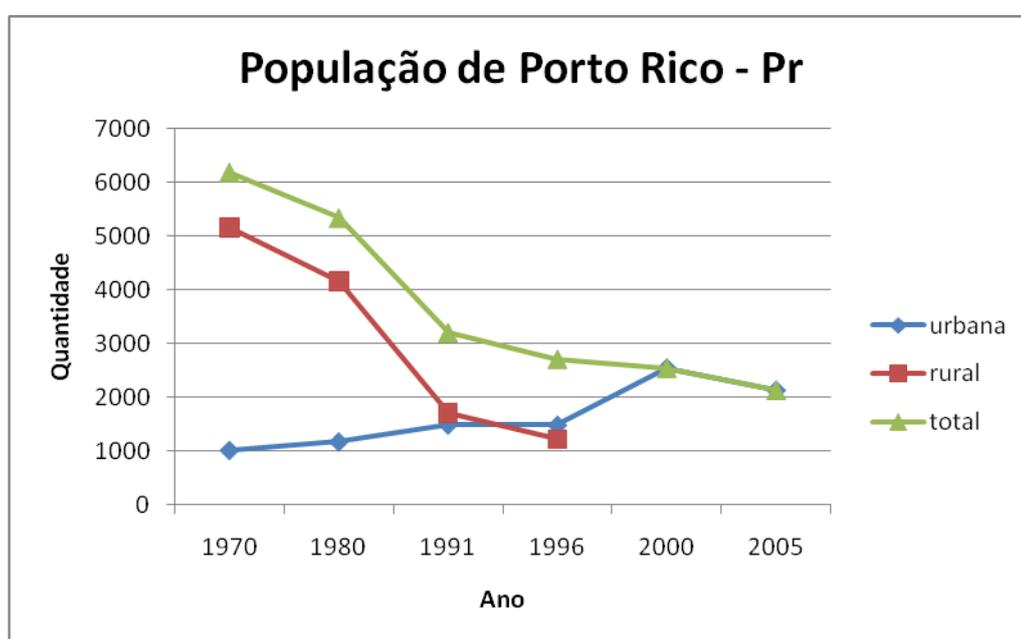


Figura: Gráfico da variação da população de Porto Rico - PR nos últimos 35 anos

Estes dados nos mostram duas situações: primeiro um aumento no número de residentes na área urbana da cidade, enquanto na área rural diminuiu significativamente, o que caracteriza o êxodo rural. Apesar do número de habitantes da área urbana sobrepôr à rural, no total, nestes anos representados na figura acima, houve uma diminuição na quantidade de residentes da cidade de Porto Rico de forma geral, caindo de 6.192 habitantes, em 1970, para 2,136 em 2005.

A diminuição populacional está relacionada à crise da economia cafeeira, agravada pela geada de 1975 e pela mecanização agrícola, que motivou um intenso êxodo meio rural e urbano. Não foram apenas as famílias que trabalhavam e residiam no rural que migraram, mas também grande parte dos moradores da parte

urbana, uma vez que a atividade rural também comandava as atividades nos espaços urbanos

É este movimento de êxodo rural que vai determinar a característica da população residente em Porto Rico, assim como as ocupações e fontes de renda da mesma. O sustento dessa população foi adquirido durante muitos anos, da agricultura e da pesca. Essas atividades expressam o perfil profissional dos moradores do local, em sua maioria pescadores, havendo ainda alguns envolvidos com o plantio e a criação de animais.

Cabe ainda destacar que se trata de um município ribeirinho, que tem 16 ilhas (Boa Vista, Coutinho, Japonesa, Floresta, Bandeiras, Pombas, Defunto, Carioca, do Pacú, Santa Rosa, Sílvia, Cajá, Mandaguari, das Vacas, Porto Rico e Mutum), além das praias Carioca, Permanente e as que se formam apenas no verão.

Dentre as ilhas do Município, a Mutum se destaca pelo seu tamanho diante das outras. Com 14,6 km de extensão num perímetro de aproximadamente 13 hectares, situa-se a 800 metros do continente. (SÁ e TOMANICK, p. 331).

Por essa característica, com a queda da lavoura cafeeira, a pesca tornou-se a principal atividade, numa região em que outras possibilidades ocupacionais são escassas.

Contudo essa realidade foi alterada de forma bastante abrupta, tanto por questões naturais quanto pelas conseqüências das ações do homem na natureza.

Um fator determinante na vida produtiva e também de moradia para os habitantes de Porto Rico e suas ilhas foram as enchentes da década de 1980. Segundo Rosa (2000), elas expulsaram os ilhéus para o continente, o que gerou alguns conflitos, pois a cidade não tinha capacidade para receber todos os que foram “expulsos”, sobretudo em relação ao trabalho. Alguns foram assentados, outros voltaram para as ilhas praticando a agricultura e/ou criando gado e outros passaram a prestar serviços aos turistas, com passeios de barcos.

Outro fator foi a construção de usinas hidrelétricas, que alteraram o fluxo, as cheias e conseqüentemente a vida do rio, de onde algumas pessoas tiravam seu sustento. Mesmo que a pesca não fosse a atividade escolhida, era a única que restava em uma região de possibilidades escassas.

Para Silva (2002, p.10) “A atividade da pesca acompanhou a vida econômica e a conseqüente degradação ambiental da região; de atividade promissora e atraente, passou a quase que obrigatória”.

De qualquer forma ela acabou se tornando a profissão de muitos moradores da região, que mais tarde viria a ser afetada diretamente pela ação antrópica.

Em 1982, iniciou-se uma “nova” história de Porto Rico e sua região, com o fechamento das comportas da Usina Hidrelétrica (UHE) de Itaipu e a formação do respectivo lago que encobriu o grande patrimônio natural: o salto das Sete Quedas, em Guaíra, PR. Essa usina hidrelétrica e as UHE de Porto Primavera e Rosana à montante, alteraram a dinâmica hidrológica de uma região conhecida como Planície de Inundação do Alto Rio Paraná. As UHEs modificaram a organização do trabalho dos moradores das ilhas locais. A criação do Parque Nacional de Ilha Grande, do Parque Estadual do Ivinheima (MS) e da Área de Proteção Ambiental (APA) das Ilhas e Várzeas do Rio Paraná, fez com que os moradores que pescavam, plantavam e criavam animais nas ilhas ficassem praticamente sem a subsistência da qual dependiam há pelo menos quatro décadas. (VIOLANTE, 2007, p.3)

Além disso, conforme constatou Silva (2002), os moradores também atribuem a falta de peixes e de animais nativos da região ao impacto causado pela exploração turística de forma descontrolada nas ilhas.

A cidade, atualmente, não apresenta oportunidades de emprego. O comércio é pequeno e em sua maioria administrado pelo dono e por funcionários que são seus familiares. Alguns restaurantes e/ou lanchonetes contratam garçons, mas a quantidade de emprego ainda é pequena. A Prefeitura é uma fonte de oferta de emprego para os moradores da localidade, que trabalham em uma espécie de rodízio, como aqueles que se cadastram para varrer rua, limpar a cidade e outros serviços gerais relacionados aos cuidados urbanos.

De acordo com o relatório de pesquisa de longa duração (PELD), em 2000

As empresas existentes em Porto Rico empregam 460 pessoas. Destas, 355 pessoas são empregadas de maneira formal, o que representa 77,2% e 105 pessoas trabalham de maneira informal, o que representa 22,8%. O comércio e serviços, que representam maior quantidade na cidade, geram o maior percentual de empregos, 90,0%. A maioria das empresas é microempresa privada (UEM/NUPELIA/PELD, 2000, p. 304-305)

Desta forma, o turismo se constitui em uma fonte de renda para a população. Os turistas que buscam as belezas naturais da região para atividades de veraneio e

de lazer, possibilitam a utilização dos barcos que antes estavam reservados para a pesca. Os antigos pescadores levam turistas e visitantes para conhecer as ilhas e praias, feitas pelos bancos de areia do rio.

As influências e as modificações geradas na cidade a partir da chegada do turismo na região pode-se ver nos moradores que cuidam da casa de turistas e dos “clubes” de veraneio. Com o aumento de turistas que adquirem casas e terrenos na localidade, outra oportunidade tem sido a construção civil.

Desta forma percebe-se que o turismo tornou-se uma atividade importante na pequena cidade do Paraná. Contudo, o turismo não fica restrito às questões de oferta de emprego, vai muito além e chega a interferir na cultura local. É essa interferência que nos preocupa e que se tornou objeto de estudo, sobretudo as modificações que o turismo acarretou na celebração da festa em devoção à Nossa Senhora dos Navegantes.

Essa interferência fica evidente na fala de um morador, entrevistado por Silva (2002)

Mesmo as ações tradicionalmente existentes na cidade, como a festa de comemoração da padroeira da cidade, a referência cultural mais importante da região, está descaracterizada. Faz três anos que a festa não é mais a mesma. O que era para ser uma festa religiosa já não carrega mais a solenidade de antigamente, as próprias músicas são estranhas ao evento. (O entrevistado) acrescenta que agora há bagunça, brigas e confusões, as pessoas da cidade não estão aprovando o novo estilo de se fazer a festa, que antes, era feita com procissão de barcos e bailes mais tradicionais. (SILVA, 2002, p.100)

Em contraponto, há moradores que destacam a importância da atividade turística, entendendo que se houver um cuidado e um planejamento há como crescer a partir dela, sem que para isso os anfitriões precisem “anular” sua vida e modificar drasticamente sua cultura.

[...] sem o turista, a cidade acaba. A cidade depende, agora, do turista: “O peixe acabou, e o turista vêm muito também por causa do peixe, o turista só tá vindo por que aqui é beira de rio, mas peixe não tem mais não. O prefeito deveria fazer alguma coisa para melhorar a cidade, atrair mais turistas. As calçadas na beira do rio estão desmoronando, as praças não são bem cuidadas, tem muitas lâmpadas quebradas. A festa de Nossa Senhora dos Navegantes está acabando, a última que teve não houve nem festa direito, não veio gente, e eu e um monte de gente espera que a festa não aconteça mais, do jeito que está não está direito, a festa de Nossa

Senhora dos Navegantes terceirizada é demais.” (SILVA, 2002, p.102)

Como se vê, as queixas indicam modificações na festa que são sentidas pelos moradores locais e que agora busco analisar para melhor compreender e explicar as transformações ocorridas.

4 TRANSFORMAÇÕES NA FESTA DE NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES

4.1 A festa de Nossa Senhora dos Navegantes

A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes é uma das festas em homenagem a Nossa Senhora e consiste em um festejo comemorado pelos pescadores em forma de uma procissão fluvial ou marítima. Sua história é repleta de lendas e ritos religiosos, e sua realização carrega alguns ritos oriundos de Portugal, que possuem valiosos significados de uma fé que tem se mantido viva ao longo de muitos anos. Segundo Lima (2007),

antes de uma viagem todos os tripulantes e suas famílias participavam de uma missa no navio, para viajarem em comunhão com Jesus Cristo. Nela também o sacerdote invocava proteção também da Santíssima Mãe, que os navegantes consideravam a maior Estrela do Mar. Depois partiam transportando o Crucifixo e a imagem da Virgem Maria, para guardá-los dos perigos, inclusive no regresso. (LIMA, 2007, p.38)

Para compreender um pouco mais a respeito dessa devoção que veio de Portugal se espalhou pelo Brasil, será necessário entender um pouco de onde surgiu essa tradição e como ela foi trazida para o país, para depois entender como ela ocorre das mais diversas formas pelo país e, em específico, como ela se realiza e quais as suas mais importantes transformações na cidade de Porto Rico.

A devoção a Nossa Senhora dos Navegantes teve início na Idade Média. Ao utilizar o Mar Mediterrâneo para chegar à Palestina, os cruzados invocavam a proteção de Maria, a Estrela do Mar. Depois, já na época dos Descobrimentos, essa tradição foi mantida pelos navegadores portugueses e espanhóis que se aventuraram no oceano imenso e desconhecido, quando, então, disseminou-se entre os pescadores das novas terras, onde começaram a surgir santuários nas regiões pesqueiras (LIMA, 2007, p.38)

Segundo Lima, no Brasil, a Santa recebeu vários títulos e grande devoção por parte daqueles que viviam ou dependiam do mar e dos rios, ainda que o título de Nossa Senhora dos Navegantes fosse o mais usado por eles. Outras denominações se destacam: Senhora dos Mares, da Boa Viagem e Iemanjá dos Navegantes.

A afirmação pode ser confirmada através da localização dos mais conhecidos santuários de Nossa Senhora dos Navegantes no Brasil em zonas de pescaria nos estados de Santa Catarina e Paraná, na cidade de Porto Alegre no Rio Grande do Sul, em Salvador no estado da Bahia e em Angra dos Reis no estado do Rio de Janeiro. (LIMA, 2007, p.38)

No Brasil, a primeira imagem de que se tem conhecimento foi trazida pelos portugueses no século XVIII para a praia de Itajaí, em Santa Catarina, com o objetivo de demarcar uma sesmaria em 1795 (LIMA, 2007). Lá, foi construída uma capela e, em 1912, o Conselho Municipal deu-lhe o nome de Navegantes, tendo em vista o arraial ser habitado, em sua maioria, por navegadores e já ter como Padroeira Nossa Senhora dos Navegantes. Todo ano, no dia 2 de fevereiro, dia “oficial” da santa, celebra-se em Itajaí a Festa Nossa Senhora dos Navegantes, com direito a missa e procissão fluvial e a participação de fiéis de toda a vizinhança.

De acordo com Maynard (s/ data), o culto a Nossa Senhora disseminou-se entre os nativos, e teve como consequência o surgimento de santuários nas regiões pesqueiras por quase todo o Brasil. Essa festa acontece principalmente em local de imigração açoriana, como Porto Alegre, antigo Porto dos Casais.

Em Porto Alegre, a festa ocorre todos os anos desde 1871 (LAMPERT, 2010). A festa passou por diversas transformações, que podem ser atribuídas ao dinâmica da cidade, à transformação do espaço profano em espaço sagrado e à chegada do turismo na região. Segundo o autor, uma das principais mudanças na tradição foi o fim da procissão náutica, que ocorreu nos anos de 1998 e 2000. O motivo de tal transformação foi o medo da população e dos poderes locais após o naufrágio do barco de turismo “Bateau Mouche”, no Rio de Janeiro. Contudo, “no ano de 2009, após várias manifestações populares, a procissão fluvial foi restabelecida, retomando a antiga tradição, embora tenha sido proibida novamente no ano posterior” (LAMPERT, 2010, p.26). É importante lembrar que a força desta tradição é tamanha que o bairro onde se realiza a festa tem por nome Bairro Navegantes.

A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes é praticada também de modo secular, na praia da Redinha, no Rio Grande do Norte.

Apesar de ser um bairro do município de Natal, Rio Grande do Norte, Brasil, a praia da Redinha é tratada como uma praia do Litoral Norte. (...) Ela é famosa por possuir casas e bares simples e rústicos, bons peixes, e a famosa gíngua com tapioca (iguaria local). Comemorada na última semana de janeiro, a Festa de Nossa Senhora dos

Navegantes é uma das tradições mantidas na praia da Redinha. (LIMA, 2007, p. 41)

Essa festa mantém alguns acontecimentos que são comuns em todas as festas de cunho religioso, como missas e procissões, mas também apresentam alguns traços de festa profana, mesclando-se à religiosa, que é o concurso de embarcações, a apresentação de grupos folclóricos e *shows*.

Na Bahia, a Festa Nossa Senhora dos Navegantes ocorre de duas formas distintas: uma no dia 1º de janeiro, em louvor ao Nosso Senhor dos Navegantes, e outra no dia 2 de fevereiro, com o título de Iemanjá, que nada mais é do que a Nossa Senhora dos Navegantes batizada por outro nome.

Já no Paraná, a festa acontece em várias cidades, tendo grande diferenciação nas datas e programação, assim como a forma de viver aquele momento. Conforme Lima,

no estado do Paraná, a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes ocorre em diversas cidades, mas com datas e programações diferentes. Em Boa Esperança do Iguaçu, realizada há mais de quarenta anos, a festa acontece em comunidade de fazenda Veroneze, quando a população sai em procissão até o lago de Salto Caxias, onde é celebrada missa e procissão com barcos, retornando em seguida até a fazenda, continuando as festividades em homenagem à Nossa Senhora. Em Coronel Domingos Soares, a festa é realizada no primeiro domingo do mês de fevereiro. A imagem de Nossa Senhora dos Navegantes chega ao local da festa em um barco, e em seguida, ocorre uma procissão até a igreja onde é realizada a missa, sendo servido o almoço, depois, com festividades que vão até o anoitecer. Em Itaipulândia, na comunidade de Jacutinga, no lago de Itaipu, faz-se a procissão de barcos com a imagem de Nossa Senhora, seguida de missa campal e festa popular, com almoço festivo. Em Paranaguá, a comunidade de Nossa Senhora dos Navegantes, da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, realiza, na segunda quinzena de janeiro, a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, dividida em duas partes: a parte religiosa, com novena, procissão e queima de fogos e a festa profana, com barracas de comidas típicas e shows com artistas locais, fandangos, encontro de violas, rabeças e queimas de fogos. Já em Prato Bragado, no primeiro domingo do mês de fevereiro, a comunidade de Nossa Senhora dos Navegantes, realiza procissão com a imagem de Nossa Senhora que vai até o Porto Britânia, onde acontece uma missa e em seguida a procissão sai pelo rio. Depois da procissão, a imagem retorna para a comunidade e se realiza um almoço festivo, com atrações sociais e recreativas. (LIMA, 2007, p.41- 42)

Pode-se perceber que a festa mescla religiosidade com ações profanas, e muitas vezes isso assegura sua sobrevivência e faz com que muitas pessoas busquem na festa mais o lúdico do que o religioso.

Tal fenômeno pode ser visto na Festa de Angra dos Reis, no Rio de Janeiro, transformada num grande evento profano que chega mesmo a ser considerado um “carnaval dos mares” (PROCISSÃO MARÍTIMA).

Esta Festa é batizada de procissão marítima e denominada pelos seus organizadores como o maior evento náutico das Américas. Em 1978, inspirado por festas que aconteciam em outras cidades do Brasil, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, diretor da Rede Globo de televisão, reuniu um grupo de amigos e com as imagens de Nosso Senhor dos Navegantes e Nossa Senhora da Piedade, criando a primeira Procissão Marítima de Angra dos Reis, no dia 1º de janeiro. O trajeto percorria a Praia das Flechas na Ilha da Gipóia à Ponta do Cantador. (GUIA TURÍSTICO DE ANGRA DOS REIS E ILHA GRANDE)

Pode-se dizer, portanto, que tal festa se destaca por todo o Brasil com suas particularidades vinculadas à localidade que a realiza, sem deixar de agregar a parte comercial e lúdica a um momento de religiosidade, despertando assim os olhares dos mais diversos tipos de visitantes e podendo até mesmo se consagrar como um atrativo turístico para o município.

4.2 A Festa Nossa Senhora dos Navegantes de Porto Rico. Um momento do evento entre os anos de 2008 e 2010

Domingo, 30 de agosto de 2009. Os sinos da igreja matriz anunciam que a hora tão esperada durante todo o final de semana está prestes a se iniciar, e a cada badalada é como se fosse um convite divino para cada fiel se preparar para um momento de grande fé e religiosidade. O padre já se encontra na igreja, juntamente com os coroinhas e as beatas. Dentro do templo, ao lado do púlpito, está o barco com a Imagem de Nossa Senhora dos Navegantes, enfeitado por flores e aguardando o momento de ser lançado à água.



FIGURA 4 - MISSA QUE ANTECEDE À PROCISSÃO FLUVIAL, COM A IMAGEM DE NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES EM SEU BARCO

Data: agosto 2009

Fonte: arquivo pessoal

Uma a uma, as pessoas que participam da celebração se encaminham para a igreja e entram, esperando as palavras do “mensageiro do Senhor”. Um público pequeno, composto por alguns moradores locais mais idosos e poucos representantes das novas gerações assiste à missa, destinada ao louvor à Nossa Senhora dos Navegantes.

As palavras enunciadas pelo padre são recebidas pelos presentes, e a fé no ritual se torna algo tão transparente ao ponto de ser percebido por pessoas de fora desse “clã”.

Ao findar a missa, o padre solicita que alguns voluntários carreguem o barco com a santa até o rio, para que possa ser dado início à procissão fluvial, momento pelo qual os fiéis esperam o ano todo. São necessários em média 8 homens para carregar o barco, pois a santa é feita de madeira maciça e o peso é grande. O trajeto percorrido da igreja até a barranca do rio requer um revezamento entre os que se dispõem a carregar a imagem. Todavia, o número de fiéis é tão reduzido que surge a necessidade da ajuda de turistas que se encontram na barranca do rio. Somente assim a procissão pode seguir.

Colocada a imagem no barco, é feita uma reza em homenagem à santa. Em meio aos cânticos, o barco percorre um pequeno trecho no rio, acompanhada por um barco da imprensa e outro da prefeitura, que transporta as autoridades locais. Nos anos de 2008, 2009 e 2010 em que estive presente na realização da festa, não houve a presença de pescadores durante a procissão fluvial.

Ao retornar para a barranca, a imagem é novamente carregada até a igreja, onde permanece até o final da festa. É importante destacar que em todo o trajeto, tanto na ida quanto na volta da procissão, a santa é carregada em meio a louvores e cânticos dos fieis.



FIGURA 5 - MORADORES CARREGANDO A SANTA NO RETORNO DA PROCISSÃO FLUVIAL
Data: agosto de 2009
Fonte: arquivo pessoal

Pode-se dizer que esse é o ápice da festa, o momento mais aguardado e o de maior valor religioso. Contudo, esse recorte do momento cristão perde o seu significado se não for contextualizado com os demais acontecimentos da festa. Vejamos então, o desenrolar da festa desde o seu primeiro dia até o momento em que ocorre a procissão, seguida pelo encerramento, no domingo à noite.

Isso se inicia na última sexta-feira do mês de agosto de 2010. Os carros começam a chegar na cidade, enchendo as pequenas ruas com visitantes de várias regiões do Estado e também do país. A estrutura hoteleira é pequena demais para acolher os 10 mil turistas diários na cidade durante a realização da festa. Os moradores, em busca de uma renda extra para ajudar no orçamento familiar, se unem e desocupam suas casas para alugá-las a turistas, passando a viver, durante a festa, por vezes mais de três famílias em uma única casa. Mas isso também não é o suficiente para a demanda. Então, a alternativa é armar as barracas na rua, para ali permanecerem durante os três dias de festa.

O início da festa se dá com um show organizado pela Prefeitura, com uma banda que esteja fazendo sucesso no momento. O local escolhido é a barranca do rio, onde há um palco construído e preparado para esse tipo de ocasião. O show geralmente é marcado para a noite de sexta-feira, mas já pela manhã é possível ver turistas circulando pela cidade com carros equipados com sons e muita bebida.

As barracas de comida, bebida, brincadeiras e comércio são montadas no início da sexta-feira, para não perderem um só momento de venda, e o rio já está congestionado pela quantidade de visitantes entrando e saindo dele, querendo aproveitar ao máximo as belezas que a natureza daquele local oferece. O show que ocorre a noite, na verdade, é apenas um marco simbólico para o início da festa.

Embora seja visível a presença de turistas e moradores no mesmo local, a demarcação de território que separa onde devem permanecer os moradores e qual é a parte dos turistas fica bastante clara. Ao redor do palco é o local onde se concentram os moradores. É como se lá estivessem protegidos. Eles evitam andar sozinhos pela sua própria cidade e estão, na maioria das vezes, em grupos. Também é possível encontrar moradores ao redor da feira que se monta ao longo da barranca do rio. Trata-se de uma área mista, na qual, por alguns momentos os moradores se misturam aos visitantes.

O lado da barranca oposto ao local onde ocorre o show é “proibido” para moradores – ao menos é assim que eles sentem. Essa parte fica reservada para a “vida solta”. Lá, nem mesmo os policiais se intrometem, a área é cercada por toras de madeira e ninguém se responsabiliza pelos que ultrapassam a linha demarcatória.



FIGURA 6 – MAPA COM DESTAQUE PARA O LOCAL ONDE OCORREM OS SHOWS (À DIREITA) E OS ESPAÇO QUE É DESTINADO AOS TURISTAS (À ESQUERDA)
 Fonte: Google Earth (destaques da autora)

Nesse pedaço de “vida solta” é possível observar o uso abusivo de substâncias ilícitas, bebidas alcoólicas e cigarros, além da prática de sexo ao ar livre.

Segundo os moradores, se uma menina anda pelo local, pode significar que deseja algo. Os rapazes nem ao menos perguntam o nome e já se aproximam, tirando a roupa enquanto elas esperam de saias e muitas vezes sem as peças íntimas. É possível afirmar isso pelo fato de eu mesma ter presenciado tais cenas, sem contar os depoimentos de moradores respeito.

Esse tipo de atitude e de ambiente é considerada pelos moradores como um dos motivos para não participem do evento. Note-se que, a princípio, a festa deveria ter como principais participantes os habitantes da localidade, assim como os pescadores, que deveriam ser os mais interessados no ritual místico.

O *show* termina, grande parte da população se dirige para suas casas, ou para as casas onde as pessoas se reúnem e tenta dormir. Contudo, isso nem sempre é uma tarefa fácil, visto que muitos turistas, com seus carros e caminhonetes estacionados em frente às casas de moradores, ligam o som em alto volume, sem se preocupar com o dia seguinte.

Cheguei a presenciar um grupo de rapazes que beberam incessantemente durante os três dias da festa, sem dormir. No último dia, eles estavam inchados e sem condições de seguir de volta à suas casas.

No sábado, o dia continua como terminou a noite anterior: muita cerveja, muita festa e muita diversão no rio. As pessoas passeiam pela rua, visitando as barracas da feira. Famílias levam as crianças para brincar no parque e visitantes continuam se divertindo da forma como desejam, conhecendo um pouco da cidade, se refrescando no rio, aproveitando a gastronomia local ou simplesmente bebendo e “curtindo um som”.



FIGURA 7 – FEIRA LIVRE NO CALÇADÃO DA CIDADE

Data: agosto de 2009

Fonte: arquivo pessoal

A noite do sábado é marcada por mais um show. Além disso, a Prefeitura organiza uma apresentação de fogos de artifício, disparados de uma balsa no meio do rio. O escuro da noite dá lugar a uma mistura de luzes coloridas que refletem no rio, formando um belo visual. Após esse momento, a festa continua com música, dança e bebidas. Durante várias horas a barranca do rio permanece lotada de pessoas aproveitando ao máximo cada minuto daquele lazer.

A manhã do domingo é marcada pela procissão fluvial, o clímax da festa, que não termina com a própria procissão. É oferecido um almoço também, cuja renda se converte em parte para a paróquia e em parte para a Prefeitura, como forma de auxílio nos custos do evento. O cardápio é constituído por churrasco, arroz salada e farofa, e é montado numa tenda próxima à barranca, para que os participantes façam suas refeições e apreciem a beleza natural do lugar.

Na noite de domingo é coroada a rainha da festa. O título é atribuído à candidata que vender mais votos. Ela permanece como rainha até a festa do próximo ano. O dinheiro arrecadado com a venda dos votos pelas candidatas à rainha é convertido para a paróquia. Uma porcentagem fica com a candidata vencedora, como forma de recompensa.

Em 2009, a rainha obteve R\$ 10 mil com a venda de votos e recebeu 20% desse valor como prêmio. O montante é bastante alto se considerarmos a renda mensal das famílias de Porto Rico.

Após a coroação, a festa é encerrada com mais um show, e a segunda-feira é marcada por um feriado municipal, para que a população descanse e a Prefeitura limpe a cidade.

É importante mencionar que esse último show é apreciado quase exclusivamente pelos moradores locais, uma vez que os visitantes costumam retornar para suas casas no domingo após o almoço.

Como foi que a festa chegou a esse modo de ocorrência? Para compreender essa situação há que se acompanhar um pouco mais as transformações processadas em Porto Rico.

5 COMPREENDENDO A FESTA PELAS IMAGENS E ORALIDADES

5.1 A oralidade e a fotografia

Para compreender as transformações ocorridas faz-se importante recorrer à metodologia da história oral, buscando-se ouvir os moradores, entre eles pescadores, autoridades políticas e religiosas, comerciantes e fiéis – os mais interessados na festa em seu sentido religioso e cultural, que relatam as principais modificações que perceberam ao longo dos anos.

Para isso, se faz necessário discorrer sobre os sentidos da história oral, para que fique clara a forma como esse assunto foi trabalhado. O recurso à história oral foi um instrumento de vital importância para a percepção de como as modificações apresentadas foram recebidas pelos maiores interessados pela festa, ou seja, os moradores locais.

Trabalhar com oralidade é uma atividade recente no Brasil. Entre os historiadores, data de aproximadamente os anos 1990, segundo Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado (2001). Ainda que os debates tenham se iniciado na década de 1970, somente em 1994 é que se criou a Associação Brasileira de História Oral (ABHO).

Segundo essa mesma associação, por história oral se entende “o trabalho de pesquisa que utiliza fontes orais em diferentes modalidades, independentemente da área de conhecimento na qual essa metodologia é utilizada.” (Estatuto da Associação Brasileira de História Oral, art. 1º, parágrafo 1).

Para José Carlos Bom Meihy 1988, “a história oral pretende ser um campo multidisciplinar em que, independentemente das várias tradições disciplinares, diferentes linhas de trabalhos possam dialogar sobre maneiras de abordagem das entrevistas e trocar experiências” (BOM MEIHY, 1998, p.35)

Essas são apenas algumas das definições existentes a respeito do que seja história oral. Trata-se de algo que tem sido bastante estudado e debatido. Por conseguinte, a cada dia, mais adeptos e estudiosos buscam a oralidade; a conversa com aqueles que viveram determinados fatos, cientes da importância desse tipo de fonte.

A história oral está, por sua vez, está diretamente ligada à memória, visto que a oralidade da pessoa só é possível de se construir a partir do momento em que esta resgata algo que foi memorizado em momentos pretéritos. São momentos que tiveram algum tipo de relação com o depoente, que marcaram a sua vida, positiva ou negativamente.

Para Jacques Le Goff, (1990, p.476) a “memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje.” É através da memória de um indivíduo ou de um grupo que se estabelece a sua identidade. Um grupo é fortalecido pelas memórias em comum, ainda que estas sejam organizadas de forma diferente entre cada um dos seus membros. É o objeto central da memória que caracteriza os participantes de um mesmo clã. Como lembra Hutton (1993), apud Ferreira (2002, p.321), “na rememoração, nós não lembramos as imagens do passado como elas aconteceram, e sim de acordo com as forças sociais do presente que estão agindo sobre nós”.

Muitas pesquisas são feitas por pesquisadores que buscam entender o passado através da memória coletiva, o que leva a entender que o conceito de memória permite que se relacionem passado e presente. A memória é encontrada no pensamento, na imaginação, na forma de perceber o mundo, de sentir as coisas. Para Le Goff (1990, p.477), “a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro.” Prossegue esse autor:

As imagens do passado dispostas em ordem cronológica, “ordem das estações” da memória social, evocam e transmitem a recordação dos acontecimentos que merecem ser conservados porque o grupo vê um fator de unificação nos monumentos da sua unidade passada ou, o que é equivalente, porque retém do seu passado as confirmações da sua unidade presente. (Le Goff, 1990, p.466)

A memória, além de ser uma ponte entre o passado e o presente, é um processo seletivo. A esse respeito, alerta Santos (2003):

Se nos damos conta de que, além de ser seletiva, a memória envolve o esquecimento, podemos compreender melhor ainda a falta de controle que temos sobre ela, pois o que lembramos e esquecemos não é resultado apenas de nossas intenções e desejos”. (SANTOS, 2003, p.274)

Há um processo de seleção das lembranças e dos esquecimentos, um processo mental inconsciente que traz à lembrança aquilo que provocou algum bem estar, algum prazer, alguma emoção que valha a pena ser lembrada. Acontecimentos pouco significativos para as pessoas são mais dificilmente lembrados. Para Ferreira (2002, p.321), “a memória é também uma construção do passado, mas pautada em emoções e vivências; ela é flexível, e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente.”

A memória tanto está presente em cada indivíduo, como no âmbito externo das pessoas. Existem objetos que guardam a memória e fazem lembrar (por exemplo a fotografia, a música), das mais diversas maneiras, de situações e ocasiões específicas, mas que nem sempre estão diretamente ligados ao indivíduo, podendo servir de referência a algo que aconteceu com uma terceira pessoa. Segundo Santos,

[...] embora a memória seja sempre resultado de um processo interativo, há casos em que a experiência pessoal é fundamental, e outros em que as determinações coletivas precisam ser consideradas. Os pesquisadores que trilham os caminhos da história oral subordinam a memória ao relato dos testemunhos sobre o que aconteceu no passado, inaugurando um novo campo de investigação. Contudo é preciso ter muito cuidado ao trilhar o caminho da história oral, tanto na hora de realizar as entrevistas quanto na hora de as transcrever. (SANTOS, 2003, p.05)

Na reconstrução do passado, cada relato obtido pode ser associado a um “quadro social” determinado, dependendo da inserção de cada indivíduo em seu grupo. Isso acontece porque indivíduos guardam fragmentos de experiências vivenciadas, e precisam das construções coletivas para que possam correlacionar e dar sentido aos diversos fragmentos que rememoram.

Conforme afirma Bosi (2003), muitas vezes a memória individual é condicionada pela memória coletiva. Não existe apenas um tipo de memória, uma única forma de lembrança do passado. Passado e presente se entrelaçam de acordo com múltiplos fatores que precisam ser observados pelo pesquisador que escolher trabalhar com a história oral, para que a interpretação e a leitura das entrevistas estejam apoiadas em uma fundamentação sólida.

Além do conhecimento sobre a história oral, o historiador deve se ater aos métodos da história oral. Isso deve ser visto não apenas como um ato de pegar um gravador e registrar e arquivar os relatos que lhe forem feitos. O depoimento e a

análise são procedimentos de pesquisa e de veiculação de conhecimento, pelos quais se produz uma fonte primária, interpretando e situando historicamente tais depoimentos. O ideal é que essa fonte não seja simplesmente arquivada, mas que ajude novos pesquisadores, pois o objetivo de se criar uma fonte é fazer com que ela leve o conhecimento adiante.

Segundo estudos realizados a respeito da história oral, há três posturas que podem ser tomadas por historiadores: a primeira a trata como técnica, a segunda como uma disciplina e a terceira como uma metodologia. Segundo Verena Alberti,

a história oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea (...). Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. (ALBERTI, 2006, p. 155)

Essa passagem mostra que, através de entrevistas, são construídas as chamadas fontes orais. Na história oral é o pesquisador quem constrói a fonte que irá utilizar em suas pesquisas.

Já para Adami et al, a metodologia da história oral é diferente da de outros métodos científicos:

A maioria dos métodos científicos sugere que o pesquisador assuma uma postura neutra diante do objeto para manter a imparcialidade científica. Na metodologia da história oral, por ser ela uma metodologia participativa, o depoente é também um colaborador da pesquisa e portanto agente e objeto do conhecimento que se constrói. Com esta postura a neutralidade científica é abalada e o pesquisador necessita assumir uma nova postura diante do seu objeto, uma vez que ambos, pesquisador e pesquisado são co-autores do trabalho. (ADAMI; BOLL; OLIVEIRA, 2004, p. 05)

Pode-se dizer que na história oral não há neutralidade, uma vez que a simples escolha dos entrevistados já está repleta de subjetividade, entendimentos e seleção pessoal do entrevistador. As questões feitas ao entrevistado, assim como o próprio problema estudado são escolhas do entrevistador, o que o impede de ser neutro, pois já se posicionou antes da entrevista, a partir do momento da escolha e do recorte feito ao tema de estudo. Contudo, essa posição não pode interferir na resposta do entrevistado. É preciso tomar muito cuidado quando se formula a pergunta, para que o ponto de vista do entrevistador não fique claro o suficiente a ponto de intimidar ou induzir o entrevistado.

De acordo com Augras (1997, p.31), algumas questões estão implícitas na fonte oral que foi produzida. Para entender essa questão é preciso ter claro, no momento de analisar os dados, “o que nos levou a marcar essa entrevista com essa pessoa nesse momento sobre esse assunto já formando de antemão o que virá a ser o desenrolar da entrevista”.

A história oral procura ouvir os sujeitos da história. Ela é, portanto, uma história das identidades, das memórias. É uma história do plural, e não apenas de uma versão dos fatos.

Ao trabalhar com a oralidade é preciso ouvir representantes de todos os grupos que envolvem o objeto de estudo. No objeto deste trabalho, por exemplo, não caberia ouvir apenas representantes da Prefeitura ou moradores da periferia da cidade. Foi preciso consultar os dois segmentos, assim como representantes de outros grupos da cidade, como comerciantes, fiéis, moradores, etc. É preciso trabalhar com múltiplas fontes, com vista a “cruzar” os dados e as informações e problematizá-los. Isso inclui envolver todas as esferas relacionadas com a forma de viver a festa.

A responsabilidade na construção da fonte oral está na interpretação e análise que é feita pelo entrevistador. De acordo com Portelli,

[...] as estórias mudam tanto com a quantidade de tempo (a experiência acumulada pelo narrador) quanto com a qualidade do tempo (os aspectos que ele quer enfatizar durante a narrativa). Nenhuma estória será contada duas vezes de forma idêntica. Cada estória que ouvimos é única. (PORTELLI, 2004, p. 298).

Por isso, é importante que o historiador tenha clareza do assunto que será objeto da entrevista, e que recorra a outras fontes para auxiliar no momento de interpretar as respostas obtidas, ciente de que é nos pequenos detalhes que se deve estar atento para enriquecer a sua interpretação e análise.

De acordo com Danièle Voldman, ao fazer história oral o historiador deve

[...] servir-se das contribuições da sociologia na condução e na formulação das pesquisas; por outro, não negligenciar elementos de psicologia, psicossociologia e psicanálise. Para ele, não se trata de propor interpretações da mensagem que lhe é comunicada, mas de saber que o não-dito, a hesitação, o silêncio, a repetição desnecessária, o lapso, a divagação e a associação são elementos integrantes e até estruturantes do discurso e do relato. (VOLDMAN, 2001, p.38)

A observação acima mostra a importância de o pesquisador estar atento a todo sinal que o seu entrevistado deixar transparecer, desde expressões faciais até um simples sorriso ou uma pausa antes de falar. São elementos que não aparecem no momento de ouvir a entrevista, e que dependem da percepção e do cuidado do pesquisador em anotar os “sinais”, que serão de vital importância no momento da análise dos discursos. Isso ressalta a importância de um diário de anotações no qual sejam registradas as reações manifestadas durante a entrevista, que não são captadas no gravador mas que podem revelar significações mais importantes do que a resposta propriamente dita. Mesmo um gesto pode dar significado diferente ao que está sendo dito.

Um importante cuidado é perceber que, “estando na forma de texto, deve-se analisar a fonte oral como qualquer documento, fazendo perguntas e verificando como se pode usufruir dessa fonte, tirando dela as evidências e os elementos que contribuirão para resolver o problema de pesquisa” (SILVEIRA, 2007, p.03).

Alguns cuidados foram tomados ao se trabalhar com a história oral no presente contexto, uma vez que a abordagem envolveu pessoas de faixas etárias diferentes, classes sociais diferentes e com objetivos diferentes em relação à manifestação cultural presente na festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Tal circunstância deu diversidade aos dados obtidos e segurança na elaboração das conclusões, uma vez que a pesquisa não se baseou apenas em uma das partes interessadas.

Nesse sentido, destaca-se a importância da história oral no presente estudo, bem como o desafio metodológico que envolve o seu emprego.

Um segundo momento foi dispensado à escolha dos entrevistados. A quantidade de pessoas, os critérios usados para escolher os entrevistados e o tipo de entrevista mais adequado para o tema, tendo em vista os entrevistados escolhidos. No caso, foram ouvidos doze depoentes, escolhidos pela relação direta com o objeto em questão: a festa.

Uma terceira preocupação se concentrou no cuidado que se deve ter ao analisar as entrevistas, transcrevê-las, e de que forma usar esse documento.

De acordo com algumas observações feitas por autores como Thompson (2002), Alberti (2004; 2005) Zago (2003) e Silveira (2007) há alguns procedimentos

importantes para o emprego da metodologia da história oral, como a que foi seguida no presente trabalho:

1. Ter consciência de que não existe neutralidade do pesquisador desde a escolha pelo tipo de entrevista a qualquer outro instrumento de coleta de dados ou fontes.
2. Respeitar os princípios éticos e de objetividade na pesquisa, lembrando que nenhum método dá conta de captar o problema em todas as suas dimensões. Todas as conclusões são provisórias, pois podem ser aprofundadas e revistas por pesquisas posteriores.
3. pesquisador não deve se apropriar da entrevista somente como uma técnica de coleta de dados, mas como parte integrante da construção do objeto de estudo.
4. A entrevista compreensiva não tem uma estrutura rígida, isto é, as questões previamente definidas podem sofrer alterações conforme o direcionamento que se quer dar à investigação. Dar preferência a perguntas mais abertas e um roteiro flexível.
5. Reservar um tempo relativamente longo para a realização da entrevista.
6. Durante a entrevista é válido ter um diário de campo onde se possa fazer anotações das reações, posturas e impressões do entrevistado, dificuldades nas informações obtidas, o que provocaram suas lembranças, novidades nas informações ou conteúdo, informações obtidas em off, etc.
7. uso de elementos que evoquem a memória do entrevistado como fotografias, recortes de periódicos e menção a fatos específicos podem facilitar o desenvolvimento do trabalho.
8. Construir fichas que organizem e orientem as futuras fontes orais. Deve-se privilegiar dados como o nome do entrevistado, número da entrevista que vai representar dentro do universo da pesquisa, idade do entrevistado, endereço, local onde foi gravada a entrevista, nome do entrevistador, idade, profissão, religião, datas das entrevistas realizadas com o informante, em que fitas (previamente numeradas) estarão gravadas as entrevistas, em que páginas da transcrição se encontrarão referências a determinados temas e se há alguma restrição ao acesso das informações. (SILVEIRA, 2007, p.5)

Seguindo esses passos, foram realizadas as doze entrevistas com moradores locais a respeito das modificações ocorridas na festa ao longo de sua história, tendo como protagonistas desde barqueiros e pescadores, donos de lanchonetes, padre, prefeito e idosos que participaram ativamente desde a primeira edição. Esse número foi considerado suficiente em virtude das pretensões do trabalho e da repetição de informações pelos depoentes.

Foram adotados alguns cuidados na realização das entrevistas. Elementos importantes para isso foram a paciência e a cautela. Conforme Portelli, é importante a paciência durante a pesquisa, uma vez que “repetir entrevistas (...) ajuda a

combater o tempo. Enquanto o entendimento e a amizade aumentam, os detalhes que no começo foram reprimidos podem ser revelados”. (2004, p. 299)

Não se pode ter pressa ao entrar na casa da pessoa que será entrevistada. A última preocupação do pesquisador deve ser com o tempo. Trata-se de um momento importante para o entrevistado, é a hora em que ele tem oportunidade de falar a sua versão sobre os fatos. Por isso, é preciso deixá-lo a vontade, inclusive para oferecer um cafezinho e manter a casa aberta para novas entrevistas, sempre que necessário, pois o que foi deixado pelo esquecimento ou cautela pelo entrevistado na primeira entrevista pode ser revelado na segunda ou na terceira.

É importante deixar a pessoa falar tudo o que ela considera importante. Todavia, está nas mãos do entrevistador encontrar o momento exato para encerrar a entrevista, mesmo que ache necessário voltar em outra oportunidade, pois as respostas começam se repetir ou o assunto se esgotou ou o entrevistado está cansado e não consegue mais se lembrar de coisas que ainda não tenha dito, o que torna a entrevista redundante e cansativa.

Outra fonte que auxiliou no entendimento a respeito das transformações ocorridas na festa foi a fotografia,. A foto, um produto da primeira metade do século XIX, é um elemento extremamente informativo, cuja análise abre campos de pesquisa, conforme afirma Kossoy (2001). Sua utilização na História como fonte vem meados dos anos 1970 e foi aumentada gradativamente, adquirindo inclusive uma função social.

Para Leonardo Cury Ciannella,

Monumentos, pessoas, costumes, mitos, cerimônias religiosas, fatos sociais e políticos foram documentados pelas máquinas fotográficas de todo o mundo. (...) Logo uma gama infindável de detalhes passaram a ser conhecidos através da apresentação fotográfica. (CIANNELLA, 2006, s/p)

Passa-se então a ter na fotografia registro de momentos que poderiam cair no esquecimento. Ana Maria Mauad (1996, p.73) deixa claro que a busca da história pela cientificidade fez da fotografia um aliado, uma vez que esta revela aspectos inquestionáveis de um determinado acontecimento. Porém, a História só começou a utilizá-la como fonte a partir daquilo que Kossoy (2001) chamou de “revolução documental”, quando se passou a ter como fonte e documento não apenas os escritos oficiais que retratavam a “história vista de cima”, mas toda e qualquer forma

que retrate acontecimentos passados ou presentes, como fotografias, falas, objetos, ilustrações, filmes etc.

Ainda que possua grande subjetividade em sua “produção”, posto que o fotógrafo é que escolhe o ângulo e a cena que quer registrar, ela mostra alguns fragmentos da realidade que se quer retratar. Daí que se pode dizer que há uma relação direta entre o fotógrafo e a fotografia. Resulta disso apenas um fragmento do real, que está repleto da subjetividade transportada do fotógrafo para a imagem registrada.

O testemunho que é o registro fotográfico do dado exterior é obtido/elaborado segundo a mediação criativa do fotógrafo. (...) Qualquer que seja o assunto registrado na fotografia, esta também documentará a visão de mundo do fotógrafo. (KOSSOY, 2001, p.50)

É preciso, então, ter metodologias que permitam ir além do que a imagem parece mostrar, ultrapassar os limites do evidente para verificar os objetivos que expliquem o enquadramento da imagem, o fundo, a perspectiva, os ângulos – ou seja, observar do ponto de vista de quem produziu o documento e de quem vai interpretá-lo.

Ao se trabalhar com a imagem, assim como qualquer outra fonte, é preciso ter claro que ela não pode ser tratada apenas como um complemento de informações. A fotografia não pode servir apenas para ilustrar o texto, e sobretudo ela não fala por si só. É preciso, antes, interrogá-la, questioná-la.

Zanirato destaca a necessidade de compreensão de que

a leitura da imagem se faz por meio de convecções sociais, por um conjunto de normas e regras comuns aos indivíduos, através das quais se constroem formas de intercâmbio dos conteúdos da realidade. Essa leitura depende da competência discursiva do receptor, da informação cultural que o mesmo é portador. O leitor realiza atos de leitura que implicam em uma série de competências e habilidades: sensoriais, perceptivas, culturais, históricas, etc. (ZANIRATO, 2005, p.13).

Em face a essas orientações foram selecionadas, neste trabalho, imagens capazes de auxiliar na compreensão do objeto e estas foram analisadas de acordo com as metodologias citadas anteriormente.

Um último campo documental utilizado neste capítulo é o jornal. Os documentos produzidos pelos periódicos foram considerados como informações que

precisam ser interpretadas em conformidade com os ensinamentos do trato com esse tipo de fonte, uma vez que é repleto de subjetividade. Para isso foram empregados os cuidados expressos por Zanirato (2005), para quem o jornal é um veículo de discurso social, portador de opiniões e idéias, é, portanto, um veículo do “saber” sobre o meio social, que se encontra modalizado por diversas estruturas discursivas, entre elas as de “fazer crer”, o que constitui a base da persuasão.

Por detrás de toda notícia registrada está a “visão de mundo” do jornalista. Por isso as reportagens precisam ser examinadas como linguagens produtoras de significados em relação a uma dada situação contextualizada historicamente (CAPELATO, 1989).

Somadas oralidade, matérias jornalísticas e imagens foi possível analisar as transformações processadas na festa pela chegada do turismo em Porto Rico

5.2 As transformações da festa

Desde sua primeira edição até 2010, notaram-se significativas modificações na forma como a festa foi realizada e vivida pelos moradores locais. Alguns pontos precisam ser detalhados para que se perceba em que medida tais mudanças trouxeram transtornos para os principais interessados.

A festa, seu modo de ocorrer, por se tratar de algo imaterial, é sabido que não se pode exigir que seja estático, que não sofra modificações ao longo do tempo. Pelo contrário, às vezes são as modificações que permitem a permanência de determinadas manifestações culturais. Contudo, essas modificações não podem ser tantas a ponto de descaracterizar totalmente o “evento”.

A leitura de jornais da região, assim como a fala de moradores e a análise de fotografias, permitem entender um pouco mais sobre como a festa acontecia em suas primeiras edições e sobre como ela está sendo realizada hoje.

Em 1970, o Jornal de Londrina trouxe, na primeira página do dia 20/09, uma matéria que chamava a atenção para as belezas ainda desconhecidas de Porto Rico por turistas, alegando que estes procuram lugares tradicionais como Villa Velha, Foz do Iguaçu, Sete Quedas etc., destacando que não havia divulgação das maravilhas do noroeste paranaense. A matéria procurava passar uma imagem daquilo que

considerava beleza paisagística de Porto Rico, passível de ser mais bem empregada pela administração local para gerar divisas para a cidade e a região.

A mesma matéria chamava a atenção para um festejo que se realizava na localidade, dizendo que

em pequena ilha, doze quilômetros acima de Porto Rico, ergueu-se uma capela construída por jesuítas que andavam catequizando índios nas margens do rio Paraná, segundo contam os mais antigos moradores da região. Sob a capela estaria sepultado um missionário, morto a flecha. A ermida, de madeira, foi construída em homenagem a Nossa Senhora dos Navegantes, a padroeira dos homens do rio. (JORNAL DE LONDRINA, 1970, p. 01)

Desde essa ocasião, já se verificava a relação que depois vai se firmar entre o turismo de recreação e a atividade religiosa fortemente manifestada na festa.

Em entrevista com os moradores procurou-se identificar há quanto tempo eles se relacionam com a festa e como ela era em suas primeiras edições. Alguns disseram que sempre participaram, outros disseram que participam há pouco tempo e, finalmente, houve os que já participaram, mas que hoje não se sentem a vontade para festejar o dia da padroeira.

De acordo com a fala de um morador que esteve na presidência da comissão organizadora da festa por aproximadamente 7 anos. Hoje é aposentado e possui uma área que aluga para turistas, com piscina, casa, chalé com churrasqueira e árvores frutíferas. Acompanha a festa desde 1968, até década de 1970 *“a festa era uma quermesse em volta da igreja, um monte de prenda, cada um dava lá um bolo (...) então era lá em volta da igreja mesmo, então em 1970 em diante em 1971 passou pra barranca e era lá onde é a lanchonete”*.

Igualmente o entrevistado que atualmente é dono de uma farmácia. Afirma já ter trabalhado bastante na organização da festa, mas hoje não faz mais parte desse rito. Está em contato com a festa desde 1972, ano em que se mudou para a cidade. diz que a festa em seu início era *“minúscula, era realizada no pátio da igreja, montava-se lá 2 ou 3 barraquinhas tinha-se brinquedos e salgadinhos era suficiente”*.

Para A responsável pela secretaria do turismo do município **“a festa teve altas e baixos já né, ela começou para que as pessoas tivessem um momento do louvor à Nossa Senhora, ela começou como uma festa religiosa mesmo, ela era para Nossa Senhora dos Navegantes, e era uma oportunidade que as famílias tinham de se**

reunir, então ela foi criada com esse objetivo da igreja católica mesmo, aí com o passar dos anos ela começou a ficar mais abrangente.”

No decorrer dos seus 45 anos de existência, a festa apresentou mudanças no local onde se realizava, começando ao redor da igreja, descendo para a barranca do rio no lado esquerdo da cidade, depois passando para o lado direito. Essas modificações são decorrentes de alguns fatores, como por exemplo, o aumento do número de participantes e o desenvolvimento da cidade.

O dono da farmácia relata que *“Quando ela passou pra barranca do rio que ela começou a deslanchar, ...acho que 1978, no final da década de 70”*. Um entrevistado que foi prefeito e que hoje ajuda no cuidado com a festa, por sua vez diz que *“quando nós chegamos aqui, chegamos em 72. De 1974 até 1980 ela era uma festa assim não grande em conhecimento em nível estadual, como ficou depois”*.

Essas duas falas já mostram uma primeira mudança na organização da festa, que passou para a barranca do rio. Contudo, é possível perceber que isso não afetou a “espinha dorsal” do evento. Pelo contrário, a proximidade da festa com o rio foi como se os fiéis estivessem sendo levados para mais perto da padroeira. Nenhum morador que presenciou essas mudanças declarou sentir que essa mudança tenha prejudicado a festa.

Segundo o jornal, era da pequena ilha de Porto Rico que todos os anos, nos dias 15 e 16 de agosto, saía uma procissão fluvial que fazia parte da Festa dos Navegantes, em homenagem à padroeira local:

Os barcos saem de Porto Rico e sobem o rio até a ilha da capela. Em uma das embarcações, enfeitada, é conduzida a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes. A procissão contorna a ilha e retorna ao porto onde a estatua é levada de volta ao seu nicho na igreja matriz, também bastante antiga.” (FOLHA DE LONDRINA, 1975, p. 02)

A procissão fluvial, tida como o ponto máximo da festa, é o rito que mais sofreu alterações ao longo dos anos, e essa mudança é a que mais parece incomodar os moradores, sobretudo os pescadores.

Segundo uma moradora que vivencia a festa desde sua primeira edição enquanto fiel, *“a festa de primeiro não era que nem é agora, porque de primeiro quando era o tempo da festa, dois três meses antes o pessoal já ficava comentando*

da festa aqui na cidade e por fora, eles espaiava cartazes, nois ia na igreja fazer reuniao pra modi canta né, porque nois acompanhava a procissão e daí eles pegava a santa e trazia da barranca aqui na igreja, porque de primeiro a santa ficava na barranca, que quando era no dia da festa ai eles vinha e buscava ela na igreja, aí nois vinha, que nós era coral nois cantava”. Depois, prossegue a depoente, “você precisa ver que lindo que era quando a marinha vinha e nois ia tirar ela de lá pra ponha ela no rio lá, que nois tudo de branco, era os home que pegava ela, não era carro nem nada, era as pessoa que catava ela naquele barquinho e levava, mais era a coisa mais linda, aí colocava ela na frente da lancha e nois ia, porque nois cantava dentro da procissão”.

De acordo com relatos, hoje não há mais a participação de pescadores durante o ato religioso, e isso pode ser explicado pela mudança na forma como a procissão fluvial passou a ser realizada. No começo, a imagem da Santa saía do município de Porto Rico na sexta-feira, ia até Porto São José (cidade vizinha) e ficava lá até o domingo pela manhã, quando voltava pelo rio.

Conforme o entrevistado que atualmente é dono de uma farmácia e que afirma já ter trabalhado bastante na organização da festa, mas hoje não faz mais parte desse rito. Está em contato com a festa desde 1972, ano em que se mudou para a cidade, diz que *“nas primeiras a procissão ia daqui a São José, duas horas de viagem de barco hoje, saia de lá da igrejinha lá e vinha a procissão pra cá”*. Segundo o depoente que *“hoje a procissão em Porto Rico aqui é cinco minutos, eu mesmo não vou, tem dois anos que não vou, não tem nem graça você funciona o barco aqui, a santa vem ai você funciona o barco e quando você vai acompanhar ta encostando de volta”*.

Segundo ele, *“todos participavam, isso era sagrado, o pescador que não ajudasse a carregar a Santa, ou não passasse a mão no barquinho da santa, pro pescador não era um ano bom, tinha aquela crença, hoje não, hoje tem pessoas que vem aqui na festa e que chega e pergunta: “Que festa do que que é isso ai? Que santa que é essa ai? (...)”*.

Para esse depoente *“a festa era linda, se saia na procissão dava aí 40, 100, 200 barcos, todo mundo ia na procissão, aquilo era sagrado. O cara tinha que ir mesmo, não tinha um que ficava na barranca, todo mundo participava, hoje não você vem na procissão aí dá vergonha, ninguém vai, não tem graça, porque a procissão você andava, enfeitava o barco pra santa, pessoas pagavam promessas,*

soltavam coisas no rio, hoje não, você sai ali com barco pra acompanhar, a Santa já ta encostando”.

A fala do pescador transparece a importância que o rito tem para eles, e como isso tem mudado, chegando até a não ter participantes durante a procissão. Sua fala também lamenta a mudança ocorrida e expressa um sentimento de perda.

O que explica a mudança?

De acordo com o ex-prefeito citado acima “nós assumimos a Prefeitura de 1989 a 1992, ... a impulsão em nível estadual foi no segundo mandato nosso , de 1997 a 2004, mas de 1997 a 1998 foi que nós tivemos ai o Deputado Martinez que deu um apoio pra nos neh, aí ele divulgou na CNT, nós fizemos através do pessoal de Maringá uma matéria assim de nível de televisão, umas fita, aí como nós estávamos apoiando o Martinez, e ele foi eleito em 1998, ele divulgou em todos os canais da CNT que tinha no Brasil. Aí sim, ai teve aquela impulsão e transformou, extrapolou o limite de Porto Rico”.

De fato, extrapolou o limite de Porto Rico e deixou de ser para os portoriquenhos. Em 2009, acompanhei a procissão fluvial. Havia apenas o barco que carregava a imagem da Santa, um a serviço da imprensa e um terceiro com autoridades locais. Pescadores e fiéis não participaram da procissão.

Como o pároco local viveu essa mudança? Em busca dessa resposta foi ouvida a autoridade religiosa da cidade. *“Nós fazemos assim, antigamente havia um costume de a imagem da santa, uma imagem que tem em madeira maciça, vir pra Porto São José. Mas, como a festa é nossa nós, reduzimos isso. O que nós fazemos, no sábado, é a missa comum, normal. Já no domingo é assim, iniciamos a missa na igreja e num ato penitencial descemos em procissão em direção à barranca do rio, com toda a comunidade carregando em seu ombro, como um ato penitencial até a barranca. Chegando na barranca a gente dá só uma volta no rio, aportando novamente, fazemos a benção do rio e dos barcos e voltamos em ato penitencial para dentro da igreja, aonde há o encerramento da missa neh. Ali no encerramento da missa você tem a benção dos carros, das motos. Lá em baixo fazemos a do barco primeiro e depois aqui em cima dos carros e das motos”.*

A fala do pároco, neste aspecto parece naturalizar a transformação do evento. Segundo ele, parece ser normal a benção dos barcos ocorrer rapidamente e a dos carros ocorrer desde o interior da Igreja e não em céu aberto, como antigamente.

Segundo moradores, a dificuldade em ir de barco a procissão também se explica pelo têm medo de colocar o barco no rio, pois a presença da Marinha intimida-os com a ameaça de encontrarem alguma irregularidade em seus barcos, que ficariam sujeitos a apreensão, perdendo assim sua fonte de renda. *“Agora só que daí num dia desse a marinha ta presente, daí muita gente não põe o barco na água, é igual a gente tá aqui de carro, aí a polícia tá ali, mesmo sabendo que você ta certo, você fica com receio de passar. O barco é a mesma coisa, se a polícia quiser sempre alguma coisa ta errado, então é difícil.”* Afirma o vice-prefeito da cidade.

Segundo uma moradora, a procissão fluvial na década de 1980, era bem diferente e a Marinha era aliada na comemoração da festividade. Essa moradora, uma pescadora que participava ativamente da festa e que hoje diz sentir muita saudade da forma como ela era realizada. *“Então, tinha um barco que era do porto de areia aí nós enfeitava ele bem bonito, igual assim uma festa junina, tudo cheio de bandeirinha, balãozinho, nós enfeitava aquele barco, aquele barco e daí a marinha vinha e pegava a santa junto com nós e o padre, levava na barranca do rio, aí nós ia em cima lá no Porto São José e soltava ela dentro do rio e ela vinha, ela vinha por cima da água, vinha no barco e nós acompanhando dentro do mesmo barco e a marinha, só que não era assim, não era policia não era nada assim, mais quem tomava conta da festa era a marinha.”*

Para essa moradora não havia a vigilância *“nós ia mais ou menos pra uma base de 5, 6 ou 10 km pra baixo de Porto Rico fazendo a procissão, mas aí só que ia muitos barco e muita gente também, não era só um ou dois não, aquilo era milhares de pessoa no barco pra acompanhar. Depois que chegava a procissão a marinha ia e tirava a santa de dentro daquela embarcação, daquela lancha que eles levava ela, aí vinha de novo aqui em cima assim missa campal”*.

Para essa depoente a partir desse momento é que se atingia o ponto culminante da festa *“então fazia o altar na barranca do rio, que nem tinha, agora desmacharo tudo, fazia o altar, deixava ela e aí eles ia celebrar a missa. Depois que celebrava a missa aí ele ia aquele negócio da rainha sabe daquelas menina vendendo voto, quem tirava mais voto era a rainha sabe. Tudo isso no domingo”*.

Argumentam alguns moradores que se hoje há pescadores que se sacrificam e deixam de ir à procissão, pois ficam carregando turistas para as praias do local e para conhecer as ilhas, já que isso lhes garante algum ganho, enquanto acompanhar a procissão, não. Para resolver esse problema, um dos entrevistados

disse que seria uma alternativa proibir passeio de barco com turista durante a procissão, o que deixaria os pescadores livres para cumprir o ato religioso.

Esse depoimento indica um conflito entre a comemoração religiosa e a atividade turística.

Segundo o jornal de Londrina, as atividades em torno do rio já estavam a competir com os objetivos religiosos da comemoração há tempos, tanto é que em 1975 a reportagem dizia “muitos barcos não acompanharam a procissão, porque os seus proprietários não queriam deixar de atender os turistas e obter um faturamento extra e compensador.” (FOLHA DE LONDRINA, 1975, p. 02)

Apesar da participação dos turistas na religiosidade da festa, havia, é claro, outros que queriam passear pelo rio. No entanto, já na década de 1970 a atividade impedia os pescadores de participar da procissão. Isso foi notado pelo padre no momento do sermão, ao falar sobre a imagem da Santa que abria a procissão:

Ao explicar porque na mão esquerda da imagem encontra-se um barco e na direita uma âncora, padre Francisco Xavier disse que o barco representa a proteção aos pescadores e a âncora a esperança e a coragem para vencer as dificuldades da vida. Porém, ao lamentar a pouca participação de barcos, disse que os pescadores, na data em que se comemorava a festa de sua protetora, estavam muito mais preocupados em transportar turistas às praias e ilhas do que participar da romaria, assegurando que a festa, neste aspecto, constitui-se “num verdadeiro fiasco” (FOLHA DE LONDRINA, 1975, p. 02).

Essas alterações já se mostravam problemáticas, pois o grande momento da festa, a procissão e a benção dos barcos para os pescadores, começava a se tornar uma atividade secundária, sendo preterida pelo passeio de barco com os turistas.

As modificações no ato religioso puderam ser observadas também nas imagens a seguir, que mostram momentos da festa nas décadas de 1980, 1990 e 2000.



FIGURA 8 – INÍCIO DA PROCISSÃO FLUVIAL

Data: 1971

Fonte: Biblioteca Municipal

A imagem representa um grande número de fiéis que participavam da procissão, o que indica que a festa sempre tinha muitos seguidores. As pessoas, aparentemente, estavam ali pela religiosidade, conforme pode se inferir ao ver que, no lado direito, o barco com a imagem da santa estava sendo carregado por participantes do evento.

Comparando a imagem fotográfica com outra de 1980 tem-se a seguinte percepção:



FIGURA 9 – BARRANCA DO RIO DURANTE A FESTA

Data: década de 1980

Fonte: Biblioteca Municipal

Na foto, aparece, em primeiro plano, a imagem da santa com um barco na mão; em segundo plano é possível ver a quantidade de pessoas participantes do

festejo, o rio ao fundo sem qualquer movimentação e o olhar dos acompanhantes dirigido para a imagem, que pode ser uma expressão de curiosidade ou de devoção.

A imagem fotográfica abaixo, da década de 1990, permite outras considerações:



FIGURA 10 – PROCISSÃO COM A SANTA EM DIREÇÃO AO RIO

Data: 1994

Fonte: Biblioteca Municipal

A foto representa a imagem da santa no barco enfeitado, carregada em direção ao rio, onde ocorrerá a procissão. Ao lado direito estão as pessoas que faziam parte do coral e que cantavam durante a caminhada. Atrás, alguns fiéis ou curiosos seguindo a imagem. Parece haver um esvaziamento, talvez pela ordem aparente dos personagens presente nas fotografia.

A foto a seguir, da década de 2000 já possibilita visualizar poucas pessoas seguindo o cortejo, pouca atenção de olhares para o andor, e a movimentação de barcos do rio à ilha.



FIGURA 11 – RETORNO DA SANTA APÓS PROCISSÃO FLUVIAL
 Data: agosto de 2005
 Fonte: Arquivo pessoal

A fotografia permite fazer associação com a fala dos moradores que reclamavam não mais participar da procissão. As poucas pessoas que acompanharam a procissão olham em direções opostas à imagem da santa, enquanto o padre parece seguir sozinho à frente do cortejo. Não se nota mais sinais de devoção como nas imagens anteriores.

Esse esvaziamento pode também ser atribuído a outras transformações como as noticiadas em 1978, pelo jornal O Estado do Paraná de 30/08/1978, quarta-feira, pag. 24, em texto de Luiz Carlos Rizzo, que trouxe a matéria intitulada “Nossa Senhora dos Navegantes, a fé e a esperança de Porto Rico”. O texto alega que

O município de Proto Rico, encravado na margem do Rio Paraná, na região noroeste do Estado, viveu o seu principal dia do ano domingo ultimo, quando milhares de turistas de 3 Estados (Paraná, São Paulo e Mato Grosso) afluíram ao local, a fim de assistirem à procissão fluvial de Nossa Senhora dos Navegantes.

Quebrando uma tradição de 5 anos, a imagem foi levada, via terra, ao distrito de Porto São José (município de São Pedro do Paraná), onde a procissão teve início por volta das 16h30m e a imagem percorreu – através das águas mansas do Rio Paraná – cerca de 19 quilômetros até atingir as barrancas, em Porto Rico.

Essa mudança, das águas para a terra pode ter influenciado no acompanhamento dos fiéis. Houve, ainda, outra mudança: a procissão, que era realizada o período da tarde, foi transferida para o período da manhã. A justificativa foi a “bagunça dos turistas, que, à tarde, já estavam bêbados”.

A reportagem permite conjecturar que já havia turistas que iam ao local motivados por outras atrações que não a religiosidade do evento: Havia aqueles que participavam e acompanhavam os rituais que compreendiam a festa. Isso porque o mesmo jornal afirma que “como uma forma de saudação, houve o espocar de rojões, enquanto os turistas acotovelavam-se cada vez mais próximos da água para ver a imagem mais de perto”.

Tanto o jornal como os moradores falam que, no início (década de 1960), além da procissão, a festa contava com uma quermesse, baile e outras promoções cuja renda era revertida para a paróquia.

Com o passar do tempo, a festa acabou por despertar a atenção da Empresa Paranaense de Turismo – Paranatur, que pensou em sua divulgação para que a localidade fosse incluída no calendário turístico do Estado, associada às belezas naturais de Porto Rico. Desse modo, desde a década de 1970 pode-se ver uma preocupação em utilizar da atividade turística para fazer crescer a renda do município e proporcionar seu desenvolvimento econômico.

Foi em 1975 que houve uma modificação importante na festa. Segundo o jornal Folha de Londrina, a festa antigamente ocorria nos dias 15 e 16 de agosto, mas essa data foi modificada, assim como já se via outras atrações paralelas à festa de cunho religioso.

Segundo a reportagem, não havia problemas em trocar a data,

[...] porque tornou-se no decorrer dos anos, uma atração, a festa é móvel, podendo ser transferida para qualquer data no decorrer do mês de agosto, e que não seja no meio de semana. Este ano as comemorações aconteceram nos dias 30 e 31, funcionando barraquinhas com churrasco e bebidas, e outras diversões. No sábado à noite houve baile no Clube Fluvial; no domingo, além da procissão, concursos de remo e de natação e, encerrando o programa, o concurso de “bonecas vivas”. (FOLHA DE LONDRINA, 1975, p. 02)

A mudança da data da festa, segundo relatos, foi feita devido a alguns fatores. O principal deles é que o dia da padroeira, no calendário litúrgico, é 2 de fevereiro. A data, porém, não coincidia com a colheita do café na região, e a festa era basicamente patrocinada pela doação da venda de algumas sacas de café. Por isso, foi decidida a realização do evento no mês de agosto.

Em princípio, foi fixado o dia 15 de agosto, depois determinou-se que seria no ultimo final de semana de agosto, para que todos pudessem participar, uma vez que 15 de agosto poderia cair no meio da semana. Conforme afirma um dos entrevistados: *“a festa ta sendo realizada sempre em agosto exatamente porque era o auge da colheita do café, o pessoal tinha dinheiro, quem era arrendatário, quem era bóia fria ou os proprietário do café. Eles tinham o café já vendido ou pra vender porque tava com o produto disponível pra fazer dinheiro por isso que a festa aqui ... porque a festa nossa senhora dos navegantes é 2 de fevereiro e aqui ela se realiza em agosto em função que era uma região cafeeira e o povo tinha dinheiro nessa época porque fevereiro aqui não existe colheita ai vinha a campanha do café, ex: eu tinha 10 alqueires de café doava 5 sacos para a igreja.* Declarou um morador que auxiliou nas outras realizações da festa mas que hoje a vivencia de longe.

Segundo dados da Prefeitura de Porto Rico, o potencial turístico da festa Nossa Senhora dos Navegantes se destacava desde 1977, ano em que foi incluída no calendário da Paranatur. O objetivo, então, consistiu em trazer especialistas da área para avaliar o potencial turístico do município, fazendo do turismo uma de suas bases econômicas, ao lado dos 6 milhões de cafeeiros e do rebanho bovino, estimado em 20 mil cabeças.

O aspecto religioso estava mantido, pois para o pároco do local, padre Renê Beeck, *“a procissão de Nossa Senhora dos Navegantes era uma demonstração de fé popular, onde muitos aproveitavam para fazer pedidos e promessas à Virgem Maria”.* Para ele, *“não havia nenhuma restrição quanto à exploração comercial da festa com as barracas instaladas na margem do rio. Segundo ele, os fiéis dedicavam um dia de folga a Deus ao participarem da romaria, ao mesmo tempo que a Igreja aproveitava para ressaltar “a importância da proteção da Virgem Maria na figura de Nossa Senhora dos Navegantes às 800 famílias de pescadores do Rio Paraná”.*

Um dos entrevistados relatou o que considera um marco da mudança na festa: *1998 [foi quando] ela começou a se transformar, que teve uma impulsão maior e foi mais reconhecida, e ela também foi reconhecida no Ministério do Turismo, A partir de 1998 todo ano nós recebemos uma ajuda que é pra fazer o evento da festa Nossa Senhora dos Navegantes, então todos anos tínhamos aqui 30, 40 mil reais para ajudar na organização da festa, isso a partir de 1998.* Declarou o “líder” dos pescadores.

Ao iniciar a década de 1990, a festa já era divulgada, conhecida e comentada como acontecimento turístico para bem mais do que a cidade ou as cidades vizinhas.

Segundo o jornal Diário do Noroeste – Paranavaí, (1990, p. 07), em matéria intitulada “Em Porto Rico, o maior acontecimento turístico do noroeste paranaense”, as modificações que ocorreram na celebração podiam ser constatadas pois,

para este ano, o esquema da festa foi modificado. A Prefeitura pelo seu Departamento de Turismo, a Comissão Organizadora, cujo presidente é o pioneiro Evaristo Volpato e o padre Luiz Carlos, pároco local, reestruturaram a promoção e ela teve quatro etapas, que se iniciaram na quinta-feira, com um show de prêmios, prosseguindo na sexta-feira, com promoções recreativas no Salão Paroquial, estendendo-se para o sábado, com um grandioso baile e tendo como dia maior o domingo, quando se verificaram as provas aquáticas e demonstrações de asa delta motorizada. Na noite de domingo, houve o tão esperado concurso para a Rainha da Festa.

Nota-se que a festa passou a ocorrer em quatro dias, havendo pouco espaço para os atos religiosos em comparação com as atividades profanas. Essas atividades é que pareciam atrair visitantes, e não mais a religiosidade.

Em 1991, chegou a dez mil o número de visitantes que estiveram presentes em Porto Rico, segundo o Diário do Noroeste – Paranavaí, 03/09/1991, pag. 09. Esse número vem como que a reforçar aquilo que já se ouvia: a festa havia se transformado no maior acontecimento turístico do noroeste do Estado.

O crescimento da festividade foi ainda mais notável em 1997, quando da terceirização dos serviços, sob a alegação de que seria melhor para o atendimento dos turistas e do público em geral, conforme a reportagem do jornal

Os serviços deste ano foram terceirizados, para melhor atendimento ao público. O churrasco ficou por conta do CTG Unidos da Fronteira, a cozinha geral ficou a cargo da Comissão de Festas e as bebidas para a Schincariol, que patrocinou as festividades. O início da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes aconteceu no dia 29, sexta-feira, com missa na abertura e procissão da Igreja Matriz até a Avenida Beira-Rio, seguindo-se show musical. O prosseguimento foi no dia 30, com início do funcionamento de barracas, bênção de barcos, missa em louvor a Nossa Senhora dos Navegantes e baile. O dia maior foi mesmo no domingo, com missa campal e a sempre esperada procissão fluvial com a imagem da padroeira, competições aquáticas, show de prêmios, coroação da Boneca Viva, shows musicais e o encerramento das festividades, que aconteceu já tarde da noite. (Diário do Noroeste – Paranavaí, 1997, p. 08)

A terceirização da festa expressa a importância do retorno econômico proporcionado pelo turismo em Porto Rico. Alguns moradores não concordaram com essa terceirização, alegando que estavam vendendo a festa que era deles para a santa; outros disseram que a venda da festa não deu certo, pois choveu todos os dias e não houve lucro para o pessoal que terceirizou. [...] *Aí, quando começou a terceirizar, as pessoas tinham interesse no retorno financeiro e não na qualidade da festa; na verdade, aquela festa que era religiosa ficou em segundo plano.* Afirmou a secretária de turismo.

Questionou-se, durante a pesquisa, por que, em se tratando de uma festa tradicional de uma cidade de beira de rio, o prato do almoço não era peixe, e sim churrasco. A resposta dos entrevistados revelou que o peixe era mais dispendioso, pois a carne era doada e a pescaria não era rentável o suficiente para se fazer uma doação para um almoço desse porte. Outra informação indicou que, em um determinado ano, foi oferecido peixe, mas não houve saída. Com isso, uma grande quantidade de comida foi doada para a creche da cidade.

Segundo um dos depoentes, a comida tem que ser conforme a demanda turística *“Uma vez nós tentamos colocar peixe, porque aqui é município turístico, na beira do rio, tem que ter peixe, mas você sabia que no dia da festa o peixe quase não sai! (...) uma vez nós colocamos no centro comunitário uma cozinha lá pra festa e fez lá o pintado na telha tudo certinho olha no outro dia nós pegamos o peixe e levamos pra creche, (...) no fim nós servimos as autoridades, a marinha que vem aqui pra dar toda cobertura e proteção ao barqueiro e segurança, pra orientar neh”.*

Os anos de 2008 e 2009 foram marcados pela presença de 25 a 30 mil visitantes durante os três dias de festa, segundo dados retirados do Jornal do Noroeste – Paranaíba. Nessas edições já foram percebidas as alterações na forma de viver e realizar a festa. As notícias veiculadas pela imprensa e a participação da autora nas edições de 2008 e 2009 permitem que se estabeleçam algumas comparações.

Primeiro, a realização da festa não mais se dava em um único dia, como nas primeiras vezes, mas em três dias: última sexta-feira, sábado e domingo de agosto. A primeira noite é festejada com um grande show musical; no sábado o dia é livre para que aqueles que vêm de fora possam brincar no parque montado na cidade, curtir a beleza do rio e as barraquinhas de comida, de artesanato e de diversões.

Sábado à noite há outro show. No domingo, pela manhã, ocorre a missa dentro da igreja matriz, e, em seguida, os fiéis descem à rua com a imagem da santa sobre os ombros até o rio; chegando lá, ela é colocada sobre um barco e dá uma volta até a ponta da ilha, para então retornar a terra. São poucos os barcos que acompanham a procissão. Em 2008 e 2009, foi possível observar apenas os barcos da santa, o da imprensa e o que carregava o prefeito.

Diferentemente do que ocorria nas décadas de 1970 e 1980, a missa não é mais realizada na barranca do rio, e sim dentro da igreja, pois a presença dos turistas indiferentes à religiosidade e que não respeitam o momento da festa é considerada um estorvo.

É visível que há muitos anos turistas que visitam Porto Rico no período em que se realiza a festa. Mas ao que tudo indica os visitantes de “antigamente” o faziam com o critério da religiosidade. Nas festas atuais, os turistas parecem se preocupar mais com as diversões profanas do que com o aspecto religioso do acontecimento. Isso pode ser percebido pelas atitudes dos turistas durante a realização da missa. Após a procissão fluvial, na barranca do rio, é comum a presença de pessoas bebendo e festejando, enquanto fiéis tentam viver a missa.

Essa foi uma das razões que levou o padre a transferir a missa do ar livre para dentro da igreja. Segundo um depoente “*Teve um ano ai que o padre antigo ficou bravo, o padre rezando a missa ali (apontando deste momento para a barranca, na rampa próximo ao palco onde ocorria a missa), o padre teve que parar a missa pra chamar atenção da rapaziada. Um absurdo, o padre teve que chamar a atenção do cara, fica bagunçando, o povo rezando e os cara com bebidaia, pessoa sem noção, ele não sabe onde ele tá, o ambiente, ele acha que aquilo ali, é festa ele não entende o que é uma festa religiosa neh*”. Relatou o “líder” dos pescadores.

Outro ponto que merece atenção no presente trabalho diz respeito ao local de realização da missa após a procissão fluvial. Até início dos anos 2000 a cerimônia era realizada na barranca do rio, logo após a procissão; atualmente é realizada dentro da igreja matriz. Tal mudança se deveu à intervenção do bispo de Paranaíba, que proibiu a realização da missa na barranca porque naquele local havia muitas pessoas embriagadas, som alto e visitantes que não estavam interessados no culto religioso. Isso levou as autoridades da igreja a questionarem se seria correto realizar uma missa em meio a tantas expressões de cunho pagão.

A literatura que trata da festa religiosa informa que não se pode separar o profano do sagrado, mas que há espaços separados para a vivência dos aspectos sagrados e profanos. Esse não era o caso de Porto Rico. Segundo alguns testemunhos, havia pessoas com comportamento indecorosos durante a realização da missa, o que chegava a atrapalhar o padre.

Em entrevista com o representante da paróquia, na ocasião, este declarou que já houve comentários de não se realizar mais a missa no decorrer da festa.

Os moradores sofreram com tal mudança. Alguns alegam que a missa deveria continuar na barranca, pois ela era celebrada em homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes, então, nada melhor do que ser realizada em seu lugar de origem.

Constata-se então que as primeiras edições, segundo relatos de moradores, tinham o perfil de uma quermesse, uma festa pequena, ao redor da igreja matriz, com a instalação de barracas para a venda de lembranças da festa, alimentos e bebidas. Com o passar dos anos, a festa tomou proporções maiores, e sua realização passou para a barranca do rio Paraná, com mais espaço para os fiéis que vinham de toda a região.

A modificação espacial trouxe consigo outras mudanças na realização do evento. Começou a haver a participação de pessoas que não residiam na cidade, fiéis da região que passaram a acompanhar a festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Contudo, o momento sagrado, da missa e da procissão fluvial, era acompanhado por todos, independentemente de estarem ou não desempenhando tarefas de organização e execução. Esse era um momento onde todos tinham o direito e a oportunidade de participar. Além do churrasco e da procissão, a festa passou a contar também com os campeonatos de nado e remo, além do concurso da rainha, que também era outra fonte de renda.

O culto à Padroeira, um ritual para os moradores locais, passou a receber mais e mais pessoas interessadas nos aspectos profanos da festividade. Atualmente, todo ano, no mês de agosto, a festa de Nossa Senhora dos Navegantes tem a duração de três dias (sexta-feira, sábado e domingo).

Esse dia a mais de comemoração, a sexta-feira, foi incorporado quando da transferência para a barranca do rio. A abertura ocorre na sexta-feira, no sábado tem-se a missa à noite e no domingo pela manhã ocorre a procissão fluvial com a santa. Depois, os barcos são benzidos e, por fim, é rezada uma missa na barranca

do rio. Após a missa, ocorre o almoço realizado pela organização da festa, um churrasco onde se reverte o lucro para a paróquia. No final do dia, há a coroação da rainha da festa e depois um show de encerramento.

As modificações apresentadas fizeram com que o objetivo primeiro da festa entrasse em conflito, perdendo a razão de ser do louvor à Nossa Senhora dos Navegantes.

Ressalte-se que as modificações foram aceleradas pelo aumento de pessoas concentradas na cidade no período da festa, já transformada em forte atrativo turístico.

Atualmente, os custos da festa são patrocinados pela Prefeitura, o que lhe dá direito a uma grande parte dos lucros obtidos. Antigamente, havia doações de fazendeiros, cafeicultores e fiéis de toda a região, ficando o lucro integralmente com a paróquia. A mão de obra era basicamente feita pelos moradores, as beatas e aqueles mais envolvidos com a igreja de forma voluntária. Ajudar na realização da festa era motivo de orgulho para as famílias.

Não havia uma feira tão grande como hoje. Os participantes contavam apenas com algumas barraquinhas ao redor da igreja, um tipo de quermesse que fazia a alegria de crianças e ajudava a arrecadar valores que eram convertidos em ajuda aos mais necessitados. Hoje, a feira chegou a ser terceirizada, e o dinheiro do espaço que é vendido para montar as barraquinhas fica integralmente com a Prefeitura.

Conversa informal com alguns proprietários de barraquinhas da feira extrai-se que o valor do solo alugado durante a festa pode chegar a 10 mil reais, e que para garantir seu espaço os feirantes alugam de um ano para o outro.

Em 2010, observaram-se duas grandes mudanças na festa. A primeira delas foi a presença da barraca universitária, bastante conhecida na região de Maringá, comandada por universitários que utilizavam shows durante a feira para obter dinheiro para a formatura, mas agora pertencente à rádio Maringá FM. Montada na cidade de Porto Rico, a barraca ofereceu diversos shows durante as noites de sexta e sábado, com cobrança de ingresso e venda de bebidas.

Finalmente, cabe dizer que a festa parece mesmo ter sucumbido ao turismo, pois outra mudança ocorrida em 2010 dividiu a festa de Nossa Senhora dos Navegantes em duas etapas. A primeira ocorreu em fevereiro, em dois dias, contando com algumas barraquinhas de alimentação, parquinho e a procissão no

domingo pela manhã, sem shows artísticos e com a presença de moradores. A segunda fase foi em agosto, com shows, bandas, barracas, bebidas e muitos turistas, porém desprovida do seu aspecto religioso. Talvez esse seja o caminho daqui para a frente.

CONCLUSÃO

Esta dissertação buscou analisar as transformações ocorridas na festa Nossa Senhora dos Navegantes, em Porto Rico, no Estado do Paraná, a partir da sua relação com a atividade turística. Com base em leituras sobre o tema, entrevistas com moradores locais, análise de fotografias do festejo e de matérias jornalísticas foi possível compreender aspectos importantes dessa relação, ao mesmo tempo estreita e delicada.

A festa sofreu várias mudanças comparativamente com as suas primeiras edições. Algumas dessas transformações podem ser consideradas benéficas, como, por exemplo, a transferência do local onde ocorriam as atividades, visto que o número de participantes aumentou. Isso foi encarado pelos moradores ouvidos como algo comum, que não afetou a essência do evento.

Outras interferências, porém, foram bastante agressivas, e fizeram com que a festa aos poucos perdesse o sentido religioso que a caracterizou no início, ainda na década de 1960. A principal delas foi a transferência da missa campal para o interior da igreja, acompanhada de adaptações na procissão.

A presença de turistas marcou de forma significativa a relação dos ribeirinhos com a festa, fazendo com que muitos deles deixassem de viver o momento de devoção por se sentirem excluídos de seu próprio ritual.

Não há como impedir a presença de turistas na cidade nos dias de realização da festa. De qualquer forma, é preciso que esse turismo seja feito com planejamento e organização, e isso está nas mãos dos gestores locais, que divulgam a festa como um evento municipal turístico, deixando de dar a ênfase necessária aos significados que ela têm para os moradores, sobretudo os mais velhos que a consideram como uma tradição recebida de seus ancestrais e que gostariam de transmitir para seus filhos.

Segundo depoimento *“a festa ainda continua porque é uma tradição, mas ela não é mais uma festa religiosa”* (M08). Para ele, *“ou é missa ou é show”*, não se pode *“estragar uma tradição de 43 anos”*.

Também para M09 há que se cuidar em manter “*a tradição da festa. Tão falando que vai chegar um dia que vai acabar. E nós trabalhava de graça na festa, ficava revezando, agora não tem mais nada disso*”.

Não se nega que as transformações sejam naturais, em toda e qualquer forma de viver. Contudo, no entender dos moradores, há que se conservar aspectos tidos como importantes ou mesmos essenciais.

Um caminho para isso pode ser a opção tomada em 2010, com a divisão dos eventos em duas datas, para que a “festa religiosa” não venha a se perder no âmbito do turismo de massa. Para isso há que fortalecer o caráter original da festa, como mecanismo de identidade e de aproximação dos moradores da cidade.

Nesse sentido, o mais importante é recuperar a relação entre o evento e os pescadores. Para essa finalidade faz-se necessária uma profunda mudança de concepção: a festa Nossa Senhora dos Navegantes não pode ser concebida como uma oportunidade de arrecadar dinheiro, como uma forma de exploração turística que impacta a comunidade local. É importante que se considere a possibilidade de manter, mediante um inventário, os rituais que ainda permanecem desde sua criação, e que remetem às finalidades básicas que a originaram, e que têm a ver com uma crença local que perdura há pelo menos 45 anos, ainda que essa tarefa, que constitui um verdadeiro desafio, dependa da superação das dificuldades expostas neste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A FESTA, Nossa Senhora dos Navegantes. **Folha de Londrina**. Londrina, 3 de setembro de 1975. P. 2

ADAMI, Antonio; BOLL, Armindo; OLIVEIRA; Marcelo Pires de. **Proposição para o uso da metodologia da História Oral na pesquisa em folkcomunicação**. In: Revista Internacional de Folkcomunicação, Vol. 1, n. 3, 2004 Disponível em: [http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=folkcom&page=article&op=viewFile&path\[\]=569&path\[\]=403](http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=folkcom&page=article&op=viewFile&path[]=569&path[]=403) Acesso 05.07.2009.

ADÃO, Kleber do Sacramento. **Devoções e diversões em São João Del Rei: Um estudo sobre as festas do Bom Jesus de Matosinhos 1884 - 1924**. Campinas: UNICAMP/Dep. Educação Física. Tese de doutorado, 2001.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla B. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006, pp. 155-202

AMADO, J.; FERREIRA, M.M. **Usos & abusos da história oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

AMARAL, Rita de Cássia de M. P. [Povo-de-santo, Povo-de-festa. Um estudo antropológico do estilo de vida dos adeptos do Candomblé Paulista](#). São Paulo: USP/Dep. de Antropologia. Dissertação de mestrado, 1992.

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à Brasileira: significados do festejar, no país que “não é sério”**. São Paulo, 1998. Tese de doutorado - Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA ORAL, Estatuto, artigo 1º, § 1º. <http://www.historiaoral.org.br/estatuto>

AUGRAS, Monique. História Oral e Subjetividade. In: **Os desafios contemporâneos da história oral**, 1996, Campinas: Área de publicações CMV/Unicamp. Org. Olga Rodrigues de Moraes Von, 1997. pp. 27-38

BARRETTO, Margarita. **Cultura e Turismo: discussões contemporâneas**. São Paulo: Papirus, 2007.

_____. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 13 ed. Campinas: SP Papirus, 2003. (Coleção Turismo).

BENEVIDES, Ireleno Porto. Para uma agenda de discussão do turismo como fator de desenvolvimento local. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (org). **Turismo e desenvolvimento local**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

BENI, Mário Carlos. **Análise Estrutural do Turismo**. São Paulo: SENAC, 1997.

BOM MEIHY, J. C. S. **Manual de História Oral**. São Paulo, Loyola, 2 ed. 1998.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê, 2003.

CALLOIS, Roger. **O homem e o Sagrado**. Lisboa: Ed. 70, 1988.

CAMURÇA, Marcelo Ayres; GIOVANNINI Jr., Oswaldo. **Religião, patrimônio histórico e turismo na semana santa em Tiradentes (MG)**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 9, n. 20, p.225-247, outubro de 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v9n20/v9n20a11.pdf>, acessado em 24 de novembro de 2009.

CANCIAN, Nadir Aparecida. **Cafeicultura paranaense – 1990/1970**. Curitiba: Grafipar, 1981.

CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

_____. El patrimonio cultural de México y la construcción imaginaria de lo nacional. In: FLORESCANO, Enrique (coord.) **El patrimonio nacional de México**. México: FCE, CONACULTA, pp. 57-86, 1997.

CARVALHO, Karoliny Diniz. Turismo e preservação do patrimônio cultural na visão dos moradores do bairro da Praia Grande em São Luís-MA. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo v. 3, n.1, p. 25-45, abril 2009. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/turismo/index.php/rbtur/article/viewFile/128/169> acessado em 19 de fevereiro de 2010

CIANNELLA, Leonardo Cury Maroun. **A Importância da Fotografia para a Preservação da Memória**. Monografia de Conclusão do curso de Bacharelado em Museologia na UNIRIO, 2006.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Disponível em: http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_216_.htm, acesso em 13 de agosto de 2009.

CORIOLOANO, Luiza Neide M. T. Turismo e Degradação ambiental no litoral do Ceará. In: LEMOS, Amália Inês Geraiges de (org.). **Turismo: Impactos Socioambientais**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

COSTA, Carmem Lúcia. **Cultura, religiosidade e comércio na cidade: a festa em louvor à Nossa Senhora do Rosário em Catalão - Goiás**. São Paulo, 2010. Tese de doutorado - Programa de Pós-Graduação em Geografia - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

COSTA, Marli Lopes da; CASTRO, Ricardo Vieiralves de. **Patrimônio imaterial nacional: preservando memórias ou construindo histórias?** Estudos de Psicologia.

2008 p. 125-131. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n2/04.pdf>, acesso em 24 de novembro de 2009.

CUNHA, Licínio. Economia e Política do Turismo. Lisboa: McGRAW-HILL, 1997. 350 p. In: LEMOS, Leandro. **O valor turístico: (Re)Definindo a economia do turismo**. Revista Turismo, out/03. Disponível em: <http://www.revistaturismo.com.br/artigos/valortur2.html>. acesso em 15 de março de 2010.

DAVIS, Natalie. **Cultura do Povo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DEZ MIL pessoas assistiram ao espetáculo de fé em Porto Rico. **Diário do Noroeste**. Paranavaí, 3 de setembro de 1991. P.9

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Ed. Paulinas 1989.

_____. **Les formes élémentaires de la vie religieuse**. Paris, PUF, 1968. Apud AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. Festa à Brasileira: Significados do festejar, no país que “não é sério”. São Paulo, 1998. Tese de doutorado - Departamento de antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e Civilizações**. Fortaleza: Tempo Brasileiro/UFCE, 1983.

EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. Tradução Sandra Castello Branco; revisão técnica Cezar Mortari. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e Profano**: a essência das religiões. Trad. Rogério Fernandes. 2ª Ed. Ed. Martins Fontes, São Paulo. 2008.

EM PORTO RICO, o maior acontecimento turístico do noroeste paranaense. **Diário do Noroeste**. Paranavaí, 5 de setembro de 1990. P.7

EM PORTO RICO, os rios e as praias esperam por você. **Jornal de Londrina**, Londrina, 20 de setembro de 2009. P. 1

ESPIG, Márcia Janete. **Limites e possibilidade de uma nova história cultural**. In: **Locus JF**, nº 06, 4 vol, 1998.

FERREIRA, Carlos Vicente. **O Paraná e seus municípios**. 3. ed. Cuiabá: Memória do Brasil, 1999.

FERREIRA, Maria Leticia M. **Os três apitos**: memória pública e memória coletiva, Fábrica Rheingantz, Rio Grande: RS, 1950-1970. Tese de doutoramento no PPGH, PUC-RS, 2002.

FURRETTI, Sergio. **Religião e cultura popular**: estudo das festas populares e do sincretismo religioso. Disponível em <http://aguaforte.com/antropologia/Furretti.html>, acesso em 08 de março de 2009.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1989.

GONZÁLES, Cláudio Malo. **Arte y cultura popular**. Ecuador: Biblioteca Digital Andina, 1996. Disponível em: <http://libroscompletos.com/arte/%28pdf%29-arte-y-cultura-popular-%28malo-gonzalez-claudio%29/> acessado em 12 de maio de 2008.

IPHAN. Cartas Patrimoniais. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004, p. 319.

ISAMBERT, François. 1968. **Fête**, Encyclopaedia Universalis, Paris, Encyclopaedia Universalis France S. A.

KÖHLER, André Fontan. **Problemas econômicos, sociais e culturais ao desenvolvimento turístico sustentável**. Cultur - Revista de Cultura e Turismo. Ano 02 – nº 01 – jan/2008. Disponível em: <http://uesc.br/revistas/culturaeturismo/edicao2/artigo2.pdf> acesso em 16 maio 2011.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2001.

LAMPERT, Rodrigo Alves. **Mais profana do que sagrada**: a festa (popular) de Nossa Senhora dos Navegantes e suas relações com o Bairro Navegantes em Porto Alegre - RS. UFRGS, 2010. Trabalho de Conclusão de Curso de Geografia - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências Porto Alegre, RS - BR, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora Unicamp, 1990.

LEMOS, Leandro de. **O valor turístico: (Re)definindo a economia do turismo**. Revista de Turismo. Out. 2003. Disponível em <http://www.revistaturismo.com.br/artigos/valortur.html> acesso em 04 de abril de 2010.

LIMA, Livia Moraes Garcia. **A memória submersa e as atividades atuais da população ribeirinha residente em Bataguassu e Presidente Epitácio na festa Nossa Senhora dos Navegantes**. Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso Turismo da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” UNESP – Campus experimental de Rosana. Rosana, 2007.

LUZ, France. **O fenômeno urbano numa zona pioneira: Maringá**. Maringá: Prefeitura Municipal de Maringá, 1997.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e humanização**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1995.

MARIANI, Milton Ap. ; GONÇALVES, Humberto C. Os impactos ambientais decorrentes das atividades turísticas no Pantanal sul-matogrossense. (MS, Brasil). In: LEMOS, Amália Inês Geraiges de (org). **Turismo: Impactos socioambientais**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

MARTÍ, Josep, **Fiesta Y Ciudad**: Pluriculturalidad e Integración. Madri: CSIC, 2008.
 MAUAD, Ana Maria. **Através da imagem**: Fotografia e História, interfaces. Revista Tempo, Rio de Janeiro, vol. 01, nº02, 1996, p.73-98.

MILANI, Carlos R. S.; DROULERS, Martini. **Desenvolvimento local e turismo em Tarrafal (Cabo Verde)**: lições metodológicas a partir de uma experiência local. Paris: UNESCO, 2002.

MOESCH, Marutschka. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2002.
 MTUR, Brasil, Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo - **Turismo Cultural**: orientações básicas/ Ministério do Turismo, Coordenação Geral de Segmentação - Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (orgs.) Interpretar o Patrimônio: um exercício do olhar. Belo Horizonte: Território Brasilis, 2002. P. 139-151. In: CARVALHO, Bac. Karoliny Diniz. **Turismo Cultural e Preservação do Patrimônio Sob o Olhar da Comunidade do Centro Histórico de São Luís-MA**. Revista Eletrônica de Turismo Cultural. Volume 03 – n. 01. 2009. Disponível em: http://www.eca.usp.br/turismocultural/05_Comunidade_S%C3%A3o_Lu%C3%ADs-Karoliny.pdf acesso em 18 de agosto de 2009.

ORTIZ, Renato. **Religiões populares e indústria cultural**. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, ano 3, n. 5, p. 51-93, 1980.

PAIVA, Ricardo. Cerca de 25 mil pessoas estiveram na festa Nossa Senhora dos Navegantes. **Diário do Noroeste**. Paranavaí, 2 de setembro de 2008. P. 16

_____. Cerca de 30 mil pessoas participaram da Festa em Louvor a Nossa Senhora dos Navegantes. **Diário do Noroeste**. Paranavaí, 2 de setembro de 2009. P. 16

PEREZ Léa Freitas. **Dionísio nos trópicos**: festa religiosa e barroquização do mundo Por uma antropologia das efervescências coletivas. Disponível em <http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a12-lfreitas.pdf>. Acesso em 26.09.2008.

PÉREZ, Xerardo Pereiro. **Turismo Cultural**: uma visão antropológica - El Sauzal (Tenerife. España): ACA y PASOS, RTPC. 2009. Disponível em: <http://www.pasosonline.org/Publicados/pasoseditora/PSEdito2.pdf>. acesso em 10 de agosto de 2011.

PIEPER, Josef. **Una teoría de la fiesta**. 2 ed. Madri: RIALP, 2006.

PORTELLI, Alessandro. O momento de minha vida: funções do tempo na história.

FENELÓN, Déa (e outros). In: **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'água, 2004, pp. 298 – 313.

PROCISSÃO MARÍTIMA - O MAIOR EVENTO NÁUTICO DAS AMÉRICAS !!! - Guia Turístico de Angra dos Reis e Ilha Grande. Disponível em http://www.angra2000.com.br/procissao_aol/festa.htm, acesso em 13 de agosto 2011.

RELIGIÃO e turismo na festa de Porto Rico. **Jornal do Noroeste**. Paranavaí, 3 de setembro de 1997. P. 8

RIBEIRO, Marcelo. **Festas populares e turismo cultural - inserir e valorizar ou esquecer?** O caso dos Moçambiques de Osório, Rio Grande do Sul. Pasos - Revista de turismo y patrimônio Cultural. Vol. 2 nº 1, 2004.

RIBEIRO, Wagner Costa. **Visões do Patrimônio**. Diálogos, DIH/PPH/UEM, v.10, n.3, p.89-94, 2006.

RIZZO, Luiz Carlos. Nossa Senhora dos Navegantes, a fé e a esperança de Porto Rico. **Folha de Londrina**. Londrina, 30 de agosto de 1978. P.24

ROSA, M. C. **Conservação da natureza, políticas públicas e reordenamento do espaço**: contribuição ao estudo das políticas ambientais no Paraná. São Paulo, 2000. 315 f. Tese (Doutorado em Geografia) USP - FFLCH, 2000.

RUSCHMANN, Doris. **Turismo e Planejamento Sustentável**. Campinas: Papirus, 1997.

SÁ, Luiz C. T. de. **Porto Rico, um porto pobre**. Maringá: 1998. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Arqueologia, Etno-história e Etnologia no Paraná) - Universidade Estadual de Maringá, 1998.

_____. **Dois Conceções sobre a ocupação humana da planície de inundação do alto rio Paraná**: vazio demográfico x região de conflitos. Maringá: UEM – Departamento de Ciências Biológicas e da Saúde. Dissertação de mestrado, 2001.

SÁ, Luiz Carlos Tavares de; TOMANIK, Eduardo Augusto. **Reconstrução histórica da (re)ocupação do noroeste do Estado do Paraná**: versões oficiais e situações vivenciadas. 2002.

SANTARELLI, Bruno Sudários. **Os Impactos sócio-culturais do turismo de massa no carnaval de São Luiz do Paraitinga**. Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharel em Turismo. UNESP: Rosana, 2008.

SANTOS, Andrea Paula dos. [Trajetórias da história social e da nova história cultural: cultura, civilização e costumes no cotidiano do mundo do trabalho](http://www.pg.cefetpr.br/ppgep/Ebook/cd_Simposio/artigos.html). IX Simpósio Internacional Processo Civilizador, 2005. Disponível em: http://www.pg.cefetpr.br/ppgep/Ebook/cd_Simposio/artigos.html, acesso em 15 de junho de 2009.

SANTOS, Claudfranklin Monteiro. A Festa como objeto de pesquisa histórica no campo da religiosidade. *In: XII Encontro Sergipano de História. Aracaju, 2008*. Disponível em www.gpcir.sites.uol.com.br/ce/claudefranklin.pdf, acesso em 13 de maio de 2010.

SANTOS, Moacir José dos; MURADE, José Felício G.; SANTOS, Luiz Carlos dos. **Festa de São Benedito**: Patrimônio Imaterial e Cultura Popular, 2009. Disponível em

folkcom%202009%20%20Festa%20de%20São%20Benedito%20Patrimônio%20imateria .pdf, acesso em 24 de novembro de 2009.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **História e memória: o caso do Ferrugem**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 23, n.46, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v23n46/a12v2346.pdf>, acesso em 15 de agosto de 2011.

SILVA, Eduardo Alexandre Ribeiro da. **Ilhados em Porto Rico. Do éden pessoal ao dilúvio social: a trajetória dos ex-ilhéus da Ilha Mutum**. Dissertação de Mestrado apresentado ao programa de Pós-Graduação em Ecologia de Ambientes Aquáticos Continentais, Departamento de Biologia da Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2002.

SILVEIRA, Éder da Silva. **História Oral e Memória: a construção de um papel de historiador-etnográfico**. Ciência e Conhecimento. Revista Eletrônica da Ubra de São Jerônimo. Vol. 01, 2007, História A2. Disponível em: http://www.cienciaeconhecimento.com.br/pdf/vol001_HiA2.pdf, acesso em 28 de novembro de 2010.

SOIHET, Rachel. **O drama da conquista na festa: reflexões sobre a resistência indígena e circularidade cultural**. Revista de Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, no. 9, pp. 44-59, 1992.

TOMAZI, Nelson Dacio. Construções e silêncios sobre a (re)ocupação do norte do estado do Paraná. In: DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo (Orgs.). **Maringá e o Norte do Paraná: estudos de história regional**. Maringá: Eduem, 1999. p.51-85.

UNESCO. **Convención para la salvaguardia del patrimonio cultural**. París, 2003. Disponível em <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/01852-ES.pdf>, acesso em 23 de maio de 2009.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. UEM/NUPELIA/PELD. **Economia, políticas públicas e qualidade de vida - Relatório anual do projeto**. Maringá, 2000.

VIOLANTE, Adriano Cerqueira. **Percepções anarquistas e sócio-ambientais de alguns ilhéus do Rio Paraná**. XXVII Encontro Nacional de Engenharia de Produção. A energia que move a produção: um diálogo sobre a integração, projeto e sustentabilidade. Foz do Iguaçu, PR, BR, 09 a 11 out. 2007. Disponível em http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2007_TR680489_0164.pdf, acesso em 2 de julho de 2011.

_____. **Moradores e turistas no município de Porto Rico, PR: percepção ambiental no contexto de mudanças ecológicas**. Maringá: UEM/Dep. De Biologia. Tese de doutorado, 2006.

VOLDMAN, Danièle. Definições e usos. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta M.. In: **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2002, pp. 33-41.

VOVELLE, Michel. **Ideologia e Mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ZANIRATO, Silvia Helena. A documentação fotojornalística na pesquisa histórica. *Trajetos: Revista de História UFC*. Fortaleza: UFC, vol. 2, nº 4, 2005.

_____. A fotografia de imprensa: modos de ler. *In: PELEGRINI, Sandra & ZANIRATO, Silvia Helena. Dimensões da imagem*. Maringá: EDUEM, 2005, p. 15-37.

_____. **Usos Sociais do Patrimônio Cultural e Natural**. Unesp - Fclas - Cedap, v.5, n.1, p.1-16 out. 2009. Disponível em: www.assis.unesp.br/cedap/patrimonio.../usos_sociais_patrimonio.pdf, acesso em 15 de novembro de 2009.